

Universidade Federal de Pelotas
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural



Dissertação de Mestrado

**Os significados do Lugar: memórias sobre a extinta fábrica Laneira
Brasileira S.A. (Pelotas / RS)**

Jossana Peil Coelho

Pelotas, 2017

JOSSANA PEIL COELHO

**Os significados do Lugar: memórias sobre a extinta fábrica Laneira
Brasileira S.A. (Pelotas / RS)**

Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Diego Lemos Ribeiro
Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Francisca Ferreira Michelin

Pelotas, 2017

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

C672s Coelho, Jossana Peil

Os significados do lugar : memórias sobre a extinta fábrica Laneira Brasileira S.A. (Pelotas / RS) / Jossana Peil Coelho ; Diego Lemos Ribeiro, orientador ; Francisca Ferreira Michelin, coorientador. — Pelotas, 2017.

128 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2017.

1. Patrimônio industrial. 2. Paisagem cultural. 3. Memória social. 4. Laneira brasileira s.a.. I. Ribeiro, Diego Lemos, orient. II. Michelin, Francisca Ferreira, coorient. III. Título.

CDD : 363.69

Jossana Peil Coelho

**Os significados do Lugar: memórias sobre a extinta fábrica Laneira Brasileira
S.A. (Pelotas / RS)**

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural, Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 07 de março de 2017

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Diego Lemos Ribeiro (Orientador)

Universidade Federal de Pelotas – UFPel

Prof.^a Dr.^a Francisca Ferreira Michelin (Coorientadora)

Universidade Federal de Pelotas – UFPel

Prof. Dr. Daniel Maurício Viana de Souza

Universidade Federal de Pelotas – UFPel

Prof.^a Dr.^a Beatriz Valladão Thiesen

Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Ao Marcelo, ao Bruno e minha Mãe, os quais me incentivaram, apoiaram, acreditaram e sempre torcem por mim, dedico este trabalho.

Agradecimentos

À Universidade Federal de Pelotas e ao Curso de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural.

A CAPES, pela bolsa de mestrado que recebi durante o meu segundo ano de curso.

Ao meu orientador, Diego Lemos Ribeiro, por ter aceitado, sem pensar muito, acompanhar-me nesta pesquisa, bem como pelo apoio, pelo incentivo e pela amizade.

À minha coorientadora, Francisca Ferreira Michelon, pela confiança, pelas oportunidades e pelo carinho a mim dedicados.

A esses dois professores, minha admiração e eterna gratidão, não apenas na realização deste trabalho, mas também ao longo da graduação e agora no mestrado. Que possamos continuar nossa parceria na minha nova fase acadêmica que se aproxima.

À professora Carla Rodrigues Gastaud, pelas valiosas sugestões na qualificação, por ser exemplo de profissional e por ser sempre tão gentil.

Aos Professores Daniel Maurício Viana de Souza e Beatriz Valladão Thiesen por terem aceitado participar da minha banca.

Aos meus colegas e amigos – Flávia, Gisele, Gislaine, José Paulo, Mariana, Noris e Ricardo –, pelo companheirismo, pelas palavras de apoio, pelo conhecimento trocado e, claro, pelas conversas descontraídas.

Aos alunos que participaram das atividades, pela dedicação, pelas informações e pela bagunça.

A todos os entrevistados, pelo tempo disponibilizado e por compartilharem comigo suas lembranças da Laneira S.A., vocês são a razão desta pesquisa.

Ao meu amor, Marcelo, pelo incentivo, pela paciência, pela confiança, pela compreensão e pelo apoio incondicional. Minha imensa gratidão por estar sempre ao meu lado.

Ao meu irmão Bruno, pelo imenso amor, pelas risadas e pela perene presença em minha vida.

À minha mãe, Ana, meu exemplo, por todo amor, dedicação e carinho.

Por fim, a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram ao longo da minha pesquisa e no desenvolvimento deste trabalho.

“... o luto é a memória da felicidade, uma forma particular de lembrar que marca passagem, no presente, de algumas coisas ou de pessoas de valor.”

Antoinette Errante, 2000

Resumo

COELHO, Jossana Peil. **Os significados do Lugar: memórias sobre a extinta fábrica Laneira Brasileira S.A. (Pelotas / RS)**. 2017. 128 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, RS.

Este trabalho objetiva verificar o reconhecimento, a valorização e a apropriação do patrimônio industrial da Laneira Brasileira S.A. através da construção de um inventário de memórias sobre esse patrimônio e seu entorno por meio de entrevistas e pelo emprego do inventário proposto pelo IPHAN no Programa Mais Educação, contribuindo assim para uma nova percepção sobre esse lugar, que colaborou para o entendimento de histórias de vida e valores, principalmente da comunidade do seu entorno, e por intermédio da metodologia empregada ajudará na reflexão dessa antiga fábrica como patrimônio industrial, evocador de memórias e elemento central de uma paisagem cultural.

Palavras-chave: Patrimônio Industrial. Paisagem Cultural. Memória social. Laneira Brasileira S.A.

Abstract

COELHO, Jossana Peil. **The place meanings: memories about the extinct factory Laneira Brasileira S.A. (Pelotas / RS)**. 2017. 128f. Dissertation (Master) – Post-graduation Programme in Social Memory and Cultural Patrimony of Federal University of Pelotas. Pelotas, RS.

This work aims to verify the industrial heritage recognition, appreciation and appropriation of Laneira Brasileira S.A. through the construction of a memories inventory about this patrimony and its surroundings through interviews and use of the proposed inventory by IPHAN in the Mais Educação programme, contributing this way to a new perception about this place, that cooperated for the life histories and values understanding, mainly the community of its surroundings, and through the used methodology will help in the reflexion of this ancient factory as an industrial heritage, memories evocative and central element of a cultural landscape.

Keywords: Industrial Heritage. Cultural landscape. Social Memory. Laneira Brasileira S.A.

Lista de Figuras

Figura 1	Localização da Laneira S.A.	21
Figura 2	Vista aérea da Laneira S.A. (década de 1980)	21
Figura 3	Fachada da Laneira S.A. (década de 1980)	22
Figura 4	Setor de classificação de lã	23
Figura 5	Setor de lavagem de lã	23
Figura 6	Recorte do Diário de Notícias, de 25 de julho de 1961	24
Figura 7	Máquina de cardagem de lã	26
Figura 8	Inauguração do refeitório – funcionários (década de 1950)	27
Figura 9	Pórtico da Estação Euston antes da demolição, Londres, 1960.	32
Figura 10	Mercado Central, Paris, 1944 – 1945.	32
Figura 11	Fundição Real Fábrica de Ferro São João do Ipanema, Iperó – SP, 1884.	33
Figura 12	Mapa de localização das escolas públicas do Fragata	59
Figura 13	Fachada da Laneira S.A.	61
Figura 14	Fachada da Laneira S.A.	62
Figura 15	Momento da atividade que eram mostradas as fotografias	62
Figura 16	Exemplo de Folha preenchida por um aluno durante a atividade	63
Figura 17	Exemplo de Folha preenchida por um aluno durante a atividade	63
Figura 18	Passos da entrevista de narrativa	67
Figura 19	Quadro de antigos funcionários entrevistados	69
Figura 20	Quadro entrevistados com algum tipo de relação com a Laneira	69
Figura 21	Entrevista com seu Luís	70
Figura 22	Material de papelaria da Laneira e primeira carteira profissional de José Luiz Soares Basílio	71
Figura 23	Localização dos setores da Antiga Laneira Brasileira S.A	73
Figura 24	Transporte de fardos de lã (década de 1960)	79
Figura 25	Depósito de fardos de lã	82
Figura 26	Semana de Prevenção de Acidentes no Trabalho. Ano 1984	84
Figura 27	Palestra durante a Semana de Prevenção de Acidentes no Trabalho. Ano 1984	85
Figura 28	Torneio de Futebol de Salão da SPAT. Ano 1984	85

Figura 29	Torneio de Futebol de Salão da SPAT – Equipe de funcionários da administração. Ano 1984	85
Figura 30	Marisa recebendo a premiação do concurso de Frases e Cartazes da SPAT-. Ano 1984	85
Figura 31	Time de Futebol da Laneira em 1991	86
Figura 32	Churrasco de fim de ano – Década de 1980	87
Figura 33	Gruta – Década de 1980	88
Figura 34	Sistematização das Narrativas	89
Figura 35	Localização do Memorial da Laneira na edificação (2014)	92
Figura 36	Resposta dos alunos para a pergunta se conhecem o prédio da Laneira, e no caso de resposta afirmativa, se sabem o que funcionava antigamente	95
Figura 37	Novos usos para a Laneira sugeridos pelos alunos durante a atividade escolar	96
Figura 38	Lãs e propaganda dos produtos da Laneira (1994)	98
Figura 39	Folha preenchida por um aluno durante a atividade escolar	100
Figura 40	Vista parcial da fachada. Ano 1994	100
Figura 41	Vista parcial da fachada. Ano 2015	100

Sumário

Introdução	13
Capítulo 1 – Conceituando a Laneira Brasileira S.A.	19
1.1 A Laneira Brasileira Sociedade Anônima	19
1.2 Patrimônio Industrial	30
1.3 Memória e Identidade	38
1.4 Paisagem Cultural	46
Capítulo 2 – A constituição do inventário de memórias	56
2.1 Inventário do Patrimônio nas escolas	56
2.2 Entrevistas	64
Capítulo 3 – As memórias da fábrica	77
3.1 A fábrica pelos seus agentes	77
3.2 Inventário de memórias e seus usos	90
Considerações Finais	102
Referências	108
Apêndices	116
Anexos	122

Introdução

Esta dissertação tem como objeto de pesquisa a antiga fábrica Laneira Brasileira S.A., localizada na cidade de Pelotas / RS, na Avenida Duque de Caxias do Bairro Fragata¹. Como o presente trabalho entende-a como um patrimônio industrial, percebe-se a importância de responder as seguintes indagações: Como essa fábrica, que se instala, opera, cessa sua produção, fica sem uso, e agora tem uma proposta de uso completamente diferente do inicial, alterou e altera seu entorno? Qual a relação do entorno com essa fábrica? Como eleger o que deve, ou não, ser preservado? Como intervir sem violar os elementos que suportam as memórias do lugar? Como intervir de modo a destacar o patrimônio industrial, dificilmente reconhecido como algo a ser preservado, estudado e valorizado? Essas indagações nortearam o andamento desta pesquisa, que objetiva verificar o reconhecimento, a apropriação e a valorização do patrimônio industrial da Laneira, principalmente pela comunidade do seu entorno.

Essas perguntas surgiram durante o trabalho anteriormente desenvolvido sobre a Laneira², cuja intenção, da autora, era conectar os conhecimentos adquiridos na sua primeira graduação em Arquitetura e Urbanismo, sobre patrimônio edificado, com os conhecimentos estudados sobre memória, no curso de Bacharelado em Museologia, o qual estava concluindo na época.

Sendo assim, a presente pesquisa levanta hipóteses sobre o patrimônio industrial, a Laneira, seu entorno e a comunidade do Bairro Fragata, contribuindo, assim, para uma nova percepção sobre esses lugares, que colaboraram para o entendimento de histórias de vida e valores de distintos grupos sociais. Diante disso, parte-se da premissa que uma parcela do Fragata tem potencial de paisagem cultural, de poder de evocação de memórias e de função identitária na extinta fábrica.

A Universidade Federal de Pelotas (UFPel), ao longo de sua trajetória, foi adquirindo vários imóveis significativos da história local, que são considerados

¹ Segunda a Lei Municipal nº 5.490, de 24 de julho de 2008, a área urbana é dividida em sete regiões administrativas, sendo: Fragata, Três Vendas, Centro, Areal, São Gonçalo, Laranjal e Barragem. Porém, em Pelotas os bairros ainda não existem legalmente, e essas áreas são popularmente chamadas de bairro, sendo assim, para fácil entendimento, neste texto, vamos nos referir à área administrativa Fragata como bairro.

² Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no curso de Bacharelado em Museologia de UFPel por Jossana Peil Coelho, em 2014.

patrimônios industriais da cidade de Pelotas³, entre eles, a Laneira, que foi adquirida no ano de 2010.

Anteriormente, esse imóvel foi sede de uma importante indústria de beneficiamento e comércio de lã, cujo início de funcionamento deu-se em 1949 e acabou tornando-se um referencial para a cidade, impulsionando o crescimento do bairro Fragata. No final da década de 1990, a fábrica entrou em declínio, desativando setores da indústria, até que, em 2003, decretou falência e teve o encerramento total de suas atividades. Suas instalações contam com um prédio de características fabris, marcando o seu uso inicial, com uma planta livre, fachada simplificada e aberturas padronizadas, além da fachada principal ser em tijolo à vista, revestimento pouco comum para a época da sua construção (MELO, 2012).

Considera-se, assim, a Laneira um exemplar de patrimônio industrial, levando em consideração a definição desse patrimônio conforme a carta de Nizhny Tagil⁴, principal documento sobre patrimônio industrial, ou seja, aquilo que “compreende os vestígios da cultura industrial, que possui valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico”.

Conforme citado acima, os patrimônios industriais possuem diferentes valores, mas cabe salientar o valor social que reveste esse patrimônio “como parte do registro de homens e mulheres comuns e, como tal, confere-lhes um importante sentimento identitário” (TICCIH, 2003, p. 4). Esse mesmo documento mostra a importância de inventariar o patrimônio industrial, sendo o inventário uma ferramenta fundamental para estudar o patrimônio, devendo incluir entre diversos objetos e diferentes documentos as memórias dos ex-funcionários, pois “constituem uma fonte única e insubstituível e devem ser também registradas e conservadas, sempre que possível” (TICCIH, 2003, p.6).

Todos os elementos sugeridos pela Carta de Nizhny Tagil para o inventário do patrimônio industrial são elementos que, segundo a Declaração de Quebec⁵, fazem parte do Espírito do Lugar, definido pelo documento como:

os elementos tangíveis (edifícios, sítios, paisagens, rotas, objetos) e intangíveis (memórias, narrativas, documentos escritos, rituais, festivais,

³ Consideração retirada da publicação Patrimônio cultural edificado da Univeridade Federal de Pelotas: primeiro estudo. E os imóveis de extintas fábricas adquiridos pela UFPel são o Frigorífico Anglo, Laneira, Cosulã, Cotada e Cervejaria Sul-riograndense ou Brahma.

⁴ Documento elaborado durante a reunião do The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (TICCIH), em julho 2003, na Rússia.

⁵ Documento elaborado durante a 16ª Assembleia Geral do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS), de 29 de setembro a 4 de outubro de 2008, em Quebec no Canadá.

conhecimento tradicional, valores, texturas, cores, odores, etc.) isto é, os elementos físicos e espirituais que dão sentido, emoção e mistério ao lugar (ICOMOS, 2008, p. 2).

Os elementos que definem o espírito do lugar são os mesmos que auxiliam na constituição de uma identidade, que segundo o antropólogo Joël Candau (2012), é uma construção social, que se desenvolve com a interação de indivíduos, a qual causa um sentimento de pertencimento de cada um a determinado grupo, o que é construído pela memória. Assim, a perda da memória faz a identidade desaparecer, por isso a importância de manter vivas as memórias para que os indivíduos não se tornem anônimos, sem identidade.

A Carta de Nizhny Tagil também destaca as trocas sociais da comunidade interna do espaço fabril (os antigos trabalhadores da Laneira) com a comunidade que atua em seu entorno (os moradores e os transeuntes). A Carta aponta, em diversos trechos, que os patrimônios industriais atuam, em seus territórios, como quando sugere a proteção legal, entre outros, das edificações, dos maquinários e das paisagens industriais.

Assim, ao perceber as paisagens industriais como paisagens culturais, entende-se que são “territórios nos quais a interação do homem com o meio ambiente cria marcas e características especiais” (IPHAN, 2013a, p. 14) Diante disso, pode-se pensar na possibilidade de que a Laneira com seu entorno seja uma paisagem cultural, uma vez que, segundo o III Plano Diretor de Pelotas⁶, a avenida onde a fábrica está instalada é a principal via do bairro, no qual se encontram as principais atividades e serviços locais, e o seu canteiro central é um espaço público aberto na forma de parque linear.

Dessa forma, atentando para além da conservação física da edificação, deve-se preservar outras informações do bem e do seu entorno, que, em conjunto, dão sentido a esse patrimônio, tais como: registros documentais, arquivos da empresa, projetos arquitetônicos e, principalmente, as memórias de pessoas que, de alguma forma, interagiram com esse bem naquele espaço⁷.

⁶ Pelotas. Lei municipal nº 5.502 de 11 de setembro de 2008, que institui o Plano Diretor Municipal e estabelece as diretrizes e proposições de ordenamento e desenvolvimento territorial no Município de Pelotas, e dá outras providências.

⁷ Deve-se atentar que ao longo desse trabalho os termos espaço, lugar e paisagem foram usados conforme os conceitos do geógrafo Milton Santos (2014); onde espaço é o conjunto indissociável de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, que contém uma fração de sociedade em movimento. Lugar é uma porção do espaço ligado ao sentimento, identidade e pertencimento. E

Porém, as edificações que ficam por um longo tempo sem uso, como é o caso da Laneira, ficam fadadas ao esquecimento e perdem informações em consequência da deterioração e/ou do vandalismo. Aqui as referências são sobre as informações físicas, mas que ancoram os valores imateriais, assim, algumas dos dados que justificam seu valor cultural, histórico e, principalmente, social perdem-se gradualmente, o que pode ser irreversível e enfraquecer esses valores. Logo, faz-se necessária a busca pelas informações extrínsecas ao prédio, as quais justificam a sua preservação tais como objetos, documentos e fontes orais, que, como visto, são de grande importância para o patrimônio industrial e colaboram para que o descaso da falta de uso não traga o apagamento da Laneira nas memórias da comunidade.

Dessa forma, como já aqui colocado, tem-se como objetivo geral verificar o reconhecimento, a apropriação e a valorização do patrimônio industrial da Laneira, principalmente pela comunidade do seu entorno. Diante disso, parte-se da hipótese de que a parcela do Fragata, onde se encontra a Laneira, tem potencial de paisagem cultural, de poder de evocação de memórias e de função identitária nessa extinta fábrica.

Dentre os objetivos específicos propostos, considera-se que este trabalho buscou localizar, recolher e sistematizar as memórias da fábrica Laneira Brasileira S.A., além de constituir uma coleção de fragmentos da fábrica a partir de documentos, restos, e/ou objetos referentes à Laneira, no seu período de funcionamento, e com esses contribuir para o histórico da fábrica. Além disso, almeja-se, também, identificar os espaços de sociabilidade e de trabalho, bem como contribuir para os estudos sobre patrimônio industrial da cidade de Pelotas e região, além de inserir a Avenida Duque de Caxias, no lugar onde a Laneira está instalada, como paisagem industrial e cultural, sem deixar responder as perguntas colocadas inicialmente nesse texto.

Para a concretização desta pesquisa, foram realizados os seguintes procedimentos metodológicos: a revisão da bibliografia, especialmente sobre os temas do patrimônio industrial, memória, identidade, paisagem cultural e histórico da antiga fábrica Laneira Brasileira S.A.; a aplicação do inventário do patrimônio cultural proposto no Manual de Educação Patrimonial, dentro do Programa Mais Educação,

paisagem está ligada ao domínio do visível, é a porção do espaço que a vista alcança, formada por volumes, cores, movimentos, sons, etc. que revelam as relações sociais.

publicado e elaborado pelo IPHAN⁸, em escolas públicas do Bairro Fragata, que se destaca como principal metodologia utilizada.

A partir da interação com moradores do Fragata, identificou-se, dentro da comunidade da Laneira e do próprio bairro, possíveis entrevistados, como antigos trabalhadores da fábrica, moradores do bairro, pessoas que não viram ou não se lembram da indústria em atividade, mas que ouviram de seus antepassados, pessoas que interagiram com esse patrimônio e que possuem memórias desse espaço fabril e muitas histórias sobre a Laneira. Diante disso, foram realizadas entrevistas para coleta das memórias da fábrica, e identificação de novos potenciais entrevistados gerando uma rede de diferentes indivíduos dentro da comunidade do Bairro Fragata.

Por fim, foi efetuada a análise dessas entrevistas para inventariar as memórias relacionadas da comunidade do contexto Fragata-Laneira. Para auxiliar na análise, foi feita uma pesquisa documental, buscando documentos e fotografias⁹ que auxiliaram na identificação de elementos que surgiram no inventário e/ou nas memórias dos entrevistados que não se encontram mais em seus locais de origem e suportam essa memória do local.

Este trabalho está dividido em três capítulos; o primeiro apresenta o nosso objeto de estudo – a antiga fábrica Laneira Brasileira S.A. – e os conceitos que norteiam a pesquisa: patrimônio industrial, memória e identidade, e, por fim, paisagem cultural. No segundo capítulo, foram descritos e detalhados o processo metodológico usado para constituir o inventário de memórias proposto para a Laneira. Por fim, no terceiro capítulo, expuseram-se os resultados, bem como a análise deles, quando foram exibidas as memórias coletadas a partir do olhar dos entrevistados, localizando-as no espaço, indicando os usos do espaço fabril e apresentado o inventário de memórias, oferecendo o possível uso dele, sendo que este inventário faça parte do acervo do Memorial da Laneira e através de uma exposição.

Nesse trabalho apresentamos um ensaio para essa exposição, onde se apresenta como um meio de extroversão dos dados adquiridos durante a pesquisa,

⁸ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

⁹ Os principais documentos e fotografias utilizados durante essa pesquisa são pertencentes à coleção LBSA da Fototeca Memória da UFPel. A Fototeca é um projeto de ensino no qual sua missão é recolher e sistematizar as coleções fotográficas sobre a história da UFPel, tratando-as segundo os princípios da documentação museológica. A autora faz parte desse projeto como voluntária.

principalmente das entrevistas, expondo não apenas para a comunidade da qual estamos tratando, mas também para um grande público, para aqueles que tenham interesse em conhecer esse bem, e, assim, compartilhar essas memórias com o maior número de pessoas. Além de proporcionar a interação entre as gerações que participaram da pesquisa e através dos visitantes aumentar a rede de entrevistados em potencial e cadastrar possíveis objetos para o acervo do Memorial da Laneira.

Além disso, objetiva-se expor não apenas a materialidade da Laneira, mas também demonstrar a imaterialidade, para que se mantenha o espírito do lugar vivo, como recomenda a Declaração de Quebec (2008, p.4), que a comunicação é a melhor maneira para que isso ocorra. Dessa forma, ajuda-se na preservação dessas memórias e, conseqüentemente, contribui-se para manter a identidade dos agentes da Laneira.

Vale atentar que partiu-se do princípio que o objeto de pesquisa se trata de um patrimônio industrial, logo torna-se relevante valorizar os fatores históricos e sociais desse bem.

Diante disso, buscou-se desenvolver um trabalho que mostrasse - além das propriedades físicas, as quais evidenciam os elementos identificadores de uma comunidade e provocadores de memórias e as marcas do prédio - as lembranças das pessoas que por ali passaram e fizeram parte da memória do local. Esse olhar tanto para a materialidade quanto para a imaterialidade da Laneira foi possível, tanto pela formação da autora em Arquitetura e Museologia, pois auxiliou na compreensão do que é um espírito do lugar, mas principalmente pela metodologia adotada.

Tal metodologia deu-se através da atividade nas escolas do inventário proposto pelo IPHAN, que precisou ser adaptada e se tornou um diferencial nessa pesquisa, também por atender os objetivos do trabalho, os quais foram aprovados perfeitamente, a qual talvez possa ser usada em outros patrimônios. As entrevistas, assim como as atividades escolares, também funcionaram como almejado, sendo o que dão o real sentido dessa pesquisa, pois são elas que completam o espírito do lugar com o que restou do espaço fabril, a edificação, autenticando a importância dos agentes da sua participação efetiva junto ao patrimônio, seja em qual fase da sua existência, mas principalmente, quando ele encontra-se sem uso, com tendência ao silenciamento, como será observado ao longo do texto.

Capítulo 1

Conceituando a Laneira Brasileira S.A.

Este capítulo apresenta o objeto de estudo, a antiga fábrica Laneira Brasileira S.A., bem como os conceitos que norteiam a pesquisa, como patrimônio industrial, fazendo um panorama desde o surgimento das primeiras preocupações com esse patrimônio, apresentando os seus valores (cultural, histórico, técnico e social) e focando na carta de Nizhny Tagil, principal documento sobre esse patrimônio. Discorre-se, também, sobre memória e identidade, focalizando mais precisamente na memória social e demonstrando como esses termos dependem um do outro. Por fim, será feita uma análise sobre paisagem cultural, mais precisamente sobre paisagem industrial, como um ambiente histórico e cultural, contínuo, dinâmico e cheio de resquícios e lembranças. Os conceitos aqui expostos são apresentados e contextualizados com o objeto da pesquisa.

1.1 A Laneira Brasileira Sociedade Anônima

A escolha pela Laneira S/A como nosso objeto de pesquisa, como já dito anteriormente, deu-se em pesquisa que antecedeu a esta, na qual, dentre os imóveis identificados pelo Núcleo de Patrimônio Cultural da UFPel (NPC)¹⁰ como patrimônios edificados da UFPel, destacava-se como um patrimônio industrial, com valor histórico e social, além de um local de relevância para a cidade, com um potencial de evocador de memórias, além de possuir um projeto de reciclagem e requalificação inovador.

Para conhecer melhor o objeto, entender o porquê da sua patrimonialização, e verificar o quanto há de memória que pode ser evocada no espaço fabril, não só do trabalho, mas das diversas relações sociais que se desenvolveram a partir dessa edificação, faz-se um breve histórico dessa fábrica, que vai desde sua construção até a proposta de uso atual. Grande parte das informações aqui colocadas tem

¹⁰ Núcleo vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, que tem por missão planejar e executar a política institucional para a salvaguarda do patrimônio cultural da Instituição e de agir para a conservação, documentação, guarda e divulgação desse patrimônio. As atividades do Núcleo foram cessadas em abril de 2016, tendo continuidade apenas em janeiro de 2017 como Coordenadora de Patrimônio Cultural e Comunidade.

como fonte a monografia Identificação de suportes de memória no prédio da extinta fábrica Laneira Brasileira S.A.¹¹.

A Laneira Brasileira S/A iniciou com empreendimento do senhor Moyses Llobera Gutes, um industrialista espanhol, que residia em Petrópolis, no Rio de Janeiro. Inicialmente, a indústria foi registrada como uma sociedade de cotas de responsabilidade limitada, Laneira Brasileira Ltda, em cinco de novembro de 1945, com sede social na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, tendo como atividade o beneficiamento de lã. Em 8 de dezembro de 1948, ocorreu a mudança do contrato social, em que a sociedade de cotas mudou para sociedade anônima, e sua denominação passou para Laneira Brasileira Sociedade Anônima Indústria e Comércio.

A fundação da Laneira ocorreu em uma época de valorização da lã no Rio Grande do sul, que se iniciou na década de 1930 e chegou à década de 1940, sendo considerado o melhor período para a ovinocultura. Tal situação acarretou, no ano de 1945, no surgimento das primeiras cooperativas de lã no estado, estimulando a produção laneira, chegando à década de 1960, conforme Viana (2015), a ovinocultura como maior riqueza existente nos campos, denominando a lã como “ouro-branco”.

Na mesma época da mudança do contrato social, iniciou-se o processo de transferência da fábrica para Pelotas, que ocorreu devido à localização da cidade ser mais apropriada para o comércio do seu produto, já que possuía proximidade com as vias comerciais de produção de lã no estado do Rio Grande do Sul e o seu porto, que vinha sendo ponto estratégico de convergência para importação e exportação de lã.

Para a instalação da fábrica em Pelotas, foi adquirido, em 1949, um prédio de alvenaria situado no Bairro Fragata, na Avenida Duque de Caxias (Figura 1). A escolha desta localização pode ser atribuída a proximidade com o Arroio Santa Bárbara, que na época passava ao fundo do terreno¹², uma vez que o processo de beneficiamento de lã requer água em grande quantidade.

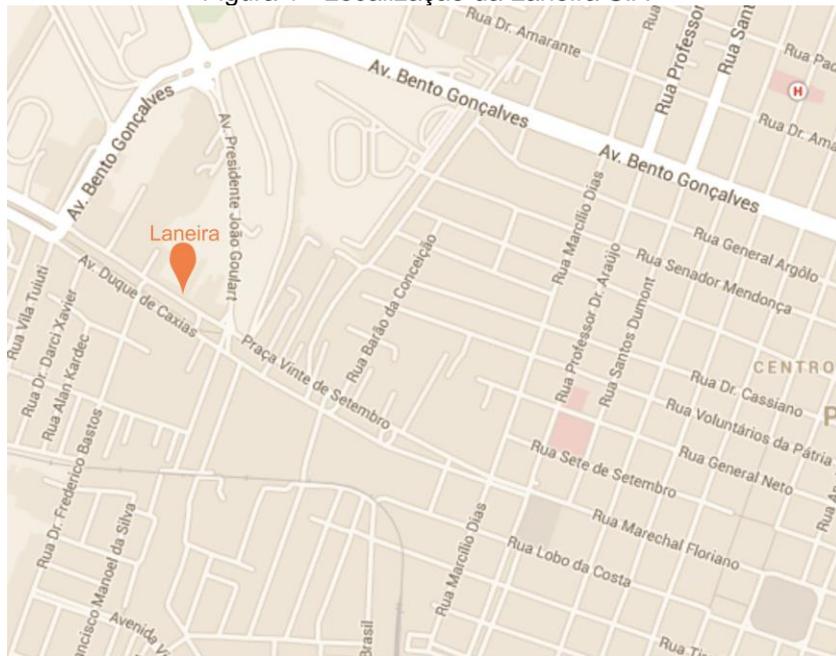
Nos anos de 1952 e 1953, foram adquiridos mais dois terrenos e uma casa limítrofes à fábrica, sendo incorporados à planta da indústria. A partir desses dados,

¹¹ A monografia citada é de mesma autoria desta pesquisa. COELHO, Jossana Peil. Identificação de suportes de memória no prédio da extinta fábrica Laneira Brasileira S.A. Monografia (Graduação) Curso de Bacharelado em Museologia. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, RS. 2014.

¹² O Arroio Santa Bárbara teve seu leito desviado possivelmente no início da década de 1970.

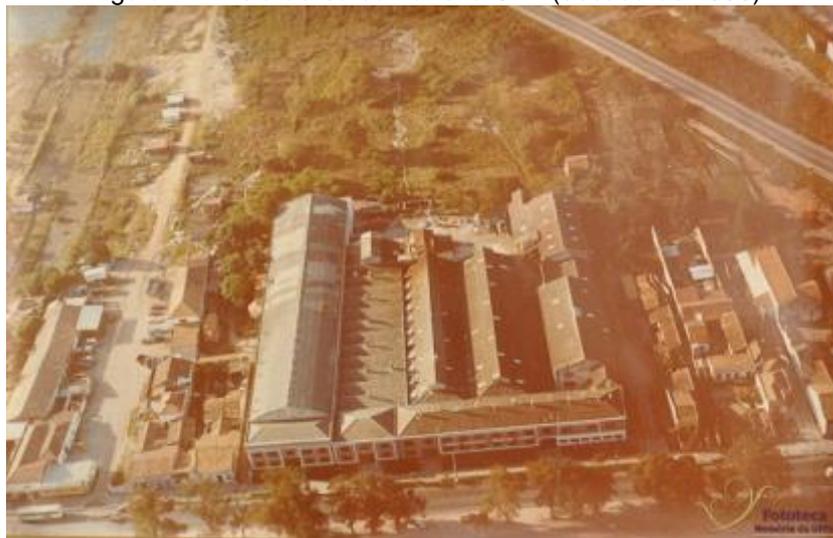
extraídos de escrituras e registros de imóveis¹³ e da entrevista com a D. Geni da Silva Basilio¹⁴, moradora do bairro Fragata, acredita-se que os imóveis adquiridos foram destruídos para dar lugar ao novo prédio da fábrica. Na década de 1950, a Laneira contava com uma área coberta de cinco mil, seiscentos e dezoito metros quadrados (5.618 m²), compreendendo quatro pavilhões, mais a parte de escritórios administrativos e um piso superior (Figura 2).

Figura 1 - Localização da Laneira S.A



Fonte: Autora, 2014.

Figura 2 – Vista aérea da Laneira S.A. (década de 1980)



Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPel.

¹³ Documentos em guarda da Fototeca Memória da UFPel

¹⁴ Entrevista realizada pela autora em 3 de setembro de 2015.

O projeto da fábrica é atribuído ao Engenheiro Paulo Ricardo Levacov, estudioso da arquitetura de Frank Lloyd Wright¹⁵, que, embora fosse recém-formado pela Faculdade de Engenharia de Porto Alegre, já demonstrava forte talento, confirmado posteriormente, pois o Sr. Levacov tornou-se um profissional reconhecido na capital gaúcha, em virtude dos variados projetos inovadores, com os quais ele obteve reconhecimento internacional¹⁶.

As habilidades do projetista da Laneira são notáveis, projetou um edifício semelhante a um grande galpão, seguindo a tendência da época: plantas livres, fachadas simplificadas e aberturas padronizadas. No entanto, a maior preocupação do projeto foi sua estrutura e sua funcionalidade, como defendia o arquiteto Lloyd Wright, para que desse apoio para toda a produção, desde o acesso à matéria-prima (lã suja) até a lã limpa e empacotada. Na fachada (Figura 3), foram usados tijolos à vista, textura muito usada por Lloyd Wright, mas pouco comum ainda na região naquela época, confirmando a tendência inovadora do projetista¹⁷.

Figura 3 - Fachada da Laneira S.A. (década de 1980)



Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPel.

¹⁵ Arquiteto modernista e estadunidense, que defendia a “arquitetura orgânica”, para a qual o conjunto arquitetônico deve ser pensado de dentro para fora, com preocupação maior com o indivíduo que nele irá usar, levando em conta as necessidades das pessoas e a harmonia com o entorno. Um grande exemplo de suas obras é museu Guggenheim de Nova York (1959). Fonte: <http://portalarquitetonico.com.br/frank-lloyd-wright/>. Acesso em: 15 maio 2016.

¹⁶ Informações cedidas pelo Sr. Roberto Levacov Neto, filho do engenheiro Levacov, por email enviado à autora em 28 de março de 2016.

¹⁷ Informações cedidas pelo Sr. Roberto Levacov Neto, filho do engenheiro Levacov, por email enviado à autora em 28 de março de 2016.

Concomitantemente à construção da fábrica, no início dos anos 1950, foi transferido para Pelotas todo o maquinário de Porto Alegre e importadas novas máquinas para a lavagem da lã. Na mesma época, a Laneira já começava a se tornar conhecida no município (MELO, 2012).

Os procedimentos realizados para o tratamento da lã, que ocorriam na Laneira naquela época, começavam pelo trabalho manual, feito geralmente por mulheres, a classificação da lã (figura 4); depois, era feita a lavagem, realizada em maquinários (figura 5); em seguida, era seca em esteiras, para após ser prensada e enfardada para ser vendida. A lã utilizada nesse processo vinha de outros municípios do Rio Grande de Sul, como Bagé, Santana do Livramento e Uruguaiana, além de cidades uruguaias cujo material chegava a Pelotas pela Estação Férrea.

Figura 4 - Setor de classificação de lã



Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPel.

Figura 5 - Setor de lavagem de lã



Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPel.

No início da década de 1960, a fábrica já era reconhecida por contribuir com o desenvolvimento econômico do estado, informação presente na reportagem do periódico Diário de Notícias, de 25 de julho de 1961 (figura 6), que noticiava a visita do então Secretário da Fazenda do Estado, Gabriel Obino, à Laneira, em companhia do Prefeito de Pelotas, João Carlos Gastal, e do Diretor-Presidente da empresa, Eugênio Martins Pereira, atribuindo à Laneira o título de uma das mais importantes indústrias do estado, que, além de fornecer matéria-prima para os centros industriais do país, também, ao exportar a lã beneficiada, representava um fator positivo para a economia gaúcha.

Figura 6 – Recorte do Diário de Notícias, de 25 de julho de 1961



Fonte: Biblioteca Nacional Digital.

A indústria passou por um processo de expansão na década de 1970, mesmo afetada pela crise mundial da lã¹⁸ da época, em 1972, adquiriu um armazém vizinho, o qual foi incorporado à planta industrial como espaço para começar a produzir o pré-fio (conhecido como tops de lã, que é a matéria-prima para a fiação) e efetuar sua lavagem. A fábrica, ao final da década de 1970, ganhou, então, a sua

¹⁸ Crise desencadeada quando o principal produtor mundial, a Austrália, criou um sistema de comercialização com a finalidade de gerar mecanismos de proteção no comércio de lã, baseado em grandes compras e vendas de lã com o intuito de regular o preço do seu grande estoque.

forma atual, com uma área construída de nove mil quatrocentos e sessenta metros quadrados (9.460 m²) no térreo, quinhentos e setenta e seis metros quadrados (576 m²) no porão e dois mil oitocentos e treze metros quadrados (2.813 m²) no segundo pavimento, totalizando uma área de doze mil oitocentos e quarenta e nove metros quadrados (12.849 m²). Na mesma época, a fábrica buscou o mercado internacional para realizar exportação do seu produto, sendo as maiores importadoras a Alemanha, a França e a Inglaterra (MELO, 2012, p.64).

Logo a seguir, no ano de 1974, devido à crise citada acima, foi reduzida a comercialização da safra de lã, mas para obter uma renda extraoperacional, o pavilhão de entrada e classificação da lã foi disponibilizado, provisoriamente, para armazenagem de cereais e outros produtos.

A expansão da Laneira continuou e, em 1976, associou-se ao Lanifício do Rio Grande do Sul Thomaz Albornoz, com sede em Santana do Livramento/RS, cujas principais atividades eram a fabricação de tops de lã, sendo considerada uma concorrente no estado e no país. Em decorrência, também em 1976, a Albornoz tornou-se a empresa majoritária, comprando o controle do principal acionista e logo de outros acionistas pelotenses. Essa união fez dessa empresa a maior exportadora de tops no Brasil, fato que se deve por estar no Rio Grande do Sul a maior concentração de criação de ovinos. Na década de 1980, a indústria acrescentou em suas atividades o processo de fiação de lã e, na década seguinte, o tingimento dos fios.

Entre os anos de 1977 e 1980, a Laneira foi beneficiada por incentivos fiscais de exportação do governo, que tinha interesse em expandir as exportações brasileiras; contribuindo, assim, para a continuidade do crescimento da Laneira. Entretanto, em 1981, os incentivos fiscais foram retirados pelo governo, causando um desgaste na indústria e restrições à empresa na área de crédito. Com isso, iniciou-se uma fase de dificuldades e começaram as negociações junto às cooperativas de lã, que eram suas fornecedoras, e com alguns bancos com os quais a Laneira possuía crédito.

Esse lanifício estava sempre em crescimento, pois na década de 1980, inseriu em suas atividades a fiação de lã e, aproximadamente em 1990, o tingimento dos fios. A sua produção era constante, sendo a jornada de trabalho dividida, inicialmente, em três turnos de oito horas diárias. Já na década de 1990, a jornada passou a ser de seis horas diárias, divididas em quatro turnos.

O trabalho fabril que ocorreu nos últimos anos da Laneira era complexo, a lã passava por diversas etapas, os primeiros procedimentos eram, consoante com o que foi dito anteriormente, exatamente os mesmos que nos primeiros anos da fábrica. Após todas as suas expansões, a lã seca ou era prensada e enfardada, ou era levada para a fábrica de tops, onde era classificada pela finura e qualidade; depois, ocorria nova lavagem, logo era cardada (Figura 7): processo que eliminava possíveis impurezas que permaneciam nas lavagens e transformava a lã em fita (estado contínuo). A seguir, a lã cardada passava pela penteagem, quando eram removidas as partes curtas da fibra para a uniformização do comprimento. Por fim, ia para a fiação e logo para o tingimento. O produto final era comercializado na própria loja da fábrica e para outras empresas.

Figura 7 - Máquina de cardagem de lã



Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPel.

Além dos espaços de trabalho, a Laneira também contava com ambientes de sociabilidade – o refeitório e o pátio –, usados para proporcionar atividades de lazer como festas de fim de ano, uma maneira de valorização dos seus trabalhadores, ou mesmo de fidelização. Com esse fim também, em distintos períodos, proporcionava à sua equipe cestas de natal, gratificações financeiras anuais, treinamentos para qualificação do trabalho, promoções para mudanças de cargo, refeições e assistência médica. Além disso, organizavam-se excursões e campeonatos de futebol, já que podia contar com o Grêmio Atlético Laneira, considerado o melhor time entre as fábricas de Pelotas.

Figura 8 - Inauguração do refeitório – funcionários (década de 1950)



Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPel.

Os impactos da crise mundial da lã somaram-se à elevação da preferência das indústrias têxteis e dos consumidores pela fibra sintética e pelo algodão, na década de 1980, que, conforme Viana (2015), foi o pior momento da história da lã, e até chamado de “década nefasta”, chegando ao final da referida década com uma grande queda da ovinocultura. A Laneira foi atingida diretamente nessa conjuntura, o que foi confirmado pelas entrevistas com os antigos funcionários, caracterizando a década de 1990, como o período das dificuldades, época em que os salários foram parcelados, setores sendo desativados e a produção sendo reduzida.

Como consequência dessa crise, em março de 2003, a Lanifício Albornoz requereu a falência da Laneira, homologada imediatamente; assim, a empresa foi desanexada de sua controladora, encerrando as atividades restantes no mês seguinte. Com o fechamento da fábrica, houve a retirada do maquinário e móveis da edificação, para serem vendidos com o objetivo de sanar dívidas com antigos funcionários. Foram mantidas na edificação apenas duas prensas, que não possuíam valor de mercado.

O prédio permaneceu fechado até fevereiro de 2010, quando foi adquirido pela UFPel, que subutiliza seu espaço desde então. Com a compra, inicialmente, a intenção, conforme reportagem da época¹⁹, veiculada na página da Universidade,

¹⁹ Reportagem da Coordenadoria de Comunicação Social (CCS) da UFPel, disponível em: <http://ccs.ufpel.edu.br/wp/2010/02/22/ufpel-anuncia-compra-da-laneira/>. Acesso em: 1 maio 2014.

era de consolidar o Campus Saúde, além de propiciar um espaço cultural e um espaço para novos cursos a serem criados pela Universidade.

O espaço fabril abriga, atualmente, em parte de um dos seus pavilhões, de forma provisória, o Depósito de Bens Fora de Uso (Inservíveis). Há uma pequena área que é utilizada como espaço para exposições temporárias e esporádicas, tanto para as diversas exposições curriculares do Centro de Artes da própria universidade, como também de outros cursos, como principal exemplo, a exposição *Memória de Fábrica: A Laneira Brasileira S. A.*, que ocorreu de 29 de março a 13 de abril do ano de 2012, na qual foram expostas as fotografias do acervo da Fototeca Memória da Universidade Federal de Pelotas e demais objetos que serão parte do acervo do Memorial da extinta indústria, que será localizado na própria Laneira.

O prédio lateral, onde funcionavam as funções administrativas, foi destinado para abrigar o Hospice, setor do Centro Regional de Cuidados Paliativos do Hospital-Escola (HE) da UFPel. Em fevereiro de 2014, começou a obra de reforma nessa parte; a qual, hoje, todavia, encontra-se parada. As demais áreas que não possuem nenhum tipo de uso encontram-se abandonadas e sofrendo ações do tempo, apresentando diversas patologias e danos relevantes à estrutura da edificação e, conseqüentemente, aos elementos que dão suporte à memória da fábrica.

Conforme dito anteriormente, o NPC fez uma ação para identificar os bens imóveis da Instituição, e nessa pesquisa constatou-se que, mesmo com todo o seu valor histórico e social, a Laneira não possuía nenhum tipo de proteção legal. Então, por meio da Reitoria da Universidade, foi feita uma solicitação de inclusão no Inventário do Patrimônio Histórico e Cultural de Pelotas²⁰ para a Secretaria de Cultura do município, sendo aceito, e, em 8 de novembro de 2013, por intermédio de assinatura do decreto nº 5.685, pelo prefeito municipal, houve a inclusão de vários imóveis na lista, entre eles a Laneira, enquadrando-a no nível de proteção II, que, conforme o III Plano diretor, no artigo 69, define:

II - Nível 2: Inclui os imóveis componentes do Patrimônio Cultural que ensejam a preservação de suas características arquitetônicas, artísticas e decorativas externas, ou seja, a preservação integral de sua(s) fachada(s) pública(s) e volumetria, as quais possibilitam a leitura tipológica do prédio. Poderão sofrer intervenções internas, desde que mantidas e respeitadas suas características externas. Sua preservação é de extrema importância

²⁰ Lei nº 4568 de 7 de julho de 2000, que declara áreas da cidade como zonas de preservação do patrimônio cultural de Pelotas (zppc's) e lista seus bens integrantes.

para o resgate da memória da cidade (PELOTAS, 2008, p. 21).

O pedido de inclusão no Inventário foi feito levando em consideração que a edificação é um patrimônio industrial, conforme mostrado anteriormente, e está localizada na Avenida Duque de Caxias, que, também, conforme o Plano Diretor, é uma Zona de Proteção de Patrimônio Cultural (ZPPC) do município. A partir de então, tal edificação passou a ter uma proteção legal e todo tipo de intervenção deve acontecer visando ao cumprimento dessas determinações, o que previne que o bem sofra descaracterizações e, em caso extremo, possa desaparecer, ocasionando perda irreparável para toda a comunidade.

Quanto à proposta de novo uso, há um projeto arquitetônico de reciclagem e requalificação desenvolvido para a Laneira, intitulado Laneira Casa dos Museus, que foi uma ação executada por um projeto de ensino da própria Universidade iniciado em final de 2013 com duração de um ano, coordenado pela professora Francisca Ferreira Michelin, intitulado Reciclagem e Requalificação de Espaço Industrial para a implementação de Museus Inclusivos. Tendo por missão ser um lugar de integração entre a universidade e a sociedade em uma área de cultura, de ensino, pesquisa e extensão no campo do patrimônio cultural e dos museus.

O projeto arquitetônico atende a dois grandes pontos de relevância: ser uma proposta integralmente acessível, voltada para a comunicação, a pesquisa e para o ensino por meio de recursos assistivos e inclusivos, com base nos princípios do Desenho Universal²¹; colaborar para a sua preservação e qualificação da paisagem, uma vez que segue as normativas em que o prédio se enquadra, que é o Inventário do Patrimônio Cultural de Pelotas e a sua localização em uma Zona de Preservação do Patrimônio Cultural.

A proposta desse projeto é que a Laneira abrigue uma área de ensino, com o Curso de Bacharelado em Museologia, o Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis e o Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural; e uma área de eventos, com um anfiteatro, três salas de conferência, uma sala de projeção e um café; e uma área cultural, que contará com a Biblioteca Retrospectiva da UFPel, o Memorial da Laneira, o Memorial do

²¹ O Desenho Universal aplicado a um projeto consiste na criação de ambientes e produtos que possam ser usado por todas as pessoas, na sua máxima extensão possível (MACE apud CORREA, 2013, p. 8).

Telefone, o Museu de Antropologia e Arqueologia, o Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter e o Museu da UFPel (anexo I).

Os espaços, que são apresentados para ocupar a Laneira, foram elencados por possuírem afinidades em suas funções e por serem usos que ou estão em prédios alugados, como os da área de ensino e o Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter, ou ainda não possuem um local, como os demais museus e a Biblioteca Retrospectiva. Além da necessidade de a Universidade possuir um amplo e acessível auditório, faz-se necessário atentar para o fato de que o uso de uma edificação em comum por esses setores é uma proposta inovadora do ponto de vista da gestão de museus, uma vez que essa solução de ocupação também está voltada para o melhor aproveitamento de recursos materiais e humanos.

Esse projeto, além de se comprometer em transformar a antiga fábrica em um espaço universitário qualificado, também busca uma adequada harmonia entre a acessibilidade universal e a valorização do patrimônio industrial, com consciência sobre a responsabilidade do seu valor social, das memórias impregnadas em elementos da edificação e na manutenção do papel que cumprem na paisagem.

Importante ressaltar que uma comissão formado por integrantes de diversas unidades da UFPel elaborou e apresentou o texto da resolução, o qual da existência e finalidade à Laneria Casa dos Museus. E o projeto arquitetônico encontra-se concluído, mas ainda não deu início às obras, portanto o prédio encontra-se com apenas uma área sendo subutilizada pelo setor de inservíveis, como já dito, mas sem receber manutenções necessárias, apresentando, diante disso, diversas patologias pelos processos de deterioração e vandalismos, contrariando a lógica preservacionista, uma vez que, como afirma o arquiteto Carlos Lemos (2006, p.69) que “a primeira norma de conduta ligada ao ‘como preservar’ é manter o bem cultural, especialmente o edifício, em uso constante”.

1.2 O patrimônio Industrial

O conceito de patrimônio sofreu diversas modificações e continua passando por novas reflexões e reestruturações. Como forma de reconhecer a diversidade cultural, como citam Funari e Pelegrini (2006, p. 31 e 32), nas últimas décadas do século XX, houve a ampliação da noção de patrimônio histórico para patrimônio cultural, pois começou a considerar-se que outros espaços, que não apenas os

centros históricos, apresentam marcos da trajetória das cidades, por isso também não podem ser dissociados do contexto territorial e da paisagem urbana. Assim, com uma visão mais abrangente, “a definição de patrimônio passou a ser pautada pelos referenciais culturais dos povos, pela percepção dos bens culturais nas dimensões testemunhais do cotidiano e das realizações intangíveis”. Logo, uma variedade maior de bens foi reconhecido como patrimônio, como por exemplo, construções mais populares, moinhos ou mercados públicos, produções mais contemporâneas e bens culturais de natureza intangível, como expressões, conhecimentos, práticas e técnicas. Nesse contexto, surgiu a preocupação com o patrimônio industrial.

A preocupação com o legado dos processos da industrialização começou a surgir, inicialmente, na Inglaterra, na década de 1950, com a elaboração do conceito de arqueologia industrial²², ganhando mais vigor e atenção de maior público, quando ocorreu a destruição de edifícios representativos da industrialização, como por exemplo, a Estação Euston (Figura 9), em Londres, em 1962. (KÜHL, 2008)

Segundo Kühl (2008, p. 40), a Grã-Bretanha foi pioneira no tratamento sistemático do patrimônio industrial. Acredita-se que isso se deve ao fato de a Revolução Industrial²³ ter iniciado na Inglaterra. Nos anos 1970, outros países passaram a demonstrar preocupação com seus bens industriais, como, por exemplo, a França, que, após a destruição do Mercado Central de Paris (Figura 10), no início da década de 1970, começou a intensificar as discussões e a promoção de iniciativas para a preservação desse tipo de patrimônio.

²² Arqueologia industrial segundo Buchanan *apud* Kühl (2010, p. 25) é um campo de estudo onde se realizam pesquisas, levantamentos, registros e a preservação de indústrias consideradas monumentos, com a intenção de dar significância ao contexto da história social e técnica.

²³ Conjunto de transformações ocorridas na Europa Ocidental (séculos XVIII - XIX), diretamente relacionadas à substituição do trabalho artesanal, que utilizava ferramentas, pelo trabalho assalariado, em que predominava o uso de máquinas (COTRIM, 2002, p. 275).

Figura 9- Pórtico da Estação Euston antes da demolição, Londres, 1960



Fonte: MELO, 2012, p. 24.

Figura 10 - Mercado Cexntral, Paris, 1944 – 1945



Fonte: MELO, 2012, p. 24.

A crescente ampliação do conceito de patrimônio é confirmada na legislação patrimonial, pois consta, na Carta de Veneza de 1964²⁴, o seguinte artigo aprovado:

Artigo 1º - A noção de monumento histórico compreende a criação arquitetônica isolada, bem como o sítio urbano ou rural que dá testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de acontecimento histórico. Entende-se não só as grandes criações, mas também as obras modestas, que tenham adquirido, com o tempo, uma significação cultural (Carta de Veneza, 1964, p. 1 e 2).

Mesmo não explicitando o patrimônio industrial, ele aparece de forma implícita, no que tange à sua edificação, pois se encaixa no conceito de monumento histórico proposto pela carta.

²⁴ Documento elaborado no II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos do ICOMOS (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios Escritório) nos dias 25 a 31 de maio de 1964.

No Brasil, mesmo que com fatos isolados, a discussão sobre o patrimônio industrial coincidiu com a preocupação em outros países e com a Carta de Veneza, onde, em 1964, houve o tombamento²⁵ do conjunto formado pelos remanescentes da Real Fábrica de Ferro São João de Ipanema, em Iperó, São Paulo (Figura 11). A justificativa dada era esse bem ser um remanescente de arqueologia industrial do primeiro complexo de exploração e fabricação de ferro no Brasil (Kühl 2008, p. 47).

Figura 11- Fundição Real Fábrica de Ferro São João do Ipanema, Iperó – SP, 1884



Fonte: MELO, 2012, p. 25.

O reconhecimento e o debate sobre a preservação do patrimônio industrial foi amadurecendo ao longo do tempo com o desenvolvimento de inventário por diversos países e intercâmbios por meio de reuniões científicas nacionais e internacionais, as quais, a partir de 1978, começaram a contar com o Comitê internacional de Preservação do Patrimônio Industrial (The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage – TICCIH), quando este foi criado.

No entanto, foi apenas em 2003 que foi redigida e aprovada a Carta de Nizhny Tagil (TICCIH), “que traz contribuições para evidenciar a importância da herança da industrialização, além de mencionar temas vinculados à sua preservação” (KÜHL, 2008, p. 50), bem como ressalta a importância que essas estruturas geraram nas evoluções sociais, técnicas e econômicas, como mostra o seguinte trecho:

²⁵ A expressão “tombamento” vem do direito português, no qual o verbo “tombar” significa “inventariar” ou “inscrever” nos arquivos do reino, os quais eram guardados na torre do tomo. (DEZEN-KEMPTER, 2011, p. 112) e se entende por um instituto jurídico através do qual o poder público determina que certos bens culturais serão objetos de proteção especial. São quatro as categorias de livros tomo: arqueológico, etnográfico e paisagístico; histórico; belas-artes e artes aplicadas.

[...] que os edifícios e as estruturas construídas para as atividades industriais, os processos e os utensílios utilizados, as localidades e as paisagens nas quais se localizavam, assim como todas as outras manifestações, tangíveis e intangíveis, são de uma importância fundamental. Todos eles devem ser estudados, a sua história deve ser ensinada, a sua finalidade e o seu significado devem ser explorados e clarificados a fim de serem dados a conhecer ao grande público (TICCIH, 2003, p. 2).

Essa carta também atenta para o período histórico que começou no início da Revolução Industrial, estendendo-se até nossos dias, pois, com os avanços das tecnologias, essas fábricas estão em constante mudança, ficando obsoletos os processos de produção industrial, as máquinas, os modelos empresariais, e até os prédios, que, quando superados, acabam desaparecendo. Dessa forma, também se tornam testemunhas de mudanças culturais que acompanharam a evolução de todo o conjunto do patrimônio industrial. Complementando, como salienta Silva,

Um aspecto pouco considerado do patrimônio industrial é que ele é um campo de investigação vivo, e não passadista ou morto. Isso porque não se limita apenas a um conjunto de bens arquitetônicos ou sítios cheios de objetos e partes de objetos interessantes. Uma vez que se detém sobre máquinas, equipamentos, instalações e imóveis onde se processou a produção industrial, o patrimônio industrial é também a recolha e o tratamento de um patrimônio técnico de uma sociedade e de uma comunidade, e esse processo está sempre em transformação (SILVA, 2006, p. 1).

A partir da leitura de Silva (2006), ficam claras as complexidades de valores que uma indústria pode abranger, desde o seu edifício ao território no qual foi inserida e pelo qual causam mudanças, além dos valores imateriais associados. Percebe-se, por conseguinte, que uma história de industrialização não se faz apenas com arquivos de funcionários, atas de reuniões ou relatórios da diretoria, mas também com o maquinário, os produtos manufaturados e até com as indumentárias dos empregados; além de valores imateriais. Essa constatação vai ao encontro da definição de patrimônio industrial contida na Carta:

O *patrimônio industrial* compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitectónico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infra-estruturas, assim como os locais onde se desenvolveram actividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação (TICCIH, 2003, p. 3).

A Carta aponta os valores que o bem fabril possa possuir, como o testemunho de uma atividade, o valor estético pela sua arquitetura e/ou conjunto com a paisagem, o valor social como parte do registro de vida dos homens e

mulheres comuns. Como tal, confere-lhe importante sentimento identitário, complementado pelos valores intrínsecos dos vestígios e principalmente pelos registros contidos na memória das pessoas e nas suas tradições.

Diante de diversos valores e vestígios pelos quais um espaço fabril é formado, a carta de Nizhny Tagil mostra o quanto é interdisciplinar a preservação de um patrimônio industrial.

Dentre todos os valores citados na definição do Patrimônio industrial, essa pesquisa focou no valor social, por abarcar todas as trocas sociais possíveis que o bem proporcionou e continua a proporcionar. Tanto é que, na Carta de Nizhny Tagil, ao colocar a importância do inventário, salienta-se que as memórias das pessoas que trabalhavam nas fábricas constituem uma fonte única e insubstituível, as quais devem ser registradas e conservadas, valorizando, assim, mesmo que de forma individual, aqueles que participaram da história fabril.

O valor social também vai além da edificação da fábrica, pois aborda a comunidade que está em seu entorno, como complementa Silva:

Muitas vezes, mesmo sem ser um agente direto do patrimônio em causa (nem operários, nem empregados, nem patrões), interesses práticos ligados à inserção do bem em um bairro ou cidade passam a ter relevância para a avaliação do seu significado histórico. Para isso é necessário que a população local encare as instalações fabris como parte de sua memória coletiva (SILVA, 2006, p. 4).

Nota-se, também, que há uma diversidade de pessoas que atuaram (e ainda atuam) na instalação fabril, diretamente (funcionários e clientes) e indiretamente (moradores e frequentadores do entorno), e que, em diferentes épocas, partilharam de experiências tanto individuais quanto coletivas, as quais formaram nessas relações uma identidade social de uma comunidade e formas próprias de sociabilidade. No caso da Laneira, apresenta-se exatamente essa situação, principalmente por estar inserida na malha urbana, muito próxima de pequenos comércios e de áreas residenciais, onde muitos dos operários residiam, mesmo que de forma não muito concentrada. Corrobora para essa constatação um estudo feito por Essinger (2007), o qual mostra que os funcionários fabris habitavam, em sua maioria, nas imediações das empresas, colaborando para a relação da fábrica com seu entorno.

Diante disso, esse bem criou uma relação com o espaço e sua vizinhança, tornando-se testemunha de histórias de vidas das pessoas que formaram essa comunidade e que afirmaram identidades. Com a desativação da Laneira, podem-se

entender as comoções causadas na comunidade, que se manifestam nas entrevistas por meio de lamentos pelo encerramento das atividades fabris, não só por possíveis problemas sociais, como o desemprego, como também por razões emotivas, pois há no seu entorno pessoas que viveram por anos nesse território moldado pela presença do espaço fabril. Com essa constatação, confirma-se o que Ferreira (2009, p. 22) afirmava “a noção de patrimônio industrial nos remete à ideia de uma inversão de funções e sentidos: o que antes era um lugar de trabalho se transforma em um lugar de memória”.

Para caracterizar uma fábrica como um espaço evocador de memórias, as mais diversas pessoas que têm ou tiveram algum envolvimento com esses locais, precisam identificá-lo e apropriar-se dele, devendo dar significado aos vestígios deixados e apresentar a relevância deles. Como salientado anteriormente, a própria carta de Nizhny Tagil mostra a importância da memória dos antigos trabalhadores, mas pode ser complementada pela memória dos demais envolvidos.

Nessa perspectiva, os testemunhos desses atores são de grande significância, pois será por meio dos depoimentos que se pode identificar e interpretar os diversos elementos significativos que a fábrica possui, tanto os materiais como os imateriais, os quais também contribuíram para o reconhecimento e a valorização do trabalho e da sociabilidade que envolve esse patrimônio industrial.

Além da comunidade, o patrimônio industrial também atua no seu entorno, deixando marcas na paisagem onde está inserido, como comenta Kohlsdorf:

Não percebemos jamais edifícios e seus elementos isoladamente: não apenas edifícios em seus lotes, nem nenhum monumento independente de seu entorno. Percebemos paisagens (a porção de espaço abrangido pela vista), que podem ser compostas por edifícios, mobiliário urbano, vegetação, eventuais corpos d'água, relevo do solo, veículos de propaganda eocos entre quaisquer volumes (geralmente formadores de áreas livres). O que se percebe é, essencialmente, um conjunto de relações entre elementos. Por outro lado, os lugares são certo tipo de bem simbólico com algumas peculiaridades. Especialmente localizados em sítios urbanos, possuem características de processualidade e natureza social que lhes concede condição histórica, cultural e metamórfica (KOHLSDORF, 2012, p. 56 e 57).

O Arquiteto Braghirolli (2009, p. 27) reforça a ideia de relação estreita entre o patrimônio fabril e o seu entorno quando afirma que, “em relação à escala, o patrimônio industrial abarca desde o geral até o particular: intervenções no território,

transformações na paisagem, conjuntos e setores urbanos, povoados, bairros e edificações”.

A partir das ideias expostas acima e do valor social abrangente que o patrimônio industrial possui, torna-se fundamental o reconhecimento da importância da paisagem industrial, pois são nesses lugares que ocorrem diversas mudanças sociais e econômicas e onde a sua comunidade fixa diversas memórias coletivas.

Contribuindo com a ideia de paisagem cultural e valor social, tem-se o pensamento da arquiteta Ruffinoni, a qual afirma que

[...] além do caráter histórico-documental, destacava-se o papel decisivo na caracterização da paisagem, considerando tanto os aspectos formais e espaciais determinados pela peculiar arquitetura industrial, como também as relações sociais originadas e consolidadas em torno da atividade produtiva, aspectos de um cotidiano que moldava o espaço “extrafísico” responsável pela caracterização de certas localidades (RUFFINONI, 2010, p. 73).

Tem-se, também, o pensamento de Ferreira (2009), que completa essa ideia e salienta a importância do território, defendendo que

É necessário não descolar o objeto patrimonial de seu contexto histórico e da relação que guarda com o lugar ou, melhor dizendo, é fundamental que se recupere os nexos existentes entre o espaço industrial e o bairro, a cidade, os demais lugares de trabalho. A ideia de paisagem se apresenta aqui como uma categoria importante que leva a compreender o patrimônio não como um evento isolado em si, mas necessariamente relacional (FERREIRA, 2009, p. 192).

Diante do exposto, considera-se a Laneira um patrimônio industrial, pois há nesse espaço fabril os valores que a definem como tal, que são: o histórico, o tecnológico, científico, arquitetônico e, principalmente, social, o qual é destacado nessa pesquisa.

Salienta-se, ainda, que a Laneira colaborou para o desenvolvimento da cidade, sobretudo do Fragata, especialmente por estar situada na malha urbana, logo não devendo ser dissociada da paisagem onde se encontra. Além de estar mais próxima da sua comunidade e agir diretamente sobre ela, reforça ainda mais o valor social deste bem e, conseqüentemente, proporciona a formação de um grupo de indivíduos que partilham de experiências coletivas, formando uma identidade, a identidade da Laneira.

1.3 Memória e Identidade

Ao se perceber a Laneira como um patrimônio industrial, o qual faz parte de uma paisagem cultural, que serviu de testemunho de histórias de uma comunidade, que lhe atribui significados, pode-se dizer que a extinta fábrica é documento e fonte para interpretar as relações sociais que aconteceram (e acontecem) ao seu redor, sendo um evocador de memórias e, conseqüentemente, um auxiliar na construção de uma identidade a ela associada.

Entende-se por evocador de memórias qualquer objeto que possua valor sentimental e esteja carregado de lembranças e de identidade, que faça conexões com pessoas, lugares, sons, cheiros e momentos vividos. Quando essas memórias são compartilhadas, Joël Candau (2009, p. 52) denominam esses evocadores de memórias de sociotransmissores, e explica que eles podem ser “todas as coisas que compõe o mundo (objetos tangíveis ou intangíveis tal como os objetos patrimoniais, seres animados, seus comportamentos e produções)” que permitam evocar uma memória em pelo menos dois indivíduos. Sobre os sociotransmissores, Candau (2009, p. 52) complementa: “Os objetos patrimoniais, desse ponto de vista, são excelentes sociotransmissores da sensibilidade patrimonial”.

Sobre esse contexto, o autor Marcus Dohman pondera,

Objetos ou coisas sempre remetem a lembranças de pessoas ou lugares, de uma simples fotografia até um marco arquitetural. Ao proporcionar a conexão com o mundo, os objetos mostram-se companheiros emocionais e intelectuais que sustentam memórias, relacionamentos e histórias, além de provocarem constantemente novas ideias (DOHMANN apud NERY, SCHNEID, FERREIRA, MICHELON, 2015, p. 44).

A comunidade da Laneira, como já tratada anteriormente, são pessoas com os mais diversos tipos de relacionamento com o espaço fabril, e que, de alguma maneira, participaram (ou participam) da trajetória da extinta fábrica. Tal participação pode-se dar de forma direta: funcionários que frequentavam aquele espaço diariamente, por algum período e acompanharam o seu funcionamento, indivíduos essenciais para a vida da fábrica; ou de forma indireta: pessoas que observaram a trajetória da Laneira externamente, como a comunidade do entorno, que, de alguma maneira, convivia com a fábrica, percebendo os impactos da sua instalação e, depois, do seu fechamento, mas que podem nunca ter entrado no seu interior, e, mesmo assim, saber muitas particularidades sobre o referido espaço. É a partir das

interações entre esses indivíduos, os quais são nomeados agentes, que ocorrem as relações sociais da Laneira.

Essa interação de diferentes indivíduos, com maneiras distintas de ver o mesmo objeto, apresenta múltiplas trocas sociais e enriquece o valor social do bem. Por acreditar nessa ideia, reitera-se que, na Laneira, tem-se um patrimônio industrial o qual faz parte de uma paisagem cultural, espaço que se torna testemunha de muitas histórias de vida.

O espaço, que serviu de palco para inúmeras histórias, transforma os seus agentes em guardiões das memórias da Laneira. A memória compartilhada sobre esse espaço pode ser analisada como a noção de memória coletiva proposta pelo sociólogo Maurice Halbwachs (1990). Para Halbwachs, a memória é sempre construída em grupo, no qual os indivíduos se identificam por um passado em comum, criam vínculos, o que reforça a coesão do grupo pela adesão afetiva dos indivíduos.

Quando se afirma que a Laneira é testemunha de histórias de vida, pressupõem-se que os agentes, frente a esse patrimônio, possam fazer associações imediatas com suas histórias, acarretando lembranças; encontrando, assim, na Laneira, um evocador de memórias, e um lugar de memória.

Segundo Nora (1993), lugares de memória são, antes de tudo, restos os quais surgem e se concretizam no sentimento de que não há memória espontânea, de que é preciso criar artifícios, os quais podem ser os mais diversos, como arquivos e lugares, para aflorar memórias. Esses lugares, mesmo com aparência puramente material, tornam-se espaços de memória, pois há uma imaginação que os investe de uma aura simbólica.

Essas memórias constituídas pelos agentes da Laneira e moldadas pelo espaço fabril, segundo Halbwachs (1990), são as memórias coletivas da fábrica, pois estão necessariamente vinculadas ao espaço e ao tempo. Não é possível relembrar sem associar a lembrança a esses elementos, que são instrumentos utilizados pela memória coletiva para reconstruir uma cena passada, e fazem parte, como o autor se refere, dos quadros sociais da memória. Tais quadros sociais são marcos nos quais a memória coletiva se fixa, já que são grupos cuja memória coletiva é construída pelo convívio social. Halbwachs cita a família como o primeiro quadro social, após, ao longo da vida, participa-se de diversos quadros sociais, inclusive ao mesmo tempo.

Um fator que colabora para a construção dessa memória, segundo Halbwachs, é que, ao compartilhar lembranças, mesmo com algumas divergências, mas concordando no essencial, confere-se credibilidade às recordações, como apresentado no seguinte trecho:

Certamente, se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias (HALBWACHS, 1990, p. 25).

No caso do nosso objeto de estudo, pode-se dizer que os agentes da Laneira formam um quadro social que compartilha uma memória coletiva do tempo, principalmente, quando a fábrica ainda operava.

O espaço é próprio de cada grupo e oferece a imagem da permanência e da estabilidade, adquirindo outras características, como bem resumiu Schmidt e Mahfoud:

Todas as ações do grupo podem ser traduzidas em termos espaciais e o lugar ocupado pelo grupo é uma reunião de todos os elementos da vida social. Cada detalhe tem um sentido inteligível aos membros do grupo. Ao mesmo tempo que o espaço faz lembrar uma maneira de ser comum a muitos homens, faz lembrar, também, costumes distintos, de outros tempos. Sobretudo, faz lembrar de pessoas e relações sociais ligadas a ele. Nesse sentido é, sempre, fonte de testemunhos (SCHIMIDT, MAHFOUD, 1993, p. 291).

Esse espaço também recebe marcas dos grupos, assim como o grupo acaba por se adaptar a ele, como sugere Halbwachs (1990, p.133), ao referir que “quando um grupo está inserido numa parte do espaço, ele a transforma à sua imagem, ao mesmo tempo em que se sujeita e se adapta às coisas materiais que a ele resistem”, e continua com a ideia de que “não é o indivíduo isolado, é o indivíduo como membro do grupo, é o próprio grupo que, dessa maneira, permanece submetido à influência da natureza material e participa de seu equilíbrio”.

Com base nas ideias de Halbwachs, entende-se a importância dos espaços para a memória coletiva como evocadores dessa memória, podendo ser percebida nas seguintes palavras:

Assim, não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem, uma à outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre o espaço, sobre o nosso espaço – aquele que ocupamos, por onde passamos, ao qual sempre temos acesso, e que em todo caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que

reapareça esta ou aquela categoria de lembranças (HALBWACHS, 1990, p. 143).

Quando há a intenção de manter um espaço, como é o caso da Laneira, são pensadas várias formas, como as já vistas, para valorizar e manter uma memória, e conseqüentemente, a sua identidade, mas também a necessidade de duração maior que a memória de um agente, que não se perca com o passar do tempo, como Assmann bem coloca:

Mesmo quando os locais não têm em si uma memória imanente, ainda assim fazem parte da construção de espaços culturais da recordação muito significativos. E não apenas porque solidificam e validam a recordação, na medida em que a ancoram no chão, mas também por corporificarem uma continuidade da duração que supera a recordação relativamente breve dos indivíduos, épocas e também culturas, que está concretizada em artefatos (ASSMANN, 2011, p. 318).

Assmann, em seu livro *Espaços da Recordação*, dedica algumas páginas onde escreve sobre os locais e divide-os em sete tipos²⁶, conforme a maneira que a memória se apresenta. Serão citados apenas os locais honoríficos, por ser o tipo em que a Laneira se enquadra.

Os locais honoríficos são aqueles formados por vestígios que persistem no espaço de algo que não existe mais, ou seja, são resquícios de algo interrompido e arruinado. Assmann os define como espaço:

Que se notabiliza pela descontinuidade, ou seja, por uma diferença evidente entre passado e presente. No local honorífico, uma determinada história não seguiu adiante, mas foi interrompida de modo mais ou menos violento. Tal história se materializa em ruínas e objetos remanescentes que se destacam nas redondezas (ASSMANN, 2011, p. 328).

O fechamento por falência da Laneira é um marco na história da fábrica enquanto lugar. O passado é tido como lugar de trabalho, um presente, que seria a atualidade, um prédio inabitado, com marcas pelo não uso, como a deterioração. Também pode-se falar no futuro, quando há um projeto de um novo uso, caracterizando bem a descontinuidade do local, e de uma história, a da fábrica produzindo, que é cessada. Essa interrupção, a falência, pode ser encarada como algo violento, no sentido de que, como dito anteriormente, afeta emocionalmente os seus agentes de forma intensa.

Ainda sobre os locais honoríficos, a autora defende que:

²⁶ Os locais citados são: locais de gerações, locais sagrados e paisagens míticas, locais de memória exemplares, locais honoríficos, ruínas e invocações do espírito, sepulturas e lápides, e locais traumáticos.

Mesmo com o abandono e a destruição de um local, sua história ainda não acabou; eles retêm objetos materiais remanescentes que se tornam elementos de narrativas e, com isso, pontos de referência para uma nova memória cultural. Esses locais, porém, são carentes de explicações; precisam ser assegurados complementarmente por meio de tradições orais (ASSMANN, 2011, p. 328).

Seguindo o pensamento de Assmann, utiliza-se, nesta pesquisa, a metodologia da história oral – as entrevistas –, no intuito de inventariar as memórias da Laneira. Qualificam, ainda, tal escolha as ideias defendidas por Thomson de que as entrevistas ajudam na ativação de memórias e na percepção de nossa identidade, como vê-se no seguinte trecho:

O processo de recordar é uma das principais formas de nos identificarmos quando narramos uma história. Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembramos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais. Assim, podemos dizer que nossa identidade molda nossas reminiscências; quem acreditamos que somos no momento e o que queremos ser afetam o que julgamos ter sido. Reminiscências são passados importantes que compomos para dar um sentido mais satisfatório à nossa vida, à medida que o tempo passa, e para que exista maior consonância entre identidades passadas e presentes (THOMSON, 1997, p. 57).

Abordar sobre um local que apresenta valor evocador de memória, faz pensar que esse local pode, concomitantemente, ser também um local de esquecimento, pois é marcado por uma história que se extinguiu, mas ao mesmo tempo em que possibilita o despertar de recordações, refazendo um tempo já erradicado.

Não se pode pensar o esquecimento como antítese da memória, como um apagamento, mas sim como uma forma de memória, pois só conseguimos registrar novas memórias, quando esquecemos outras. Lembranças que acreditamos não ter mais podem ser recordadas, sendo o momento em que os evocadores de memória agem, colaborando para que memórias escondidas apareçam.

O neurocientista Ivan Izquierdo (1989, p. 103) defende que “o esquecimento é normal. O excesso de esquecimento, a perda real de memórias que não queremos perder é patológico”. Afinal, “não há dúvida que algum grau de esquecimento é necessário para poder ter uma vida útil. É preciso esquecer para poder pensar; para poder fazer generalizações, sem as quais é impossível desenvolver qualquer atividade cognitiva”.

Colaborando com a ideia de Izquierdo, Candau (2012, p.127) afirma que o esquecimento “pode ser o êxito de uma censura indispensável à estabilidade e a coerência da representação que um indivíduo ou os membros de um grupo fazem de si próprios”, e que é uma condição indispensável para seguir o curso da vida, inovar e reconstruir, além de “ser necessário aos laços sociais e à afirmação da identidade de um grupo” (CANDAU, 2012, p. 129), como observa Halbwachs, afirmando que:

a sociedade tende a descartar de sua memória tudo o que pode separar os indivíduos, separar os grupos uns dos outros, e a cada época tende a remanejar suas lembranças de maneira a dispor-lhes de acordo com as condições variáveis de seu equilíbrio (HALBWACHS apud CANDAU, 2012, p. 129).

“Memória é nosso senso histórico e nosso senso de identidade pessoal (sou quem sou porque me lembro quem sou)” (IZQUIERDO, 1989, p.103). Essa afirmação remete ao que já foi pontuado em alguns trechos deste texto, de que a memória é a responsável pela identidade. Essa dialética da memória e da identidade é resumida por Candau (2012, p.16) como “a memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada”. A memória alimenta a identidade.

Candau (2012, p. 23) classifica a memória em três tipos por suas diferentes manifestações. A primeira, a protomemória, uma memória de baixo nível, procedural ou senso prático, “que nos permite agir quando necessário sem que pergunte ‘como se deve fazer’”. A segunda, a memória propriamente dita, uma memória de alto nível, são as recordações, invocações involuntárias. O último tipo de memória, a metamemória, a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, “a construção explícita da identidade”.

Enquanto a protomemória e a memória de alto nível dependem diretamente da capacidade da memória, como quando fazemos certo gesto sem ao menos nos darmos conta, e outra pessoa o decodifica, ou evocamos diversas lembranças, de tempos múltiplos. A metamemória é uma representação relativa a essa capacidade, quando um indivíduo tem ideia da sua própria memória, e possui a capacidade de apresentá-la de forma a destacar suas particularidades, seus interesses, suas profundidades ou suas lacunas. Nas palavras de Candau:

A metamemória é uma parte da representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, o conhecimento que ele tem e, de outra parte, o que ele diz. É uma memória reivindicada, ostensiva. Porque é uma memória reivindicada, a metamemória é uma dimensão essencial da construção da identidade individual ou coletiva. Em sua forma coletiva, é a reivindicação compartilhada de uma memória que se supõe ser compartilhada. Ela é, a esse nível, a substância mesma do discurso patrimonial que é, sempre, um discurso sobre a memória. Ora, essa metamemória tem, como toda

linguagem, efeitos sociais poderosos. Ela alimenta os imaginários dos membros do grupo os ajudando a se pensar como uma comunidade e contribui para modelar um mundo onde o compartilhar patrimonial se ontologiza (CANDAU, 2009, p.51).

Essa classificação é válida ao se tratar das memórias individuais, mas como o presente estudo trata de uma memória coletiva, o interesse encontra-se na metamemória, na qual a memória coletiva “é uma representação, uma forma de metamemória, quer dizer, um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo” (CANDAU, 2012 p. 24).

Para Candau, na memória coletiva, os membros de um grupo acreditam que todos se recordam da mesma maneira, existindo assim no plano discursivo, e não no plano concreto. Além disso, no que se refere à memória individual ou coletiva, o autor discorda de Halbwachs, afirmando:

Maurice Halbwachs se equivocou em ver nas memórias individuais os “fragmentos” da memória coletiva, conferindo a essa substância com a qual tende a despojar as primeiras. Mas teve razão em insistir sobre a importância dos quadros sociais que fazem parte com que “uma corrente de pensamentos social [...] tão invisível quanto o ar que respiramos” (CANDAU, 2012, p. 49).

Os quadros sociais da memória ajudam na constituição de uma memória compartilhada, pois esta é construída e reforçada pelas seleções, acréscimos e eliminações feitas sobre as lembranças que pertencem a todos, ou pelo menos à maioria, e, também, por objetivos em comum pelos membros do grupo em questão, sem esquecer que devem ter suas memórias individuais abertas mutuamente. Já os quadros, igualmente, facilitam a memorização e a evocação, colaborando para que essas memórias sejam estáveis, duráveis e com unidade.

Novamente, como já pontuado, a memória é a responsável pela identidade, construção social que se desenvolve com a interação de indivíduos, os quais se mostram como possuidores de uma essência que permanece estável no tempo. A perda da memória faz a identidade desaparecer, não há lembrança de sua formação, “que é a condição necessária para a consciência e o conhecimento de si” (CANDAU, 2012, p. 60).

A identidade reforça as memórias, até mesmo as mais antigas que tendem a enfraquecer. Essas memórias são consideradas fortes²⁷, “pois organizam-se de maneira estável a representação que um grupo faz de si mesmo, de sua história, e de seu destino” (CANDAU, 2012, p. 86).

As representações identitárias são marcadas por um ponto de origem, que pode ser diverso. No caso da Laneira, torna-se possível dizer que seria sua construção e instalação em 1949. Embora nem todos os agentes estivessem presentes nesse marco, partilham-no, como “descendentes” dos que por lá primeiro trabalharam, promovendo uma conexão entre todos os agentes da Laneira. Além do ponto de origem, os acontecimentos que marcaram a sua trajetória se tornaram referências, ajudando a organizar essas representações identitárias.

Candau atenta que a proliferação de traço²⁸ pode acarretar o esquecimento, uma vez que isso exige da tarefa de conservar e relembrar memórias. No caso da Laneira, entretanto, tem-se um grupo que foi enfraquecido com o fechamento da fábrica, um quadro social que foi atenuado. Assim, preservar a antiga fábrica e buscar as memórias dos seus agentes é uma maneira de retomar uma identidade que pode ter entrado em crise, uma maneira de não deixar que o novo uso proposto para a edificação da Laneira torne seus agentes passados anônimos e sem identidade.

Com o fechamento da fábrica, e logo após a retirada do maquinário e móveis de edificação, a memória coletiva teve sua transmissão alterada e acabou por enfraquecer seu papel de unificar o grupo, pois

Quando um determinado meio, não ativa mais certas formas memoriais explícitas, mesmo a repetição daquelas que são incorporadas estão, a mais longo termo, ameaçadas. Nisso reside um risco potencial de enfraquecimento das memórias fortes (CANDAU, 2012, p. 121).

A intenção de dar um novo uso para a fábrica extinta, contemplando com o memorial da própria, é, também, uma maneira de fixar o passado, contribuindo para manutenção e transmissão da lembrança e, também, da identidade.

A extinta fábrica é um lugar privilegiado, pois nela há a concentração de memória e da função identitária, características de lugares que são referências a um grupo, que contribuem para a memória coletiva e influenciam no sentimento de

²⁷ “Memória forte é uma memória organizadora no sentido de que é uma dimensão importante da estruturação de um grupo e, por exemplo, da representação que ele vai ter de sua própria identidade” (CANDAU, 2012, p. 44).

²⁸ Vinculações, que podem ser impressões, relíquias, vestígios, ruínas, arquivo e objetos.

identidade. Candau (2012, p. 158), sobre esses lugares, diz: “a permanência das referências espaciais ‘nos confere um sentimento de ordem e quietude’ e ‘a ilusão de não haver mudado através do tempo’, o que é sempre tranquilizador para a identidade pessoal e coletiva”. Ideia análoga ao da Carta de Nizhny Tagil (2003, p.11), a qual afirma que a utilização desses espaços contribui para um desenvolvimento economicamente sustentável e “a continuidade que esta reutilização implica pode proporcionar um equilíbrio psicológico às comunidades confrontadas com a perda súbita de uma fonte de trabalho de anos”.

Quando se passa a considerar que a antiga fábrica é um evocador de memórias, que desperta lembranças, faz-se necessário atentar que, para resgatar e manter essas lembranças, é preciso buscá-las em quem as possui: os agentes dessa edificação. Será a partir das lembranças desses agentes que será possível potencializar a valorização e a apropriação da edificação com a sociedade, bem como abrir a possibilidade de que esse sentimento seja passado às gerações futuras e de que se incorporem novos agentes. Ao escutar esses agentes, estar-se-á identificando e qualificando o valor intrínseco dos vestígios, dando a devida importância ao sentimento identitário que a Laneira causa na comunidade.

1.4 A Paisagem Cultural

No intuito de reforço, como visto anteriormente, nas últimas décadas do século XX, houve uma ampliação do conceito de patrimônio, que acarretou, na área patrimonial, a inserção de diversos tipos de atores, a inclusão de distintas áreas do conhecimento, a garantia de identidade de um grupo, além da vinculação entre paisagem e patrimônio cultural. Igualmente, foi sendo democratizado, passando a serem vistos como patrimônios culturais ambientes da vida cotidiana, moradias, espaços de lazer e espaços de trabalho, como já foi tratado aqui, pelos patrimônios industriais.

Alguns anos após iniciar a preocupação com o legado dos processos da industrialização, mas ainda no contexto da ampliação do conceito de patrimônio, na década de 1970, os olhares passaram a se voltar para as paisagens, iniciando-se o interesse pelas paisagens culturais. Em virtude disso, foi lançada definitivamente

como uma categoria de patrimônio, em 1992, pela UNESCO²⁹, durante a 16ª sessão do Comitê do Patrimônio Mundial, realizada em Santa Fé, Novo México (Estados Unidos).

A paisagem cultural esteve presente em outros documentos anos antes, no entanto com outros olhares, como na Carta de Atenas (1931), que apontava a preocupação com a vizinhança dos monumentos, na Convenção de Washington (1940), com o objetivo de proteger e conservar as paisagens de beleza rara, embora mais focada nas paisagens relacionadas à natureza. Tal perspectiva também pode ser vislumbrada na Recomendação de Paris (1962), relativa à “salvaguarda da beleza e do caráter das paisagens e sítios” (RIBEIRO, 2007, p. 39), ainda que não se encontre a definição do que está sendo nomeado como paisagem.

Em 1976, é lançada a Recomendação de Nairobi, relativa à salvaguarda dos conjuntos históricos e sua função na vida contemporânea. Na referida Recomendação, apresenta-se a definição do que se entende por conjuntos históricos e ambiência, sendo um “avanço, na medida em que considera que o centro histórico e sua ambiência devam ser tratados em conjunto” (RIBEIRO, 2007, p. 39).

Conhecida como a Carta de Washington (1986), a Carta Internacional para a Salvaguarda das Cidades Históricas ressalta que deve se preservar as relações da cidade com o seu entorno natural ou criado pelo homem, deixando claro que a paisagem só tem valor no momento em que dá sentido ao bem maior.

Embora os documentos acima citados sejam de grande importância para a valorização da paisagem, contribuem para uma visão de bem e paisagens separadamente. Apenas em 1992, a UNESCO adotou a categoria de paisagem “como um bem, valorizando todas as inter-relações que ali coexistem” (RIBEIRO, 2007, p. 40), como resultado de discussões que se iniciaram na década de 1980, que buscavam uma visão integradora entre o homem e a natureza. A convenção, então, foi o primeiro instrumento legal internacional a reconhecer e proteger a paisagem cultural.

Utilizado por diferentes disciplinas; é, todavia, na geografia que o termo paisagem³⁰ é refletido como um conceito, e dentre os outros basais da disciplina³¹, é

²⁹ Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura.

³⁰ Diferentes disciplinas utilizam o termo paisagem, como a geografia, a arquitetura, a ecologia e a arqueologia, cada uma se apropriando de maneiras diferenciadas, com significados diversos e pouco

na paisagem, que, de modo geral, os geógrafos incorporam a questão cultural em suas pesquisas (RIBEIRO, 2007, p. 15). Paisagem é definida na geografia como um conjunto de formas, as quais revelam as sucessivas relações sociais durante o tempo, localizadas entre o homem e a natureza (VIEIRA, 2003, p. 4).

Entendida como um produto da história, a paisagem também a reproduz, uma vez que mostra as características próprias das sociedades que a construíram, assim, a paisagem é a manifestação formal da vida cotidiana. Nela, pode-se encontrar, também, a expressão dos antagonismos e contradições da sociedade que a produziu. Assim, como afirma Vieira (2003, p. 8), “É impossível separar da paisagem a identidade conferida pelos múltiplos movimentos das pessoas, referentes aos ritmos, ao modo de vida e de pensar a vida”.

Entendendo o conceito de paisagens culturais como é definida pela UNESCO:

os bens culturais que representam “obras conjuntas do homem e a natureza” e ilustram a evolução da sociedade humana e seus assentamentos ao longo do tempo, condicionados pelas limitações e/ou pelas oportunidades físicas que apresenta seu entorno natural e pelas sucessivas forças sociais, econômicas e culturais, tanto externas como internas (IPHAN, 2008, p. 13).

Esse conceito vai ao encontro do que a Declaração de Québec define como espírito do lugar, que, como já foi dito, é a junção do intangível com o tangível, e “oferece uma compreensão mais abrangente do caráter vivo e, ao mesmo tempo, permanente de monumentos, sítios e paisagens culturais” (ICOMOS, 2008, p. 2).

Nesse contexto, pode-se notar, pelas definições do conceito de paisagem, pela geografia e pela definição da categoria de valoração do patrimônio de paisagem cultural, que são termos que podem ser facilmente confundidos, fazendo entender por que é no conceito de paisagem que a maioria dos geógrafos trabalham a questão cultural. Tal entendimento de paisagem cultural deixa claro que esse termo é amplo, podendo abarcar uma diversidade de manifestações dos diferentes tipos de interação entre a comunidade e seu ambiente.

Com a criação da categoria de valoração do patrimônio como paisagem cultural, essa categoria foi dividida em três diferentes tipos, sendo o primeiro as paisagens claramente definidas, abrangendo jardins e parques criados por razões

em comum. O que há de consenso é “a paisagem cultural como testemunho do trabalho do homem, de sua relação com a natureza, como um retrato da ação humana sobre o espaço ou ainda como panorama e cenário.” (RIBEIRO, 2007, p. 14).

³¹ Conceitos basais da geografia: espaço, território, região, lugar e paisagem.

estéticas. O segundo é a de paisagem evoluída organicamente, que é subdividida em paisagem relíquia ou fóssil, que é a paisagem submetida a um processo evolutivo o qual foi interrompido, mas tem suas características mantidas, já a paisagem contínua é a que conserva um papel ativo na sociedade contemporânea. O terceiro é a paisagem cultural associativa, que se justifica pela força da associação a fenômenos religiosos, artísticos ou culturais do elemento natural (IPHAN, 2008, p. 20-22).

A paisagem industrial é classificada como uma paisagem contínua e possui todas as interações que são requisitos para uma paisagem cultural. Esse tipo de patrimônio vem ganhando destaque em pesquisas e na sua valorização. É possível encontrar na lista do patrimônio mundial da UNESCO, dentro da categoria de valorização de patrimônio como paisagem cultural seis paisagens industriais, sendo a última a ser incluída a paisagem de Fray Bentos, no Uruguai, no dia 05 de julho de 2015³². Esse local foi assim valorado por ter efetuado mudanças sociais, culturais e econômicas no seu território, além de possuir em seu entorno moradores que têm uma conexão com a fábrica (Frigorífico Anglo) por meio de membros da família que são ex-funcionários, mostrando, assim, similaridades com nosso objeto de estudo.

Um importante passo para o patrimônio mundial foi dado em reunião da UNESCO em 2005, quando foram revisadas as *Orientações para Guiar a Implementação da Convenção do Patrimônio Cultural*, em que “os seis critérios culturais e quatro critérios naturais para a inclusão dos bens na lista foram transformados em dez critérios únicos” (RIBEIRO, 2007, p. 49), acabando com a dicotomia entre natural e cultural, e contribuindo para que a paisagem cultural ganhasse força.

No Brasil, as discussões sobre paisagem cultural começam a ganhar força na década de 2000, como exemplo, através da Carta de Bagé, também conhecida por Carta da Paisagem Cultural³³, de 2007, que de forma pioneira, tem por objetivo defender “as paisagens culturais em geral e, mais especificamente, do território dos Pampas e das paisagens culturais de fronteira” (CARTA DE BAGÉ, 2007, p.1).

³² Notícia veiculada no site da UNESCO, em 5 de julho, 2015. Disponível em: <http://whc.unesco.org/en/news/1317/>. Acesso em: 28 maio 2016.

³³ Carta redigida no Seminário Semana do Patrimônio–Cultura e Memória na Fronteira, em Bagé/RS, organizado pela Prefeitura de Bagé, Secretária Municipal de Cultura de Bagé, Ministério da Cultura (MinC), IPHAN, Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico do Rio Grande do Sul (IPHAE), Universidade Regional da Campanha (URCamp) e UFPel.

Nesta carta, a definição de paisagem cultural é fundamentada pela Constituição da República Federativa do Brasil de 1980, que apresenta os múltiplos bens que podem ser considerados patrimônios culturais, apresentando a paisagem cultural como “o mais amplo, completo e abrangente de todos” (CARTA DE BAGÉ, 2007, p. 2), já que pode ser o resultado de todos os bens indicados na Constituição. A carta também salienta que a paisagem cultural, assim como outros bens, também deve passar pelas operações de intervenção e preservação. Operações que são “as de identificação, proteção, inventário, registro, documentação, manutenção, conservação, restauração, recuperação, renovação, revitalização, restituição, valorização, divulgação, administração, uso, planejamento e outros” (CARTA DE BAGÉ, 2007, p.2).

Imprescindível atentar que na Carta de Bagé, também é citado que a paisagem cultural pode incluir, entre tantos valores, o valor industrial, reforçando que o objeto da pesquisa, a Laneira, pode ser parte de uma paisagem. Assim como a importância da participação das comunidades que residem nesse espaço nos processos acima citados, colaborando para a presente pesquisa, que busca, também, a apropriação e a valorização de uma paisagem industrial.

No entanto, as discussões sobre paisagem cultural se intensificaram realmente apenas com a promulgação da Portaria nº. 127, pelo IPHAN, que instituiu a Chancela da Paisagem Cultural Brasileira, em 30 de abril de 2009. Nesse documento, foi definida a Paisagem Cultural Brasileira como “uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores” (Portaria nº 127, art. 1º).

Segundo a Arquiteta Weissheimer, a Chancela possui particularidades, ela afirma que,

A inovação trazida pelo instrumento, comparado com os demais mecanismos de preservação do patrimônio cultural brasileiro, reside no fato de não ser um apenas um ato declaratório, cujas atribuições de gestão recaiam apenas sobre o órgão concedente do título – no caso, o IPHAN –, mas em propor, antecipadamente, mecanismos de preservação conjunta entre os diversos agentes que possuam algum tipo de interface com a paisagem cultural a ser chancelada. (WEISSHEIMER, 2012, p. 2)

Ademais, ao comparar com a Chancela com a categoria de Paisagem Cultural da UNESCO, onde a UNESCO divide a categoria em três tipos, como visto anteriormente, e já a Chancela

Ao abordar o conceito de forma ampla, intencionou-se permitir a aplicação da chancela no maior número de contextos culturais possíveis, considerando a dimensão, a riqueza e a diversidade de manifestações e de contextos geográficos do território brasileiro. Sua caracterização e seu delineamento são dados pelo próprio processo de investigação e reconhecimento, não de antemão. (WEISSHEIMER, 2012, p. 3)

Deve-se ressaltar que embora o valor natural ainda seja presente nas definições de paisagem cultural, os documentos sobre esses patrimônios tem em seus textos uma visão mais ampla caracterizando as paisagens não apenas pela presença de alguma natureza. Como por exemplo, a Carta de Bagé que caracteriza como um bem cultural amplo, completo e abrangente, como já visto; e analisando o exemplo de patrimônio industrial já citado de Fray Bentos que é considerado uma paisagem industrial, os critérios que levaram esse bem a ser assim definido, não citam a questão natural.

Levando em consideração essa ampliação das características desses patrimônios, percebe-se a Laneira inserida em uma paisagem cultural, mesmo que a questão natural no seu contexto seja praticamente inexistente, tendo apenas um parque linear onde a sua arborização não é original, sendo feita artificialmente, e o arroio Santa Barbara que na época da instalação da Laneira passava ao fundo do seu terreno, como vimos no seu histórico.

Com o conhecimento sobre o conceito de paisagem cultural, quando analisadas as legislações municipais de Pelotas referentes ao seu patrimônio cultural urbano, percebe-se que há um pensamento preservacionista da história e da memória da cidade, estando presente em duas leis: a Lei nº 4568/2000 e o III Plano Diretor de Pelotas. A primeira, Lei nº 4568/2000, declara as Zonas de Preservação do Patrimônio Cultural (ZPPC), e lista os bens inventariados do patrimônio cultural de Pelotas e sobre suas preservações.

Essas Zonas foram delimitadas, sobretudo, com o objetivo de conscientização

[...] do povo pelotense da importância do patrimônio histórico; buscando alimentar, junto à comunidade, a necessidade da preservação do acervo, não apenas como elemento contemplativo, mas como um caminho para a retomada do desenvolvimento, e por consequência da autoestima coletiva (RIBEIRO e VIEIRA, 2014, P. 296).

É notável que, embora a lei aponte essas zonas culturais, o foco de tal medida é nos bens edificados, uma vez que a preocupação com o entorno desses bens é muito pequena. Diante disso, pode-se perceber essa afirmação quando a lei

determina que apenas os bens integrantes do Inventário do Patrimônio Histórico e Cultural de Pelotas devem manter sua volumetria preservada, e as construções que lhe forem confrontantes pelas laterais devem manter a compatibilidade volumétrica e tipológica com o bem inventariado.

Uma abordagem mais preocupada com uma conservação integrada dos valores históricos, culturais, sociais, estéticos, artísticos, turísticos, arquitetônicos, arqueológicos, urbanísticos e paisagístico, de uma área como um todo, é apresentada na segunda lei citada, o III Plano Diretor de Pelotas. Como cita Ribeiro e Vieira:

A partir desta perspectiva os critérios de preservação adotados na cidade de Pelotas passam por uma ampliação nos seus conceitos urbanos que podem ser aplicados em benefício da manutenção dos bens patrimoniais. Outro avanço refere-se a uma extensa discussão da questão dos valores envolvidos nos bens a serem preservados passando a serem vistos pela proteção da paisagem urbana, integrado a um determinado cenário geográfico, pois a preocupação agora procura o conjunto de espaços capaz de oferecer ao homem uma melhor qualidade de vida (RIBEIRO e VIEIRA, 2014, p. 301).

Atentando para essa visão presente na legislação pelotense, é possível notar uma preocupação com a paisagem cultural da cidade. Assim, mesmo que o plano diretor não cite especificamente esse conceito, a lei remete a termos como paisagístico e práticas sociais, que podem perfeitamente ajudar no entendimento de uma paisagem cultural.

Esses termos aparecem como características das Áreas de Especial Interesse do Ambiente Cultural (AEIAC), que são “aquelas que apresentam patrimônio de peculiar natureza cultural e histórica” (PELOTAS, 2008). Também são essenciais das AEIAC as características arquitetônicas, históricas e urbanísticas.

O Plano diretor apresenta treze AEIAC, sendo que a sexta área é a do Parque Linear Bairro Fragata, que corresponde à extensão da Praça 20 de Setembro e da Avenida Duque de Caxias, onde a Laneira está localizada, sendo o Parque assim caracterizado, pois

Configura-se como eixo estruturador do Bairro Fragata, principal conexão viária interna e externa do bairro, na qual se concentram as principais atividades e serviços locais. Através de seu largo canteiro central, representa para o bairro e adjacências a opção em termos de espaço público aberto na forma de parque linear, já apresentando uso frequente pela população. **Destaca-se por suas potencialidades urbanísticas e paisagísticas.** Sua grande extensão propicia uma setorização de atividades de acordo com as características existentes de ocupação e uso do solo, muitas atualmente de forma irregular. **Culturalmente, destaca-se como elemento estruturador de práticas sociais devido às características já mencionadas** (PELOTAS, 2008, p. 24 – Grifos nossos).

Dessa forma, colabora de fato para que a área mencionada se encaixe perfeitamente no conceito de paisagem cultural, pois são notáveis seus valores históricos, arquitetônicos, urbanísticos e sociais, além de ser considerada como a via mais importante do Fragata. No entanto, deve-se salientar que, ao longo dessa via, encontram-se 85 imóveis listados pelo Inventário do Patrimônio Histórico e Cultural, regulamentado pela Lei nº 4568/00, destacando, entre eles, a antiga fábrica Laneira.

Segundo o III Plano Diretor, em cada Área de Especial Interesse do Ambiente Cultural (AEIAC), há Focos Especiais de Interesse Cultural (FEIC), que são pontos específicos com “características peculiares que denotam maior relevância sob o aspecto cultural” (PELOTAS, 2008, p. 20). A AEIAC Parque Linear Bairro Fragata compreende dois FEIC’s: o primeiro é o Foco da Fábrica de Chapéus, por se tratar de uma referência histórico-cultural, cujo conjunto arquitetônico compreende o prédio da antiga Fábrica de Chapéus, galpões e sua vila operária. O segundo foco são a Faculdade de Medicina e o Quartel do 9º BIM, por apresentarem elementos referenciais na paisagem com significado histórico e social, com unidades tipológicas com características formais relevantes.

Outros FEIC’s poderiam ser facilmente incorporados à legislação vigente, como por exemplo, a Laneira Brasileira S.A., considerada um patrimônio industrial com diversos outros atributos, já citados nesse texto, salientando, sempre, seu valor social.

Segundo Lynch (1997), a imagem da cidade pode ser percebida por meio de seus objetos físicos perceptíveis, seus elementos, que podem ser classificados em cinco tipos: vias, canais de circulação onde o observador se locomove; limites, elementos lineares que podem ser barreiras, que separam uma região de outra, ou linhas ao longo das quais duas regiões se relacionam; bairros, regiões medias ou grandes de uma cidade onde o observador penetra mentalmente; pontos nodais, lugares estratégicos de uma cidade por meio dos quais o observador pode entrar, são focos dos bairros; e marcos, tipos de referência em que o observador não entra e geralmente são usados como indicadores de identidade ou de estrutura.

O espaço fabril da Laneira pode ser classificado como um marco no bairro Fragata, pois é uma edificação de características singulares para seu entorno, e tem uma atividade associada – o trabalho da fabril –, além de fazer parte da história do bairro e dos moradores do entorno. Também é um ponto de referência e um

indicador de identidade, uma vez que essas características somadas à sua história e outros significados que estão ligados à edificação aumentam o seu valor de marco. Sua Fachada, com características especiais, proporciona uma identidade à Avenida Duque de Caxias, tornado possível classificar essa Avenida como via, pois é um elemento predominante pela sua largura e arborização que a difere de outras ruas do bairro.

Os bairros, que tendem a ser maiores que os outros elementos, contêm em si próprios um grande número de vias, pontos nodais e marcos, e são, portanto, a eles ligados. Esses outros elementos não apenas estruturam a região internamente, como também reforçam a identidade do todo, enriquecendo e aprofundando o seu caráter (LYNCH, 1997, p. 93).

O ambiente desempenha funções sociais, psicológicas, estéticas e práticas, além de ser extremamente significativo e orientador, possui uma imagem viva, com um conjunto de hábitos sociais, nos quais são “conhecidos por seus nomes e familiar a todos oferece material para as lembranças e símbolos comuns que unem o grupo e permitem que seus membros se comuniquem entre si” (LYNCH, 1997, p. 143). Esse material em que, segundo Lynch, os ambientes oferecem para as lembranças, também podem ser nomeados de sociotransmissor, conceito de Candau (2009) já apresentado nesse texto. A organização simbólica do ambiente ajuda a diminuir a angústia e estabelecer uma relação emocional segura entre o homem e seu meio, acarretando agradáveis situações de familiaridade ou integridade sempre que se reconhece uma paisagem.

Nota-se, dessa forma, que a paisagem cultural está profundamente ligada ao valor social, com isso, torna-se importante que a comunidade, principalmente a local, continue a ser agente do patrimônio industrial da Laneira, mesmo com um novo uso, a partir de suas memórias, pois não “faria sentido, portanto, preservar testemunhos desse passado e destruir, ao mesmo tempo, o próprio contexto social que o faz ainda vivo” (RUFINONI, 2010, p.79).

A Arquiteta Kühl apresenta a mesma linha de raciocínio colocada acima e sobre um novo uso, destacando que

Iniciativas em edifícios isolados, que são meritórias e necessárias, acabam por ter resultados limitados no ambiente em que se inserem se não forem unidas ações mais abrangentes, que levem em conta a questão cultural e social em sua complexidade (KÜHL, 2008, p. 142).

Completando a ideia, autora afirma que devem ser levantados os problemas da área a intervir e levar em conta esses fatores na destinação dos espaços fabris, completa:

Em especial, deve-se articular o papel de um dado bairro ou região no sistema urbano ao qual pertence, respeitando suas características e a “vocação” do local historicamente estratificada, intervindo na região e determinando usos para as edifica es que contemplem aspectos sociais, formais, documentais, memoriais, e simbólicos da área e dos edifícios que a compõem, escolhendo novas utiliza es que respeitem e sejam compatíveis com esses fatores. Ou seja,   sempre necessário ter pleno conhecimento da cidade ou do território no qual se intervir  (KÜHL, 2008, p.142 e 143).

As paisagens urbanas, como as da Laneira, são lugares em que os indivíduos se ligam, formando rela es sociais com referência no local, fazendo surgir uma memória social. Um dos motivos de grande preocupa o no momento de intervir nesses espaços, onde o novo uso deve continuar a dialogar de forma harmoniosa com seu território,   manter os valores, preservando essa memória.

Capítulo 2

A constituição do inventário de memórias

Este capítulo trata do processo metodológico usado para constituir o inventário de memórias proposto para a extinta fábrica Laneira Brasileira S.A.. O inventário foi desenvolvido a partir de duas ações: a primeira, com atividades em escolas públicas do bairro Fragata, seguindo os preceitos do Manual de Educação Patrimonial do IPHAN; a segunda consiste em entrevistas com agentes do espaço fabril da antiga Laneira.

2.1 Inventário do Patrimônio nas escolas

O inventário de memórias da Laneira apresenta como objetivos registrar e sistematizar as memórias, além de consolidar o valor social atribuído a esse patrimônio industrial, qualificando a proposta de novo uso, somando-se ao projeto arquitetônico no sentido de manter a memória do trabalho e as memórias das trocas sociais, auxiliando no reconhecimento e valorização deste pela comunidade do seu entorno e pelos antigos funcionários. Esse inventário também auxilia na reflexão sobre antiga fábrica como patrimônio industrial, evocador de memórias e elemento central de uma paisagem cultural.

A ideia de uma atividade para ajudar na valorização de um bem é defendida por Ferreira (2009), ao afirmar que:

é fundamental para o reconhecimento do que seja patrimônio, a instrumentalização do olhar para que reconheça ali algo a ser preservado. Os programas de Educação Patrimonial buscam justamente essa sensibilização dos sujeitos face ao objeto patrimonial (FERREIRA, 2009, p.193).

O reconhecimento faz parte do nosso objetivo geral, pois é fundamental para a identidade dos agentes da Laneira, como defende Thomson:

O reconhecimento é essencial para a sobrevivência social e emocional; a alienação e a exclusão como alternativa podem ser algo psicologicamente devastador. Podemos buscar o reconhecimento em outras comunidades ou relacionamentos mais empáticos, mas nossas reminiscências precisam ser apoiadas pelo reconhecimento público, e, portanto, são compostas de modo a serem reconhecidas e confirmadas (THOMSON, 1997, p. 58).

Para a realização desse inventário de memórias foi desenvolvida uma primeira ação, que foi fundamentada nos conceitos e orientações constantes na

publicação do IPHAN Educação Patrimonial - Manual de Aplicação - Programa Mais Educação. Esse manual “traz informações e atividades que estimulam a vontade de observar, identificar e pesquisar os múltiplos sentidos que constituem nossa cultura e o patrimônio cultural brasileiro” (IPHAN, 2013b, p. 4).

O Manual propõe a realização de um inventário, no ambiente escolar, de bens culturais do entorno da escola com a participação de professores, funcionários, estudantes e demais membros da comunidade, oferecendo oportunidades de reflexão e aprofundamento do conhecimento, partindo do contexto sociocultural da sua região, a partir dos bens culturais.

De acordo com o Manual, o inventário é uma atividade de ação para o patrimônio, sendo “uma forma de pesquisar, coletar e organizar informações sobre algo que se quer conhecer melhor” (IPHAN, 2013a, p. 5). Tendo como objetivos “construir conhecimentos a partir de um amplo diálogo entre a escola e as comunidades que detêm as referências culturais a serem inventariadas” e “fazer com que diferentes grupos e gerações se conheçam e compreendam melhor uns aos outros, promovendo o respeito pela diferença e a importância da pluralidade” (IPHAN, 2013a, p. 6).

Conforme esse texto, para a realização do inventário é sugerido passeios pelo entorno da escola para identificar os bens culturais, assim podem surgir diversas possibilidades de bens, que podem ser divididos nas categorias propostas, que são: celebrações, saberes, formas de expressão, lugares e objetos³⁴, sendo que cada categoria possui uma ficha que deve ser preenchida ao longo do processo de inventário, que tem a finalidade de ajudar a organizar as informações coletadas.

A orientação de preenchimento dessas fichas é a de que sejam inseridos os diversos dados coletados durante todos os momentos das atividades da pesquisa, com informações sobre a identificação e a descrição do bem.

Como a proposta desta atividade tinha foco em um patrimônio específico e já institucionalizado, que é a Laneira, optou-se por utilizar nessa atividade apenas a ficha de inventário da categoria Lugar (Anexo II), que é definido como espaço (bosque, sítio arqueológico, praça, construção, paisagem etc.), que possui um significado especial, associado à forma como é (ou foi) utilizado ou valorizado por certo grupo de pessoas.

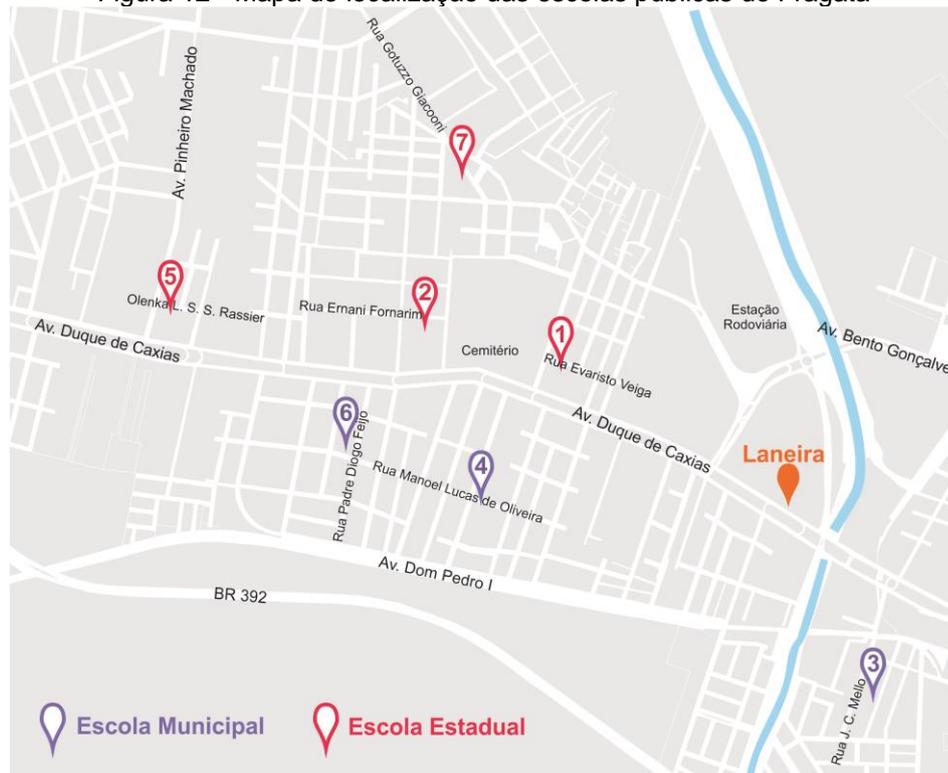
³⁴ Essas categorias são baseadas nas que o próprio IPHAN utiliza em seus trabalhos de identificação e reconhecimento do patrimônio cultural do Brasil (IPHAN, 2013b, p. 13).

Uma das questões levantadas nesta pesquisa é o reconhecimento da Laneira pela comunidade. Logo, é preciso que a citação desse patrimônio seja espontânea, o que não aconteceria se as perguntas da ficha fossem feitas exatamente como estão colocadas, pois, para isso, seria necessário que o espaço fabril fosse, primeiramente, identificado e, após, levantadas as questões propostas. A maneira encontrada foi inverter essa ficha, ou seja, a partir dos exemplos dados no Manual de possíveis respostas, foram elaboradas novas indagações, para constatar se a Laneira seria, ou não, resposta, resultando em um roteiro (Apêndice A). Como exemplo, na ficha, há o campo *Onde está?*, que, pelo Manual, deve descrever o lugar a partir das referências mais fáceis e conhecidas, já que a atividade é indicar um patrimônio e depois preencher com a sua localização. Assim, na ficha, perguntou-se qual a via mais importante do bairro, já prevendo que a resposta seria a Av. Duque de Caxias, onde a Laneira está situada, dessa maneira considerada pela comunidade do bairro. Após, perguntamos pontos de referência nessa via, com a intenção de conferir nas respostas dadas à presença ou não da Laneira.

Com o roteiro pronto para a realização da ação, foram feitos contatos com os órgãos responsáveis das escolas públicas, Secretária Municipal de Educação e Desporto (SMED), no caso de escolas municipais e com a 5ª Coordenadoria Regional de Educação (5ª CRE), no caso das escolas estaduais, para solicitar autorização da execução desse inventário nas escolas do bairro Fragata. Para a sua obtenção, foi entregue, nos respectivos locais, o projeto desta pesquisa, acompanhado do roteiro então elaborado.

Nessa oportunidade, foi solicitada aos órgãos uma listagem das escolas com Ensino Fundamental completo e que estivessem localizadas no Fragata. As escolas presentes nessas listas foram localizadas no bairro, e as com proximidade com a Laneira formam situadas no mapa (Figura 12).

Figura 12 - Mapa de localização das escolas públicas do Fragata



Fonte: Autora, 2016.

Depois de identificadas as escolas, foram contatadas, respeitando a proximidade com a extinta fábrica, conforme o mapa, pela razão de que o Manual do IPHAN sugere que essa atividade ajude a transformar os patrimônios que estão no seu entorno em espaços educativos, considerando que a distância influencia nesse processo. O agendamento das visitas a cada escola foi feito conforme a disponibilidade de cada uma.

Segundo o IPHAN, espaços educativos referem-se a:

Todo espaço que possibilite e estimule, positivamente, o desenvolvimento e as experiências do viver, do conviver, do pensar e do agir consequente [...]. Portanto, qualquer espaço pode se tornar um espaço educativo, desde que um grupo de pessoas dele se aproprie, dando-lhe este caráter positivo, tirando-lhe o caráter negativo da passividade e transformando-o num instrumento ativo e dinâmico da ação de seus participantes, mesmo que seja para usá-lo como exemplo crítico de uma realidade que deveria ser outra. Tem a intenção de estimular um olhar da escola e do território que está inserida a partir da ideia de que estes venham a ser espaços educativos. [...] o espaço não é educativo por natureza, mas ele pode tornar-se educativo a partir da apropriação que as pessoas fazem dele, ou seja, o espaço é potencialmente educativo. E o arranjo destes espaços não deve se limitar a especialistas (arquitetos, engenheiros...), mas sim, deve ser prática cotidiana de toda a comunidade escolar (FARIA apud IPHAN, 2014, p. 35).

Foram visitadas, nos meses de novembro e dezembro de 2015, 27 turmas em sete escolas públicas, sendo quatro escolas estaduais, que são: Escola Estadual

de Ensino Fundamental Fernando Treptow (1), Escola Técnica Estadual Professora Sylvia Mello (2), Escola de Estadual Ensino Básico Osmar da Rocha Grafulha (CIEP - 5) e Escola Estadual de Ensino Fundamental Marechal Luiz Alves de Lima e Silva (7) e três municipais, que são: Escola Municipal Ensino Fundamental Dr. Balbino Mascarenhas (3), Escola Municipal Ensino Fundamental Dr. Brum De Azeredo (4) e Escola Municipal Ensino Fundamental Dr. Alcides De Mendonça Lima (6)³⁵. Nessas visitas foi abarcado 470 alunos com média de idade de 12,3 anos. Para cada escola visitada, foi preenchida uma ficha (apêndice B) com os respectivos dados obtidos na ocasião da visita com a administração. A partir dessas informações, constatou-se que a maioria dos alunos são moradores do bairro Fragata, colaborando, dessa forma, com a presente pesquisa.

A atividade foi desenvolvida com alunos do Ensino Fundamental (entre 4º e 8º ano) e ocorreu em sala de aula. O número de turmas visitadas em cada colégio foi conforme a existência dos anos solicitados para a atividade em cada escola e a disponibilidade dos professores responsáveis. O recorte de idade foi determinado em reunião na 5ª CRE com a responsável pelo Departamento Pedagógico, Doris Noronha, que aconselhou essas turmas, pois já estudaram a história da cidade e alguns conceitos presentes no nosso roteiro de atividade, como por exemplo, bairro e vias. Além de já terem um conhecimento maior do entorno das suas escolas e serem jovens que se mostram dispostos a novas atividades.

Para essa atividade, foi usado o caderno de campo, para anotações de impressões da pesquisadora no momento da atividade e de informações, como por exemplo, a presença ou não de um professor em sala de aula, se ele participou ou interferiu na atividade. Em cada visita, foram feitas fotos das turmas.

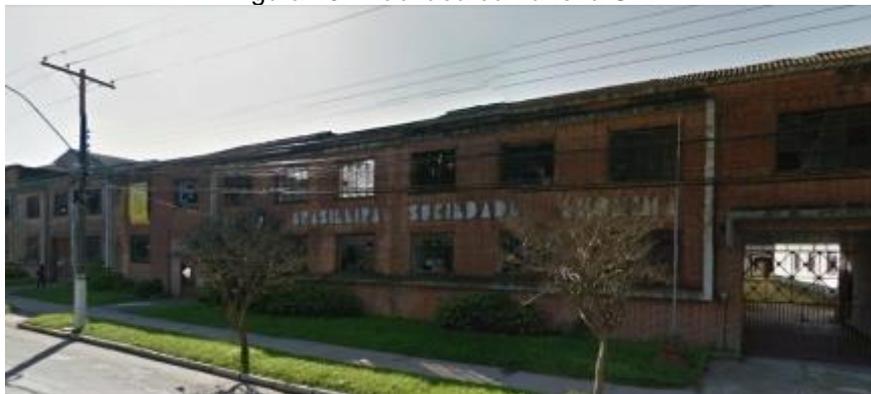
Com um perfil de conversa informal, a pesquisadora fazia alguns questionamentos para detectar qual ideia e o entendimento que eles possuem sobre o Fragata, para colaborar com o estudo sobre a Avenida Duque de Caxias como paisagem cultural, e, principalmente, para saber se há o reconhecimento do local e da edificação da Laneira. Nessa primeira etapa, o foco foi apenas na materialidade da fábrica, por detectar que a maioria dos alunos pesquisados nasceu no ano do fechamento total da Laneira ou posterior, por isso o desconhecimento quase que total da atividade fabril.

³⁵ Os números entre parênteses representam a localização das escolas no mapa (Figura 12), e foram numeradas conforme a ordem das atividades realizadas.

As perguntas feitas foram pensadas para partir do geral indo para o específico, nesse caso, começando pelo bairro como um todo, depois focando na Av. Duque de Caxias, principal via do bairro Fragata e onde está localizada a antiga Laneira, e, finalmente, chegando à fábrica. Dessa forma, pode-se verificar o quanto os alunos se identificam ou não com o Fragata, a avenida e a Laneira.

Após as indagações, eram mostradas duas fotografias da fachada da Laneira (Figuras 13 e 14), sem qualquer explicação sobre o prédio, apenas perguntado aos alunos se conheciam, se sabiam onde ficava e o que funcionava no local (Figura 15). Após essa ação, percebeu-se que a fotografia funcionou como um evocador de memórias e que a geração dos discentes interrogados reconhece o prédio da Laneira e o entende como um marco na paisagem do seu bairro, mas o veem apenas como um prédio abandonado, que se destaca no seu território. Importa salientar que antes das fotografias serem mostradas, a edificação não foi citada por nenhum aluno. A partir dessa constatação, feita no momento da atividade, a qual se repetiu em todas as turmas, era exposto para os alunos o que funcionava naquele prédio, depois lhes era solicitado sugestões de um novo uso.

Figura 13 - Fachada da Laneira S.A



Fonte: Projeto de Ensino - Reciclagem e requalificação de espaço industrial para implementação de Museus Inclusivos/UFPel, 2014.

Figura 14 - Fachada da Laneira S.A



Fonte: Projeto de Ensino - Reciclagem e requalificação de espaço industrial para implementação de Museus Inclusivos/UFPel, 2014.

Figura 15 – Momento da atividade que eram mostradas as fotografias



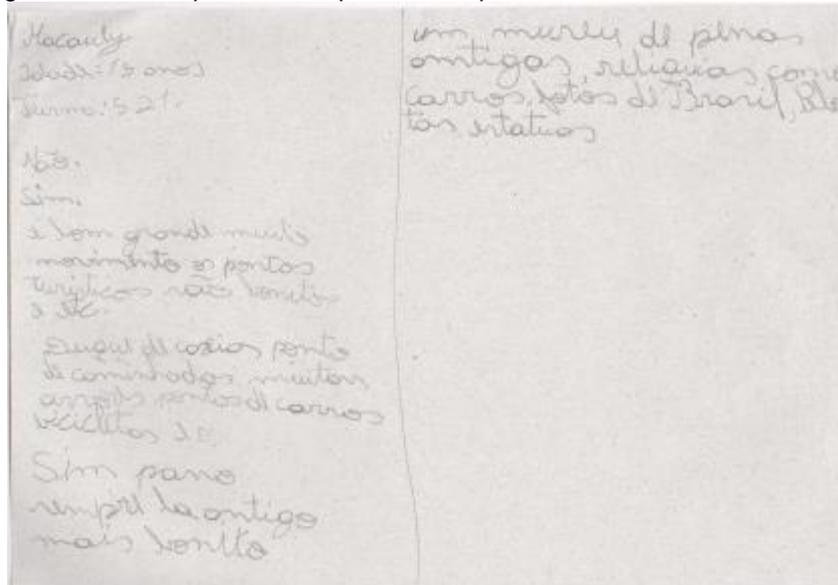
Fonte: Autora, 2015

Os usos sugeridos, em sua maioria, mostravam preocupação com o bairro, surgindo ideias de cunho social, como locais voltados à saúde e ao ensino. Percebeu-se que aproximadamente 20% dos alunos, em suas sugestões, citaram que gostariam que houvesse um museu no espaço fabril. Considerando o contexto cultural dos alunos, entende-se que esse dado é relevante, tratando-se do projeto Casa dos Museus. É possível supor que a instalação de instituições museais na Laneira apresenta um potencial de aceitação positiva por parte da comunidade.

A proposta do inventário sustenta-se, majoritariamente, na entrevista. Ficou claro, no entanto, que, para além da palavra, seria oportuno verificar outras formas de expressão que os alunos poderiam estabelecer sobre a fábrica. Assim, cada

aluno recebeu uma folha, no início da atividade, a qual poderiam usar para a livre expressão, mas também foram incentivados a escrever suas respostas. A atividade funcionou perfeitamente. Após as folhas preenchidas, como os exemplos a seguir, (figuras 16 e 17), foi possível obter diversos dados.

Figura 16 – Exemplo de folha preenchida por um aluno durante a atividade



Fonte: autora, 2015.

Figura 17 – Exemplo de folha preenchida por um aluno durante a atividade



Fonte: autora, 2015.

Um dos objetivos iniciais da atividade era, a partir da interação, identificar entrevistados em potencial, principalmente ex-funcionários da Laneira. Como dito anteriormente, os trabalhadores da fábrica moravam no Fragata, assim como hoje os alunos das escolas trabalhadas. Após, apostou-se em uma identificação de

depoentes por decorrência do trabalho com os alunos, pois se acreditava que familiares ou vizinhos pudessem compor o segundo grupo, mas não foi o que ocorreu. Do total de alunos presentes na atividade, apenas 26 evidenciaram saber que, no prédio da fotografia, funcionou uma fábrica e, desses, apenas sete sabiam que o produto era a lã. Embora em um número reduzido, foi possível obter o contato de outros depoentes.

As entrevistas constituíram a segunda ação para o desenvolvimento do inventário de memórias, que como Alberti (2008, p.16) define como “a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu”.

2.2 Entrevistas

O uso de entrevistas foi escolhido como uma das metodologias deste trabalho, por ser a mais pertinente quanto aos objetivos da pesquisa, pois se tem como conceito norteador a memória. Segundo essas expectativas, não haveria outra maneira de concretizar essa pesquisa, senão por meio da oralidade.

Também por ser uma ação que complementa a atividade do inventário, pois este tem em sua proposta envolver não apenas a comunidade escolar, mas todas as pessoas que formam o patrimônio cultural para o reconhecimento e valorização do bem. Conforme publicação do IPHAN:

O patrimônio cultural faz parte da vida das pessoas de uma maneira tão profunda, que algumas vezes elas não conseguem nem mesmo dizer o quanto ele é importante e por quê. Mas caso elas o perdessem, sentiriam sua falta (IPHAN, 2013a, p. 5).

Complementa, ainda, em outra publicação da mesma série, a importância dessas pessoas para o patrimônio cultural.

O melhor guardião do patrimônio cultural é sempre seu dono. São as pessoas que o fabricam, o praticam, moram nele, ou em seus arredores ou, em termos mais gerais, são as pessoas para as quais esse patrimônio tem importância direta, por estar intimamente associado às suas vidas (IPHAN, 2013b, p.10).

Também se pode citar a Declaração de Quebec, reforçando o valor das memórias para a valorização de um bem, na qual se lê:

Reconhecendo que o espírito do lugar é essencialmente transmitido por pessoas e que a transmissão é parte importante de sua conservação, declaramos que é por meio de comunicação interativa e participação das comunidades envolvidas que o espírito do lugar é preservado e realçado da melhor forma possível. A comunicação é, de fato, a melhor ferramenta para manter vivo o espírito do lugar (ICOMOS, 2008, p. 4).

Quanto ao objeto de pesquisa, uma fábrica, os objetivos estão de acordo com a ideia de Alberti, a qual defende que:

A metodologia de história oral pode ser empregada no estudo da história de instituições do Estado, de organismos públicos e de empresas privadas, nesse universo, ela permite a reconstrução de organogramas administrativos, o esclarecimento de funções de diferentes órgãos, a recuperação de processos de tomadas de decisão e investigações sobre o *esprit de corps* dos funcionários e sobre as relações entre diferentes gerações de trabalhadores. As entrevistas podem também ajudar a esclarecer o conteúdo, a organização e as lacunas de arquivos existentes nas instituições (ALBERTI, 2008, p. 25).

No entanto, é preciso estar atento que uma entrevista pode fornecer informações sobre o fábrica, e também sobre o seu entorno, que não estão em documentos oficiais ou registradas em fotografias e jornais, como detalhes significativos do espaço fabril, ou da vida dos funcionários, e principalmente, das relações sociais que se desenvolve nesse meio, e que só podem ser encontradas nas memórias desses agentes.

Todas essas informações vão ao encontro da ideia da Carta Nizhny Tagil (2003, p. 6), de que, como já colocado anteriormente, as memórias “constituem uma fonte única e insubstituível e devem ser também registradas e conservadas, sempre que possível”.

Inicialmente, a localização dos entrevistados seria apenas a partir da interação com as escolas, mas como já dito, essa ideia não se concretizou consoante foi planejado no projeto desta pesquisa. A solução foi buscar contatos diretamente com a sociedade do Fragata, por intermédio dos entrevistados anteriormente e de conhecidos que moram no Fragata, no intuito de formar uma rede de entrevistados em potencial.

Esta rede foi formada principalmente através dos contatos que a entrevistada Jacqueline³⁶ possuía, já que tinha bom conhecimento dos funcionários que trabalharam na Laneira com o seu pai, e por ainda morar no mesmo local, no Fragata, desde o seu nascimento. A entrevistada se mostrou peça fundamental nessa rede, uma vez que auxiliou na apresentação da entrevistadora e os seus contatos, facilitando, assim, a aproximação aos potenciais entrevistados e cedência de novos contatos, aumentando a rede.

³⁶ A entrevistada é aluna do Curso de Bacharelado em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da UFPel e extensionista no projeto de extensão O tempo da fábrica: inventário das memórias da extinta Laneira Brasileira S.A., no qual tinha como atividade participar e colaborar nas entrevistas desta pesquisa.

As entrevistas almejou alcançar desde a sua construção e todo o período de funcionamento da Laneira, para desta forma responder de forma clara as perguntas que norteiam essa pesquisa e que na constituição do inventário de memórias as lacunas temporais sejam as menores possíveis.

Para as entrevistas, foram colhidos depoimentos de pessoas que tiveram os mais diversos tipos de relação com a antiga Laneira. Entende-se que esse seja um caminho para se conseguir diferentes olhares sobre o espaço fabril e sua paisagem, e que é um modo de contemplar os múltiplos agentes da Laneira e as diversas trocas sociais que o local testemunhou.

Na Declaração de Quebec (2008, p. 2), uma passagem do texto a qual salienta que “O espírito do lugar é construído por vários atores sociais, seus arquitetos e gestores, bem como seus usuários que contribuem ativamente e em conjunto para dar-lhe um sentido”, atentando para a importância de buscar esses diferentes olhares.

Ademais, a contemplação de uma gama maior de pessoas potencializará a possibilidade de valorização e apropriação da edificação com a sociedade quando requalificada e definitivamente aberta ao público, também abrindo a possibilidade de que esses sentimentos sejam passados para as novas gerações e promovam o respeito pela diferença e a importância da pluralidade.

A autora Alberti (2004) defende que entrevistar diferentes agentes evita o que ela chamou de “enquadramento da memória”, pois quando se tem a visão apenas de um determinado grupo, estaríamos diminuindo o valor social desse bem, em que há uma variedade de memórias. Essa ideia vai ao encontro do que defende o Manual de Educação Patrimonial do IPHAN, que ressalta que

Lembre-se: quando o assunto é patrimônio cultural não existe apenas uma versão sobre as coisas. As pessoas podem ter diferentes informações sobre um mesmo bem cultural e dependendo das suas relações com o bem, elas podem até ter visões contrárias sobre ele. Quanto mais informações e versões forem obtidas, mais profundo será o conhecimento sobre o bem, seus significados e a importância que ele tem para as pessoas (IPHAN, 2013a, p. 8).

As entrevistas foram preparadas conforme o texto de Jovchelovitch e Bauer (2008), em forma de uma entrevista narrativa, seguindo os passos propostos pelos autores (Figura 18), pois atende aos objetivos desta pesquisa, principalmente o de formar um inventário de memórias. “Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis

explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social” (JOVCHELOVITCH E BAUER, 2008, p. 91).

Figura 18 – Passos da entrevista de narrativa

Passos da entrevista de narrativa

1. Preparação.
2. Início: começar gravando e apresentar o tópico inicial.
3. A narração central: não fazer perguntas, apenas encorajamento não verbal.
4. Fase de questionamento: apenas questões iminentes.
5. Fala conclusiva: parar de gravar e continuar a conversação informal.
6. Construir um protocolo de memórias da fala conclusiva.

Fonte: JOVCHELOVITCH E BAUER, 2008, p. 111.

Além disso, a entrevista narrativa é uma forma de encorajar e estimular o entrevistado a contar suas histórias sobre algum acontecimento importante da sua vida e do seu contexto social, preservando a sua espontaneidade, em que, a partir das perspectivas de cada entrevistado, reconstroem-se acontecimentos sociais. “A narração reconstrói ações e contexto da maneira mais adequada: ela mostra o lugar, o tempo, a motivação e as orientações do sistema simbólico do autor.” (JOVCHELOVITCH E BAUER, 2008, p. 92).

Antoinette Errante (2002, p.143), sobre as narrativas, defende que “são um contexto no qual a identidade é praticada”. Assim, entendendo a identidade como uma construção social, a autora complementa que as experiências pessoais podem refletir as experiências coletivas, podendo recriar um espírito de comunidade e de familiaridade existente (ERRANTE, 2002, p.167).

Há autores que defendem, como cita Alberti (2008, p. 23), que “biografias de indivíduos comuns concentram todas as características do grupo. Elas mostram o que é estrutural e estatisticamente próprio ao grupo e ilustram formas típicas de comportamento”. Concordam com essa afirmação Bobadilho e Ferreira (2012), quando escrevem que

é possível verificar que a memória individual tem relação quando associada ao grupo, pois as pessoas recordam das mesmas coisas. A memória coletiva está viva diante desses relatos, assim é possível verificar a importância e a relação da memória. (BOBADILHO E FERREIRA, 2012, p. 1009)

Dessa maneira, a memória contribui, então, para outro objetivo, o de colaborar para o histórico da fábrica e de identificar os espaços de sociabilidade e os espaços de trabalho.

As entrevistas também contribuem para a verificação da Avenida Duque de Caxias como paisagem cultural e para o entendimento da relação da Laneira com o

seu território. Lembrando que em uma paisagem as pessoas são elementos fundamentais, que- em conjunto com os fatores naturais- a mantém viva, dinâmica e provocam modificações ao longo do tempo.

Esse tipo de entrevista, conforme Jovchelovitch e Bauer (2008, p. 95), “é considerada uma forma de entrevista não estruturada”, pois substitui o esquema pergunta-resposta, pois são feitas de modo pareçam mais um depoimento, no qual os roteiros desenvolvidos apresentam apenas perguntas-chave como provocações para introduzir assuntos e dar liberdade para os entrevistados falarem de forma livre e espontânea, com a mínima influência do entrevistador. Sendo assim, as perguntas não apresentaram ordem exata, podendo ou não terem sido feitas conforme o andamento dos relatos. A partir dessa ideia, foram utilizados dois tipos de roteiros.

Sabe-se que durante uma entrevista, mesmo que o entrevistador fale o menos possível, apenas a sua presença é uma influência para o entrevistado, visto que ao se narrar memórias há uma escolha do que verbalizar, mesmo de forma inconsciente, como coloca Errante (2000, p.150) “Os narradores não somente escolhem o que vão rememorar e contar a você; eles também participam negociando o contexto da rememoração. Narradores também têm ideias específicas sobre o que constitui uma ‘entrevista’”.

Sobre os roteiros, foram elaborados durante a pesquisa que antecedeu a este trabalho³⁷. Primeiramente, houve a necessidade de dois roteiros pela diversidade e agentes que poderiam ser entrevistados. Então, um foi feito com perguntas voltadas para os antigos funcionários, referentes à rotina de trabalho e funcionamento da fábrica (Apêndice C), e outro para os moradores e frequentadores do bairro, com questões que explicavam qual a sua relação com o espaço fabril (Apêndice D).

Foram realizadas 17 (dezessete) entrevistas, sendo que destas 12 (doze) foram feitas com antigos funcionários (Figura 19), uma cliente da loja de lãs da fábrica e quatro moradores (ou ex-morador) do bairro Fragata que possuem algum tipo de relação com o espaço fabril (Figura 20). Com esse número de entrevistados, obtiveram-se narrativas de momentos diferentes da fábrica que juntos foi possível obter um panorama geral da sua época de funcionamento.

³⁷ A pesquisa citada é o TCC da autora já mencionado anteriormente. Identificação de suportes de memória no prédio da extinta fábrica Laneira Brasileira S.A. Monografia (Graduação) Curso de Bacharelado em Museologia. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, RS. 2014.

Figura 19 – Quadro de antigos funcionários entrevistados

Entrevistado	Setor / Atividade	Início / Fim das atividades	Tempo de serviço	Bairro que reside
<i>Jacinto</i>	Marcenaria / Marceneiro	1956 a 1983	28 anos	Fragata
<i>Tadeu</i>	Serviço geral	1961 a 1976	16 anos	Fragata
<i>Jorge</i>	Serviço geral	1964	9 meses	Centro
<i>Aquilino</i>	Prensa / Manutenção	1971 a 2002	32 anos	Fragata
<i>Marisa</i>	Posto Médico / Enfermeira	1978 a 1993	16 anos	Fragata
<i>Gilberto</i>	Fiação / operador de máquina	1979 a 2003	25 anos	Fragata
<i>Luís</i>	Manutenção de maquinários	1979 a 1995	17 anos	Fragata
<i>Mirian</i>	Produção de Tops / operador de máquina	1984 a 1987	4 anos	Fragata
<i>Antônio Carlos</i>	Fiação / operador de máquina	1986 a 1990	4 anos	Fragata
<i>Marco Aurélio</i>	Fiação / Chefe de setor	1990 a 2003	14 anos	Fragata
<i>Ana Lúcia</i>	Produção de Tops / operador de máquina	1988 a 1995	8 anos	Balsa
<i>Lenir</i>	Fiação / operador de máquina	1998 a 2002	5 anos	Fragata

Fonte: Autora, 2017

Figura 20 – Quadro entrevistados com algum tipo de relação com a Laneira

Entrevistado	Relação com a Laneira	Bairro que reside
<i>Noris</i>	Antiga moradora do Fragata	Areal
<i>Aurélia</i>	Cliente da loja de lãs	Centro
<i>Geni</i>	Antiga vizinha da edificação e esposa de antigo funcionário	Fragata
<i>Adriana</i>	Filha de antigo funcionário	Fragata
<i>Jacqueline</i>	Filha de antigo funcionário	Fragata

Fonte: Autora, 2017

Em todas as entrevistas, pediu-se aos entrevistados que assinassem a autorização de uso de suas narrativas, assim 14 foram gravadas, nas outras três entrevistas não foi utilizado esse recurso, mas sim o do diário de campo, mais efetivamente. Foi feito uso do diário de campo em todas as entrevistas, mas nas que houve gravação, este serviu para anotações informais e impressões. Entre as entrevistas gravadas, cinco foram transcritas em sua totalidade e dez foram transcritas apenas partes, as quais foram classificadas pela entrevistadora como relevante para sua pesquisa. Esse formato de entrevista foi desenvolvido e testado, entre outros trabalhos, na monografia da autora, já citada anteriormente.

De acordo com a ideia de que a fábrica é um evocador de memórias, duas das entrevistas foram feitas no local, as demais, que não foram possíveis de serem feitas na Laneira, devido ao degradado estado de conservação da edificação, foram

munidas com cópias de fotografias da época operante da fábrica³⁸. As fotos funcionaram como evocadores de memórias.

Nas entrevistas, pode-se perceber o quanto a Laneira é um evocador de memórias, já nos primeiros contatos com os entrevistados. Ao relatar o assunto da pesquisa, surgiram lembranças. Bastava pronunciar a palavra “Laneira”, e os relatos surgiam sem muitos esforços. Até mesmo quando a entrevista mudava de assunto, qualquer pergunta referente à fábrica fazia com que as memórias voltassem a aparecer. É possível ilustrar essas afirmações com uma fotografia feita durante a entrevista com Seu Luís na Laneira (Figura 21), quando ele pega um objeto encontrado no chão e explica o que é: “essa coisa aqui era é da fiação, o tubete, aqui enrolavam o fio” (OLIVEIRA, 2014).

Figura 21 – Entrevista com seu Luís



Fonte: Autora, 2014.

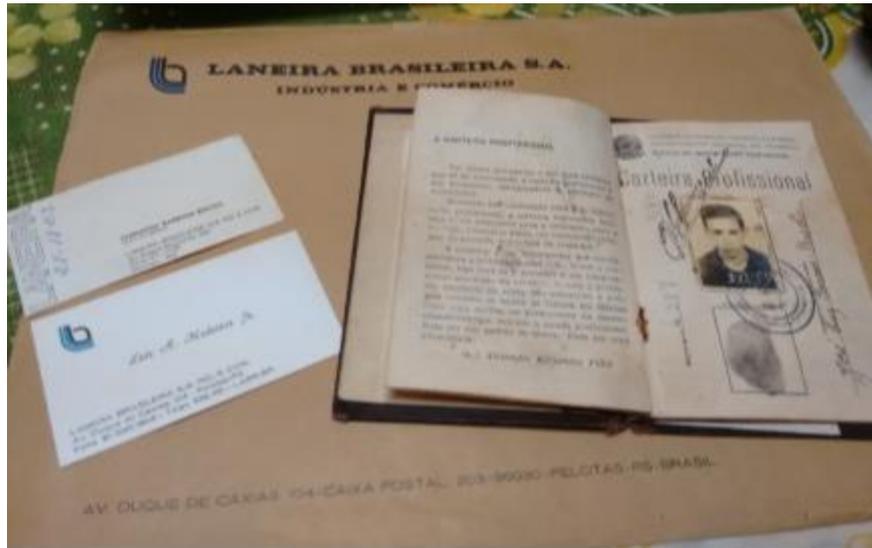
Interessante registrar que nas entrevistas que ocorreram nas residências dos entrevistados, durante suas narrativas, eles buscavam documentos e fotografias ou apontavam objetos para mostrar os que remetiam a Laneira. Ficou nítido que esses objetos também são evocadores de memórias, pois a partir desses materiais a narrativa é enriquecida com mais lembranças. Tal constatação vai ao encontro do

³⁸ As fotografias usadas nas entrevistas possuem seus originais sob guarda da Fototeca Memória da Universidade Federal de Pelotas, que possui uma coleção nomeada Laneira Brasileira S.A., cujo acervo é composto por fotografias e objetos doados, em 2010, pela então advogada responsável pela administração da massa falida, pois não possuíam valor de mercado.

pensamento de Thomson (1997), que defende as narrativas como ativação de memórias e colaboram para a percepção de sua identidade.

Cita-se como o exemplo o caso da Dona Geni, que apresentou mais fatos como esse, visto que tem todos seus objetos conservados com grande estima, principalmente os documentos do seu falecido esposo (Figura 22), que foi funcionário da Laneira durante 43 anos.

Figura 22 – Material de papelaria da Laneira e primeira carteira profissional de José Luiz Soares Basílio



Fonte: Acervo particular de Geni da Silva Basílio.

A importância desses relatos é confirmada quando fica claro que, em todas as entrevistas, há apreço pela antiga fábrica, mesmo relatando, no caso dos antigos funcionários, um trabalho pesado, cansativo e, por vezes, até perigoso. Ainda assim exaltam-na como um local bom e seguro de se trabalhar, sempre apontando pontos positivos do local e da administração.

Nesse mesmo sentido, Bobadilho e Ferreira constataam que uma antiga fábrica se torna um lugar de memória, além do potencial patrimonial, pois é onde:

[...] ocorriam namoros, casamentos, nasciam os filhos, ocorriam a viuvez, assim como a assistência a saúde, assistência sindical, a moradia, o lazer e até mesmo os produtos que eram vendidos através da cooperativa, assim é demonstrado o quanto a presença da Fábrica é marcada de várias formas na vida dessas famílias. Isso faz com que a relação Firma X Empregado seja um laço forte, conseguindo o comprometimento de cada empregado em relação ao patrimônio da fábrica. (BOBADILHO E FERREIRA, 2012, p. 1009)

Em uma conversa informal, uma das entrevistadas, alguns dias após a sua entrevista, relatou que surgiram outras lembranças, o que a fez refletir sobre a importância desse espaço que, até então, ela apenas via como um prédio

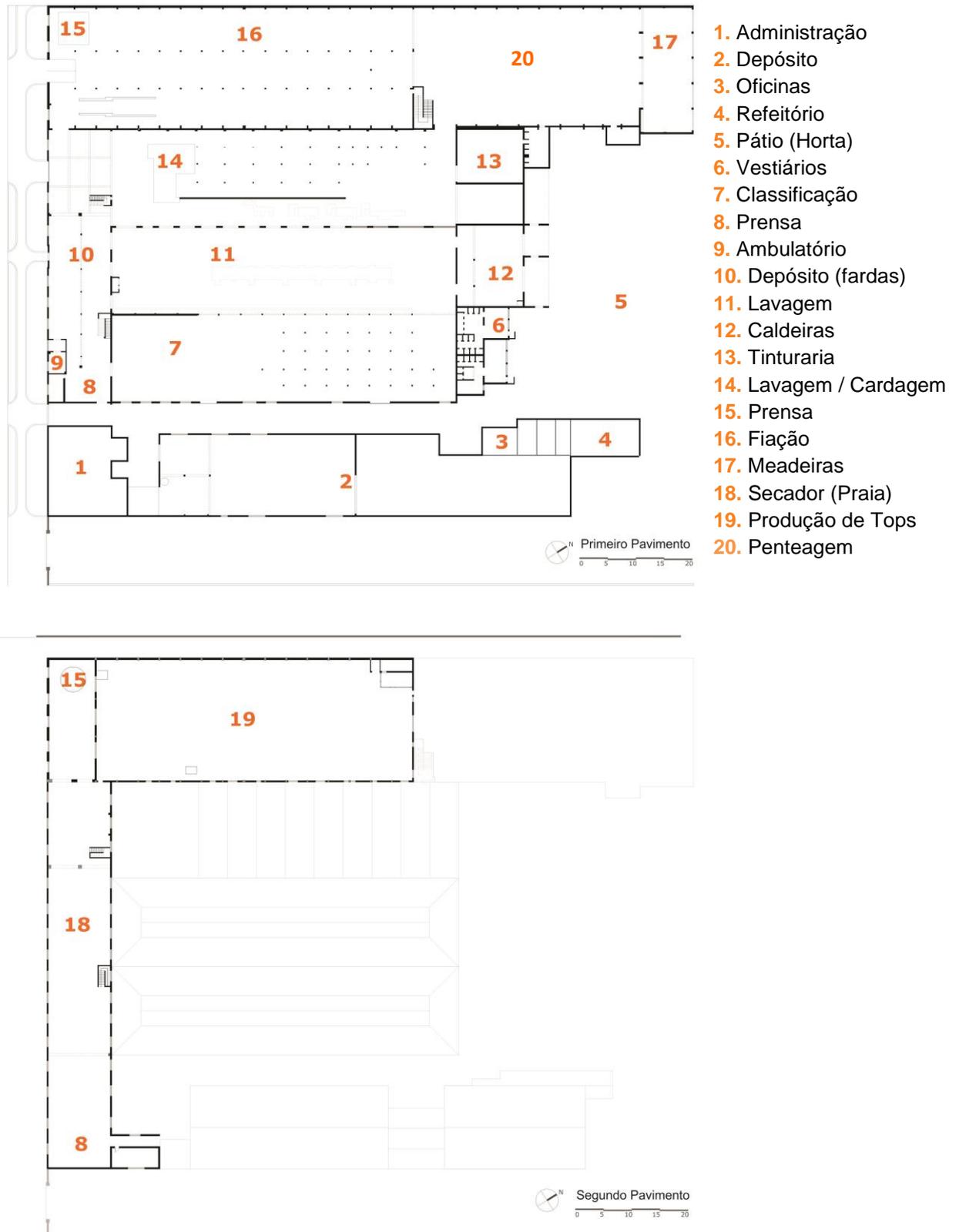
abandonado. Atualmente, ela percebe a importância dele e já o vê como um patrimônio industrial. Essa percepção de valor também é ativada em outros entrevistados, pois foi percebida a surpresa, em muitos, ao saber sobre a pesquisa, ficando nítido o contentamento quando escutavam sobre o projeto da Casa dos Museus, pelo fato de que, além da preservação do espaço fabril, haverá o Memorial da fábrica, no qual toda sociedade terá dados sobre a Laneira.

A partir dessa análise, vê-se que, mesmo a fábrica silenciada, determinados grupos a veem na condição de evocadora de memórias. É notória a estima daqueles que com ela conviveram. Sim, as novas gerações desconhecem a história e a importância da antiga fábrica, o que muito se deve à falta de percepção do espaço como um patrimônio. A isso, esta pesquisa deseja contrapor-se com a intenção de, se for capaz, despertar os valores memoriais da Laneira.

Com as informações contidas em cada relato sobre o espaço físico da fábrica, foi possível identificar e distinguir os locais de trabalho com suas respectivas funções e os ambientes de sociabilidade, muito citados (Figura 23).

As entrevistas foram analisadas conjuntamente e comparadas, levando em consideração que o objetivo é o inventário de memórias de um patrimônio industrial o qual é interpretado como evocador de memórias e, como base para a construção de identidades, não faria sentido analisá-las individualmente. As narrativas em conjunto possibilitam a percepção da memória coletiva e os laços identitários da fábrica com a comunidade do seu entorno. Dessa forma, foi possível entender o valor social desse bem.

Figura 23 – Localização dos setores da Antiga Laneira Brasileira S.A.³⁹



Fonte: Autora, 2016

³⁹ Localização feita pela autora a partir dos dados levantados pelas entrevistas e pelas fotografias da Coleção LBSA da Fototeca Memória da UFPel.

Capítulo 3

As memórias da extinta fábrica Laneira Brasileira S.A.

Neste capítulo, será apresentada a Laneira Brasileira S.A. através das narrativas coletadas, a fim de localizar essas memórias no espaço e no tempo. Também será analisada a importância do inventário de memórias, e como o futuro memorial da antiga fábrica poderá utilizar do resultado dessa metodologia, além de contribuir com uma ideia de uma possível exposição.

3.1 A fábrica pelos seus agentes

Vale ressaltar que nesta pesquisa o foco encontra-se no valor social atribuído aos patrimônios industriais, no caso, o presente trabalho tem como objeto a extinta fábrica Laneira. Esse valor social é interpretado como sendo o espírito do lugar, como já mencionado e definido pela Declaração de Quebec, que é a soma de elementos tangíveis e de elementos intangíveis que dão sentido aos lugares, ou seja, são elementos que interagem e se constroem mutuamente. Situação essa que é transmitida pelos agentes desses lugares, e que tem a sua preservação, principalmente, por meio da comunicação e participação das comunidades envolvidas (ICOMOS, 2008).

Os agentes da Laneira que, gentilmente, cederam seus relatos para contribuir com essa pesquisa, como explicado na metodologia, são pessoas com diferentes olhares sobre o mesmo espaço, a Laneira. Em virtude disso, conseguiu-se reunir relatos de diferentes épocas, de maneira que foi possível ter um panorama de todo o período da fábrica operante (Apêndice E). Interessante destacar, também, que os antigos funcionários entrevistados são na maioria moradores do Fragata desde a época que trabalhavam na fábrica, exatamente como já tinha sido considerado nesse texto, contribuindo para o fortalecimento das relações sociais originadas na fábrica, que formam uma identidade, e hoje estão enfraquecidas, mas não apagadas.

Neste sentido, foram buscadas, nas narrativas dos agentes da Laneira, pessoas para as quais a fábrica tem importância direta, como preservar o espírito do lugar desse espaço fabril. Acredita-se que, também, é uma forma de colaborar com a manutenção de uma identidade, como defende Candau (2012), que a cada

narrativa é renovada a sua identidade, tendo no ato de memória, uma estratégia identitária.

Nas entrevistas realizadas, essa situação se torna clara, quando o entrevistado cita outros agentes que fizeram parte das suas memórias, visto que é sempre recorrente a presença de outras pessoas nas narrativas, como uma maneira de legitimar as suas memórias, como esses fossem cúmplices das suas histórias. Essas atitudes remetem ao conceito de memória coletiva de Halbwachs (1990), que é sempre construída em conjunto com outras pessoas que se identificam por um passado em comum. Assim, de forma totalmente despretensiosa, demonstram o sentimento de pertencimento a esse grupo, o que Halbwachs (1990) define como um quadro social. São nesses grupos que as identidades são produzidas e modificadas.

Em muitas narrativas, percebe-se que alguns lamentam a perda de contato com membros desses grupos, mas também gostam de falar, por ainda manterem algum tipo de relação com outros, salientando o quanto foi possível criar laços de amizade na Laneira, fato interpretado como a construção de uma identidade. Nesse sentido, pode-se exemplificar com a fala da Mirian⁴⁰, quando ela relata que tem uma relação de amizade que se mantém até hoje com uma colega da antiga Laneira, e ressalta, “Lá era assim, as pessoas quanto te tiravam para amiga, eram amigas mesmo [...], esse companheirismo, essa coisa que não se vê mais, depois que sai de lá eu trabalhei em outras fábricas, e não existia esse tipo de amizade” (FERNANDES, 2014).

Também se pode exemplificar com um ato que aconteceu ao final da entrevista com o seu Aquilino⁴¹, quando ele pegou uma agenda de telefones e passou vários números de seus antigos colegas de trabalho. Nesse momento, infere-se que esses contatos eram de pessoas muito próximas, que ainda mantinham uma convivência recente com o entrevistado. No entanto, esse era apenas o seu sentimento, o que ele, inconsciente, transmitiu, já que não se confirmou. A maioria dos números passados por ele, quando se tentou fazer contatos, não existiam mais, ou seja, esses números provavelmente foram anotados pelo entrevistado quando ainda trabalhava na Laneira, levando em conta que ele trabalhou até 2002, e não foram mais atualizados pela falta de contato. Esse fato que pode servir como exemplo de que o sentimento de identidade ainda existe, mas

⁴⁰ Entrevista realizada pela autora em 8 de maio de 2014.

⁴¹ Entrevista realizada pela autora em 15 de agosto de 2016.

com grade potencial de enfraquecimento, se não houver a continuidade de contato com esse grupo. Consideração levantada por Candau (2012) e já citada anteriormente, sobre a necessidade de ativação das memórias coletivas para que estas não sejam ameaçadas, para, conseqüentemente, manter a estrutura identitária do grupo.

Como foi citado anteriormente, existe um grupo social, o qual tem como espaço a Laneira, confirmando os pensamentos de Schimidt (1993), o qual afirma que os espaços ajudam a trazer lembranças das pessoas e das relações sociais que foram firmadas nele. Também diz Halbwachs (1990), que o espaço é questão fundamental para a memória coletiva. Embora a maioria das entrevistas não tenha sido feita na Laneira, foi possível perceber, que o nome da fábrica remetia ao espaço fabril, assim as fotografias desse espaço, o que confirma a Laneira como um evocador de memória.

Uma entrevista que serviu como um exemplo claro de que a Laneira é um evocador de memórias, foi com a Família Basílio⁴², Dona Geni e suas duas filhas Adriana e Jacqueline. A entrevista foi feita no mesmo dia e com as três juntas, através de uma conversa informal, na qual surgiram narrativas que foram fundamentais para os resultados dessa pesquisa. O principal motivo dessa ocorrência foi o fato que Dona Geni morar em uma residência em um terreno ao fundo da primeira propriedade, que foi comprado para a instalação da Laneira. Mesmo tendo, na época (ano de 1949), apenas seis anos, ela ainda recorda, por exemplo, da construção da chaminé e de brincar com seus irmãos, Jorge e Tadeu (também entrevistados) em meio à construção, pois permaneceram morando no mesmo local por alguns anos. Eles cresceram vendo a fábrica operar, já que, nesse período, o acesso para a residência era por dentro do espaço fabril.

Como pode ser percebido no relato de Dona Geni

[...] quando a Laneira, “pegaram” a fazer a Laneira, a gente ia brincar, eu o meu irmão, que é o Jorge, Tadeu os outros “irmão” e nós ia ali e o senhor que “tavam” fazendo a chaminé e diziam assim: “- Crianças, vão embora que aqui pode cair um tijolo!”. Nós ficávamos ali até o final, nós ficávamos assistindo. Nós fazíamos o que tinha que fazer, almoçava e já corria pra ir ficar...nós “sentava” na grama, tinha assim, um capim, né.

Dona Geni narra sua biografia facilmente entrelaçada com a história da fábrica, além de, em parte, durante sua infância conviver no mesmo espaço que a Laneira também socializava com os funcionários, pois sua mãe, indiretamente,

⁴² Entrevista realizada pela autora em 3 de setembro de 2015.

trabalhava para a Laneira, pois fornecia refeições, e algumas funcionárias a procuravam quando estavam indispostas em busca de um chá ou um escalda-pés. Foi, pode-se dizer, dessa interação - família e funcionários - que aos nove anos de idade, em 1951, Dona Geni conheceu Seu José Luiz, ano em que ele começou a trabalhar na Laneira, com apenas 15 anos, vindo a se casarem dez anos depois.

Dona Geni, mesmo já morando em outra residência, continuou acompanhando a história da fábrica, ainda que de forma não tão participativa, pois seu esposo, Seu José Luiz, trabalhou na Laneira até a sua aposentadoria, em 1997. Em virtude de todo esse tempo, suas filhas também frequentavam a fábrica, as quais também foram entrevistadas. Adriana e Jacqueline narram passagens suas dentro do espaço fabril com muita propriedade e detalhes, ficando claro que elas eram assíduas naquele ambiente e conheciam os colegas do pai. Além de um espaço de brincadeiras, contam com muito carinho episódios de suas infâncias, como deitar nos fardos de lã, “a gente ia lá brincar, o pai nos levava, nós nos jogava na lã...” (BASILIO, J., 2015), e fazer da rampa da prensa um escorregador (8 – Figura 23), também lembram de ir ao ambulatório (9 – Figura 23) fazer curativos.

Toda essa convivência criou laços de pertencimento, Adriana conta que fez o Curso Técnico em Mecânica, no atual Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), com o intuito de trabalhar na Laneira, e se justifica durante essa narrativa, “eu achava a Laneira o máximo, né!”. Anseio que não chegou a se concretizar, por isso acha que não seguiu a profissão na qual se formou. Fez novo curso e hoje é professora de matemática.

Todas essas memórias são lembranças de família, mas que suportam detalhes de um ambiente fabril e têm seus suportes materiais não só na edificação e naquele endereço, a família tem resquícios da fábrica embrenhado na própria casa, e os mantêm com cuidado. Elas relatam, inclusive, que em uma ocasião na qual a fábrica fez melhorias na edificação, trocaram algumas esquadrias, Seu José Luiz ganhou aquelas que a Laneira não iria mais utilizar, colocou na sua residência e hoje ainda permanecem no mesmo local, assim como um termômetro antigo, que ainda exerce sua função, além de um banco no pátio, feito com o assoalho que a Laneira estava se desfazendo.

Outro suporte de memória que a família destaca é a cruz de madeira que foi colocada sobre a fachada principal da Paróquia São José localizada Avenida Duque de Caxias. Jacqueline relata, parecendo muito orgulhosa, que aquela cruz foi

confeccionada na marcenaria da Laneira pelo seu pai, com madeira doada pela fábrica, “tem a cruz aquela da igreja. Foi o pai que fez, né, da Laneira? Não foi? Que a Laneira mandou entregar pra igreja do São José? [...] Fez e foi dada pela Laneira. Aqui na igreja do São José, que tem ali.” (BASILIO,J., 2015). Esses relatos deixam nítida importância desses objetos evocadores de memória, pois como já trabalhado nesse texto, eles auxiliam na construção de identidades, uma vez que a memória e as identidades estão fortemente relacionadas (Candau 2012), e os objetos auxiliam para a manutenção da memória e, de alguma maneira, também auxiliam na manutenção de identidades.

Percebeu-se, nas narrativas, que a extinta fábrica sempre aparece como um foco de um espaço maior, pois os entrevistados de alguma forma sempre faziam algum tipo de relação da edificação com o seu entorno, mais precisamente com o Fragata. Além do relato da cruz, os entrevistados sempre citavam algum colega da Laneira, complementando com quem e onde moravam. Como fez o seu Luiz⁴³, que lembra da enfermeira Marisa (também entrevistada) que reside na rua Frederico Bastos (Fragata), ou a dona Lenir⁴⁴, a qual recordou que a Laneira tinha um funcionário, também atleta, que era patrocinado pela fábrica para participar de competições de atletismo como a São Silvestre, o Seu Francisco, ela ressalta que ele é seu vizinho, ambos moradores do Fragata⁴⁵. “ainda tinha o time de futebol, tinha tbm um atleta que corria, o Francisco, foi até para a São Silvestre. A Laneira que patrocinava.” (AVILA, 2016)

O entorno também está presente na fala da Miriam, quando ela relata que nos intervalos, na sua época de trabalho, era possível sair da fábrica, e muitos aproveitavam para tomar sol na Avenida Duque de Caxias, e no horário da saída, as funcionárias da fábrica saíam todas juntas, e grande parte ficava na parada do ônibus na frente da Laneira. “A gente acabava se conhecendo, tinha o refeitório, e todo mundo morava no Fragata, aí tu sai e era aquele bando de mulher tudo na parada do ônibus, então a gente tinha essa convivência” (FERNANDES, 2014). Já Dona Geni, Seu Jorge e Seu Tadeu⁴⁶ lembram o movimento intenso de caminhões

⁴³ Entrevista realizada pela autora em 19 de maio de 2014.

⁴⁴ Entrevista realizada pela autora em 1º de março de 2016.

⁴⁵ Devemos salientar que questionada sobre morar no Fragata, dona Lenir, responde que mora no Simões Lopes, área não oficial que pertence à região administrativa Fragata, conforme a Lei Municipal nº 5.490/2008, no qual levamos em consideração nesta pesquisa.

⁴⁶ Entrevista realizada pela autora em 30 de outubro 2015.

(Figura 24) por causa da fábrica, mesma lembrança da professora Noris⁴⁷, que chegou a presenciar um acidente com um deles.

Figura 24 - Transporte de fardos de lã (década de 1960)



Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPel.

Essas memórias fazem refletir sobre a influência desse espaço fabril no seu entorno, indo ao encontro da ideia já lançada nesse texto, de que a Laneira interferiu no bairro, fazendo a paisagem mudar, e também demonstra que além das pessoas agirem no espaço, o espaço também age nas pessoas.

Outro ponto que essas memórias fazem refletir é da Laniera como um foco com interesse cultural na Avenida Duque de Caxias, considerada pelo III Plano Diretor do município um Área de Especial Interesse do Ambiente Cultural (AEIAC). Com a mesma ideia do foco no III Plano Diretor, também se classificou a Laneira como um marco. Segundo o Lynch (1997), o qual afirma que marco é uma referência no espaço, usados como indicadores de identidade, tal qual nota-se nas narrativas.

Como ressalva Ferreira (2009), sobre patrimônios industriais, a Laneira só faz sentido porque está naquele bairro e naquela avenida, e ainda faz parte do cotidiano dos seus agentes, mesmo que de forma muito singela. Como relata Dona Geni, que ao passar de ônibus na frente do espaço fabril fica triste com sua situação atual, mesmo sentimento do seu Marco Aurélio e do seu Gilberto⁴⁸, “eu sinto uma tristeza quando passo ali...” (BARBOSA, 2016). Obviamente, como se trata de uma edificação, não haveria a possibilidade de preservar esse patrimônio em outro lugar.

⁴⁷ Entrevista realizada pela autora em abril de 2014.

⁴⁸ Entrevista realizada pela autora em 9 de outubro de 2016

No entanto, o interesse desta pesquisa é ir além de preservar o bem imóvel, mas também o espírito do lugar, visto que acredita-se ser sensato o uso dessas narrativas para a conservação das diversas relações da edificação com seu entorno, a fim de se manter a potencialidade de uma paisagem cultural, mesmo após a efetivação do novo uso.

Premissa essa reforçada pela própria definição de paisagem no campo da geografia, cuja ideia abarca o conjunto de forma que revelam as sucessivas relações sociais durante o tempo, o que é inseparável da identidade conferida por essas relações sociais. Essa categoria pode ser percebida na passagem composta pela Laneira através das memórias dos nossos entrevistados, que como colocado, sempre falavam da edificação contextualizada com seu entorno.

Ao que se refere aos antigos funcionários, pelos resultados e interpretações das 17 entrevistas, acredita-se que o resultado satisfatório, pois as narrativas foram coerentes, com visões convergentes sobre o bem, sendo, assim, possível perceber as características desse grupo, formado por um número muito maior de agentes. Segundo Seu Marco Aurélio⁴⁹, a Laneira chegou a ter mais de 400 funcionários, somando todos os setores, “chegou a ter tinha 442 funcionário fixos, quando trabalhava os três turnos, dia e noite” (COSTA, 2016). Como já colocado, os trabalhadores da Laneira descrevem o seu tempo na fábrica com apreço, sempre exaltando suas qualidades. Diante disso, concordamos com Ferreira (2009) que em pesquisas acerca de experiências industriais,

As narrativas baseadas nos locais de trabalho, quando estes foram experiências do passado, tendem a abordá-lo como um lugar aprazível, eixo de uma fase da vida que se apresenta como promessa de devir. A fábrica torna-se centro de uma vida desejável em contradição ao período em que trabalhavam e dessa narrativa se constrói o mito da Idade de ouro, uma remodelação do passado cuja finalidade é possibilitar a continuidade da existência no presente (FERREIRA, 2009. p.192).

Os exemplos desses sentimentos nas narrativas estão em meio a tanta cordialidade, pois aqueles funcionários que trabalharam no início dos anos 2000, época de declínio da fábrica, como o Seu Gilberto e Dona Lenir, quando relatam o atraso e/ou o parcelamento dos salários, sendo esse o motivo da Dona Lenir pedir demissão. “Andou uma época brabo, o pessoal ganhava menos... [...]” (BARBOSA, 2016). Seu Antônio Carlos também relata esse fato, além disso, afirma que nessa época já estava escassa a matéria prima, muitas vezes quando chegava para

⁴⁹ Entrevista realizada pela autora em 2 de dezembro de 2016.

trabalhar, o seu supervisor liberava alguns funcionários, já que não havia serviço para todos, inclusive ele voltou algumas vezes para casa sem cumprir seu horário. Também foi comentado que havia roubo de lã pelos próprios funcionários.

Outros exemplos dessa possível contradição foram percebidos nos discursos dos antigos funcionários, pois embora eles fossem gentis com os administradores da Laneira, havia suas diferenças, pois, provavelmente em 1984, ocorreu uma greve, segundo Dona Mirian, de quase dois meses. O motivo segundo eles era para reivindicar a continuidade da jornada de trabalho de seis horas, contra o aumento pretendido pela administração para oito horas.

Quando teve a greve, a que era nossa encarregada ela não aderiu, e a gente ficava sentado lá na frente, e tinha uma partida de lá para sair para os Japoneses, [...]e para não sair lã nós tivemos que sentar ali, naquele portão e aí os caminhões não puderam sair, e eles furiosos, porque tudo com horário, tudo marcado, aí em seguida a empresa nos deu um parecer favorável e voltamos a trabalhar, a lã foi liberada. (FERNANDES, 2014)

E foi perceptível, através das narrativas dos acidentes de trabalho, que eles desempenhavam tarefas pesadas e até perigosas, no entanto quando falam especificamente dessas tarefas, querem mostrar que era um trabalho bom, do qual tinham prazer e se orgulhavam de ter desempenhado.

Sobre os acidentes de trabalho, o relato mais ouvido foi sobre o caso do Seu Rubens, irmão da Dona Geni, que trabalhava na fábrica há quatro anos, quando teve o seu braço preso em uma máquina, possivelmente uma penteadeira⁵⁰, não resistindo aos ferimentos e falecendo ainda dentro da fábrica. O motivo de tal acidente seria por que o rapaz dormiu durante o trabalho. Dona Geni ressalta, como se quisesse inocentar a fábrica, que o irmão era “festeiro”, que tinha ido trabalhar sem dormir, por isso acabou se acidentado.

Ele é irmão, por parte de mãe. E ele morava com os avós. Aí, o avô morreu, [...] Ele não falava quase português, só alemão. Ele era alemão, né [...] aí ele veio morar com nós, até serviu aí e tudo! Aí ele era...bah! Ele pegou o gostinho pela cidade e as baladas, as amizades.. Tinha uma turma da Laneira, que gostava, e tinha o tempo das discotecas, né, aquelas coisas. [...] E ele gostava assim, e ele foi “num coisa” e veio com sono e tinha que trabalhar, pegar... no sábado e domingo, ele tinha que pegar às onze da noite, tinha que pegar, virar nas máquinas, né. Tinha que pegar, onde lavava as lãs, né. E pegou. [...] eu tava tomando conta da casa, nós tava em casa, aí quando foi duas da madrugada bateram: “Seu Antoninho, Seu Antoninho, ligeiro, acuda! O alemão se acidentou na máquina!” Aí...o dedo arrancou, eu não vi, eu não vi, nem quis olhar. [...] As pessoas eram muito distraídas mesmo. (BASILIO, G.S, 2015)

⁵⁰ Máquina que faz a eliminação de sujidades e remove partes curtas das fibras que não tem o tamanho adequado para a obtenção de bons fios, além de uniformizar o comprimento das fibras.

Segundo a enfermeira Marisa⁵¹ eram comuns os acidentes de trabalho “leves”, como cortes nas pernas pelas cintas metálicas que prendiam os fardos de lã (Figura 25) e machucados pelas agulhas das diversas máquinas. Ela também conta que um dos motivos que mais movimentava o ambulatório onde trabalhava era infecção auricular, como o barulho na fábrica era muito forte, que impedia muitas vezes verificar a pressão de algum funcionário, era necessário que em alguns setores usassem protetor auricular tipo concha⁵², e como as temperaturas no ambiente fabril era alta, ocasionava tal patologia.

O setor pior era aquele do tops, daquele barulho da máquina, e do calor, no inverno ia a 30 e tantos graus, e ainda se trabalha com aqueles fones nos ouvidos, inflamava os ouvido das criaturas, ficava preto, saia aquela inflamação preta, então duas ou três tinha uma desmaiando. [...] Esses dedos eram freguês de tirar as pontas aqui nos pentes, que passavam aqueles pentes, pentes do mais grosso ao mais fino, para pentear a lã, e elas levantavam não sei por que cargas d’água e não firmavam e aquele pente caía, então de cai, gravava agulha. [...] A lã caía bem perto do ambulatório, aquele ambulatório era uma coisa mal feita, porque era embaixo da prensa, então ficava aquele tuc, tuc, e tu ia ver a pressão, e qual era o coração qual era o tuc, tuc, não tinha como, e mais o barulho da avenida. Outra coisa que se dava ali, muito mais que sarna e essas coisas era corte com aqueles aro dos fardos, aquilo ali pegava... (PORTO, 2016)

Figura 25 – Depósito de fardos de lã



Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPel.

Dentre os entrevistados dessa pesquisa, o Seu Jacintho⁵³ foi o único que relatou sofrer um acidente de trabalho. Ele era responsável pela marcenaria, e fazia todos os tipos de trabalho que tivesse uso da madeira, como manutenção em máquinas e fabricação de carrinhos para o transporte interno da lã. Para executar

⁵¹ Entrevista realizada pela autora em 30 de novembro de 2016

⁵² Equipamento semelhante ao um fone de ouvido que cobre toda a orelha.

⁵³ Entrevista realizada pela autora em 30 de novembro de 2016

tais tarefas, era necessário o uso da serra circular⁵⁴, por isso conta que em certa ocasião, quando utilizava esse equipamento machucou a mão com um corte profundo, tendo até hoje uma grande cicatriz. No entanto, deixou claro que o motivo do episódio foi a sua distração, uma conversa com um colega, complementando que a administração prestou toda a assistência necessária no socorro e durante o seu afastamento para recuperação. Narrou esse fato da seguinte maneira:

Teve um dia que eu tava trabalhando na máquina, né, aí o Zé Luiz veio e falou assim no meu ouvido, não sei que ele falou fui atender a tabua que eu tava correndo correu por cima, e quebrou ó, me deixou... com não sei quantos pontos aqui ó, e esse dedo aqui ficou com problema, mas nunca nunca me rebelei, por que ele foi falar, nunca que ele julgo, quando eu fui prestar atenção a tabua correu por cima da serra e deu aqui, tive três meses de atestado [...]. (TRINDADE, 2016)

Em oito de junho de 1978, foi aprovada a Portaria N° 3.214 do então Ministério do Trabalho e Emprego que “Aprova as Normas Regulamentadoras - NR - do Capítulo V, Título II, da Consolidação das Leis do Trabalho, relativas a Segurança e Medicina do Trabalho” (BRASIL, 1978, p.1). Assim, conclui-se que a partir dessa data os acidentes de trabalho devem ter diminuído, já que havia uma legislação que exigia das empresas essa segurança. No caso específico da Laneira deve ter sido essa legislação a motivadora para os eventos que são narrados recorrentemente pelos antigos funcionários: a Semana de Prevenção de Acidentes do Trabalho (SPAT), organizada pela Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA)⁵⁵ (Figura 26).

⁵⁴ Equipamento elétrico pra cortar madeira.

⁵⁵ A constituição da CIPA é determinação da NR - 05 da Portaria N° 3.214, que tem por a prevenção de acidentes e doenças decorrentes do trabalho, de modo a tornar compatível permanentemente o trabalho com a preservação da vida e a promoção da saúde do trabalhador. E deve ser composta de representantes do empregador e dos empregados, de acordo com o número de empregados no estabelecimento.

Figura 26 – Semana de Prevenção de Acidentes no Trabalho. Ano 1984



Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPel.

Pelas narrativas percebeu-se que houve diversas semanas organizadas pela CIPA, mas tem-se apenas do registro da SPAT que ocorreu em 1984. Além de palestras (Figura 27), essa semana também tinha outras atividades, como um campeonato de futebol de salão, disputado entre equipes dos setores da fábrica (Figuras 28 e 29), e também um concurso de frases e cartazes, no qual a enfermeira Marisa foi premiada (Figura 30). Esse concurso devia ocorrer regularmente nas SPAT, pois a entrevistada Adriana, quando mostrada uma foto de um evento, relatou que uma de suas irmãs participou em uma ocasião e recebeu um prêmio por um desenho seu. “a mana participou disso aqui! A mana ganhou o prêmio esse aqui. Tem o desenho. Deve tá com a mana...não! Tá aqui em casa.” (BASILIO, A., 2015).

Figura 27 – Palestra durante a Semana de Prevenção de Acidentes no Trabalho. Ano 1984



Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPel.

Figuras 28 e 29 – Torneio de Futebol de Salão da SPAT – Equipe de funcionários da administração. Ano 1984



Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPel.

Figura 30 – Marisa recebendo a premiação do concurso de Frases e Cartazes da SPAT-. Ano 1984



Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPel.

A prática esportiva era incentivada pela Laneira, informação observada pelo seu Gilberto, a qual é possível verificar, não só pelo campeonato ofertado durante a SPAT, mas através do relato da Dona Lenir, como já mencionado, sobre um corredor patrocinado pela fábrica, mas principalmente pelo time de futebol de campo que representava a Laneira nos jogos entre empresas, que segundo Seu Luiz “ganharam muito troféus, era um time muito bom” (OLIVEIRA, 2014). Como pode-se observar na fotografia (Figura 31) os entrevistados Marco Aurélio - segundo de pé da direita para esquerda - e Gilberto – primeiro ajoelhado da esquerda para a direita - fizeram parte desse time na mesma época. A imagem retrata a escalação do time da Laneira em um jogo, quando ganharam de quatro a zero do time do Juventus⁵⁶.

Figura 31 – Time de Futebol da Laneira em 1991



Fonte: Acervo particular de Gilberto Lopes Barbosa.

Notou-se, também, que a Laneira, enquanto patrimônio industrial, além dos valores propriamente ditos da cultura industrial, abrange um amplo valor referente à sociabilidade, pois de modo peculiar nessa fábrica tem-se em uma prática esportiva um vestígio desse bem, o time de futebol. Entre as 17 entrevistas realizadas, 11 citaram em sua narrativa o time de futebol, sendo que quatro fizeram parte do time, lembrando-se do tempo em que o time foi extinto, voltando às atividades em 1991, tendo como o jogo do retorno o retratado a cima.

⁵⁶ Informação contida no verso da fotografia (figura 27), e possivelmente o adversário da Laneira seja a Sociedade Esportiva Cultural Juventus localizada no Fragata.

Outro fato muito narrado foram as festas de fim de ano promovidas pela administração da fábrica, época na qual ofereciam churrasco para todos os funcionários no próprio espaço fabril, quando se reuniam no pátio (5 – Figura 23), e distribuía cestas de natal para os presentes (Figura 32). As quais aconteceram até o fechamento da Laneira, mesmo durante o período de dificuldades. Também recordam muito do refeitório (4 – Figura 23), narram que a empresa fornecia uma refeição por turno, e que nela tinha ingredientes da horta que havia ao fundo da edificação. Seu Marco Aurélio conta que era uma horta grande, que tinha um funcionário encarregado apenas de cuidá-la, inclusive em algumas oportunidades distribuía verduras aos funcionários. “Tinha a horta, tinha um que cuidava a horta, só para cuidar a horta, era grande a horta, e as vezes davam para a gente levar para casa, as verduras, firma era de primeiro mundo...” (COSTA, 2016). Já Dona Lenir lembra que nesse ambiente tinha um fogão a lenha grande sempre acesso com uma chaleira de água para o preparo de café, além de muitas vezes participar de festinhas organizadas pelo seu setor para comemorar o aniversário de colegas.

[...] era muito bom, tinha uma turma boa, em cada aniversario a gente fazia festinha, a gente tinha uma hora de intervalo. Tinha um fogão a lenha, que a acendiam o fogo, ai quando a gente saia para o intervalo tinha agua quente para tomar café, era muito bom, ficava no refeitório, era um baita fogão com uma chaleira grande de ferro, e sempre tinha agua quente. (AVILA, 2016)

Figura 32 – Churrasco de fim de ano – da esquerda para direita: Aquelino, ?, Basílio, José Luiz, Roberto, Lulu, Onor e Carlos – Década de 1980



Fonte: Acervo particular de Geni da Silva Basilio.

Outra referência muito citada é a gruta (Figura 33) que havia no corredor de acesso da fábrica. Seu Luiz conta que era comum os funcionários, principalmente as mulheres, deixar bilhetinhos com pedidos ao pé da Santa que ficava dentro da gruta. “Aqui tem a grutinha que as mulheres gostavam, tinha muita solteira aqui, né, colocavam pedidos, era uma santa, não lembro se era uma Nossa Senhora...” (OLIVEIRA, 2014). Seu Tadeu descreve que a construção da gruta foi feita pelos funcionários, que cada um escreveu o seu nome no cimento ao fundo de um espelho d’água que circundava a gruta e as imagens. Nossa Senhora de Lourdes ficava dentro da gruta, e Santa Bernadete ficava em frente em uma redoma de vidro. As duas foram adquiridas pelos mesmos funcionários que construíram a gruta.

Nós é que construímos aquela gruta ,e cada funcionário colocou um tijolo na gruta, e cada funcionário escreveu o seu nome no cimento, nos fundos, daquele lago. E nós compramos a imagem, que era Nossa Senhora de Lourdes e Santa Bernardete. A Laneira comprou e cada funcionário pagou um tanto, para descontar do salário. (SILVA, J.R., 2015)

Figura 33 – Gruta – Gilberto a esquerda – Década de 1980



Fonte: Acervo particular de Gilberto Lopes Barbosa.

Ao escrever sobre essas narrativas, percebeu-se que essas podem ser facilmente sistematizadas conforme o seu conteúdo. A partir dessa constatação elaborou-se o quadro a seguir (Figura 34):

Figura 34 – Sistematização das Narrativas⁵⁷

Categorias	Memória	Narrador
Entorno	Cruz da igreja	Jacqueline
	Vizinhos	Aquilino, Geni, Jacintho, Lenir, Luiz, Marco Aurélio, Marisa
	Av. Duque de Caxias	Ana, Aurélia, Geni, Jorge, Mirian, Noris, Tadeu,
Locais	Refeitório	Adriana, Ana, Geni, Jacintho, Jacqueline, Jorge, Lenir, Luís, Marco Aurélio, Tadeu
	Horta	Adriana, Aquilino, Geni, Jacqueline, Luís, Marco Aurélio, Mirian
	Gruta	Jacqueline, Luís, Jorge, Tadeu, Ana
Afetivas	Brincadeiras	Adriana, Aquilino, Geni, Jacqueline, Jorge, Mirian, Tadeu
	Amizades	Ana, Aquilino, Geni, Jacqueline, Lenir, Mirian,
	Acervo pessoal	Adriana, Aquilino, Geni, Gilberto, Jacqueline
	Aniversários	Lenir, Mirian
	Tristeza (situação atual da edificação)	Ana, Geni, Gilberto, Luís, Marco Aurélio
Celebrações	SPAT	Adriana, Gilberto, Luís
	Comemorações de fim de ano	Adriana, Geni, Jacintho, Jacqueline, Lenir, Marco Aurélio, Mirian
	Esportes	Antônio Carlos, Aquilino, Geni, Gilberto, Jacqueline, Jorge, Lenir, Luís, Marco Aurélio, Tadeu
Traumáticas	Declínio de fábrica	Adriana, Ana, Antônio Carlos, Geni, Gilberto, Jacqueline, Jorge, Lenir, Marco Aurélio, Tadeu
	Roubos	Gilberto, Marisa
	Greve	Marisa, Mirian
	Acidentes de trabalho	Aquilino, Geni, Jacintho, Jorge, Marisa, Tadeu

Fonte: Autora, 2017

Percebeu-se, também, através dos relatos coletados dos agentes da Laneira que eles valorizam o tempo da fábrica operante, independente da época em que trabalharam, fato observado em diversos grupos, na maioria das sociedades, essa “nostalgia de um passado idealizado” (CANDAU, 2012, p. 88) no qual valorizam os tempos mais antigos. Devido a isso, as narrativas foram interpretadas sem sentimentalismo, para entender os fatos e localizá-los na fábrica, mas não se dispensou essa característica, principalmente no que diz respeito ao valor social, mais precisamente ao espírito do lugar, que, como na Declaração de Quebec, já citada, a qual atenta para os elementos intangíveis (memórias, narrativas, comemorações, rituais, conhecimento tradicional, valores, texturas, cores, odores,

⁵⁷ Há ainda a categoria das memórias de trabalho que não foram incorporadas nesse quadro, porém cada um dos antigos funcionários entrevistados relataram sobre a suas jornadas de trabalho e sobre o(s) setor(es) que desenvolveram suas atividades.

etc.) de cada lugar e defende que é um elemento vivo, em permanente reconstrução, dando, dessa forma “uma contribuição importante para formar o lugar e lhe conferir um espírito, declaramos que o patrimônio cultural intangível confere um significado mais rico e mais completo ao patrimônio como um todo” (ICOMOS, 2008, p.3).

Deve-se também deixar claro que as análises das entrevistas foram feitas conforme foram extrovertidas, levando em consideração que o objetivo do trabalho é inventariar memórias e não contempla a verificação de sua veracidade. Sabe-se que deste modo pode deixar lacunas quanto à história da fábrica ou a questão sociológica dessa comunidade, mas acredita-se que para que haja o reconhecimento, a valorização e a apropriação de um bem a sua comunidade deve ser sentir representada como deseja que os outros a vejam. Como a intensão que essas memórias integrem um memorial e contribuam para seu discurso expositivo, deseja-se que estas memórias se apresentem exatamente como foram narradas. Nada impede que possam contribuir com o memorial outras memórias e outras visões para então considerar pontos que por acaso as memórias dos agentes contemplados por essa pesquisa possam estar falhos.

3.2 Inventário de memórias e seus usos

Inventário, segundo o IPHAN, “é uma forma de pesquisar, coletar e organizar informações sobre algo que se quer conhecer melhor” (IPHAN, 2013a, p.5), em outra publicação afirma que é “Um dos instrumentos para se conhecer o patrimônio cultural e perceber sua presença na vida das pessoas” (IPHAN, 2013b, p. 10). E complementa

Quando fazemos um inventário de um bem cultural, tratamos de descrevê-lo e documentá-lo escrevendo sobre ele, fotografando, filmando, fazendo entrevistas, gravações sonoras, e outras formas de documentação. Trata-se também de levantar informações já produzidas sobre aquele bem em outros locais, como arquivos e bibliotecas. Documentos, mapas, fotografias, filmes, cartas e outros registros podem ajudar nesse levantamento. (IPHAN, 2013b, p. 11)

Levando-se em consideração essas afirmações, buscou-se elaborar um inventário para conhecer melhor a Laneira, mais precisamente o seu valor social. Com base nisso, foi escolhida e adequada a metodologia usada nessa pesquisa.

Para isso, fez-se um recorte sobre que é um inventário de um bem cultural, elaborando apenas um inventário de memórias da Laneira.

Ficou claro que um inventário de memórias, exatamente como a expressão remete, é uma coleta, ou melhor, um registro das lembranças que as mais variadas pessoas podem ter sobre a antiga fábrica. Essas pessoas, como observado no decorrer do texto, foram denominadas agentes, por possuírem a memória da fábrica operante.

Ressalta-se que nessa pesquisa que a comunidade estudada é a do bairro Fragata, e que há apenas uma amostragem de indivíduos que tem a Laneira como um evocador de memórias.

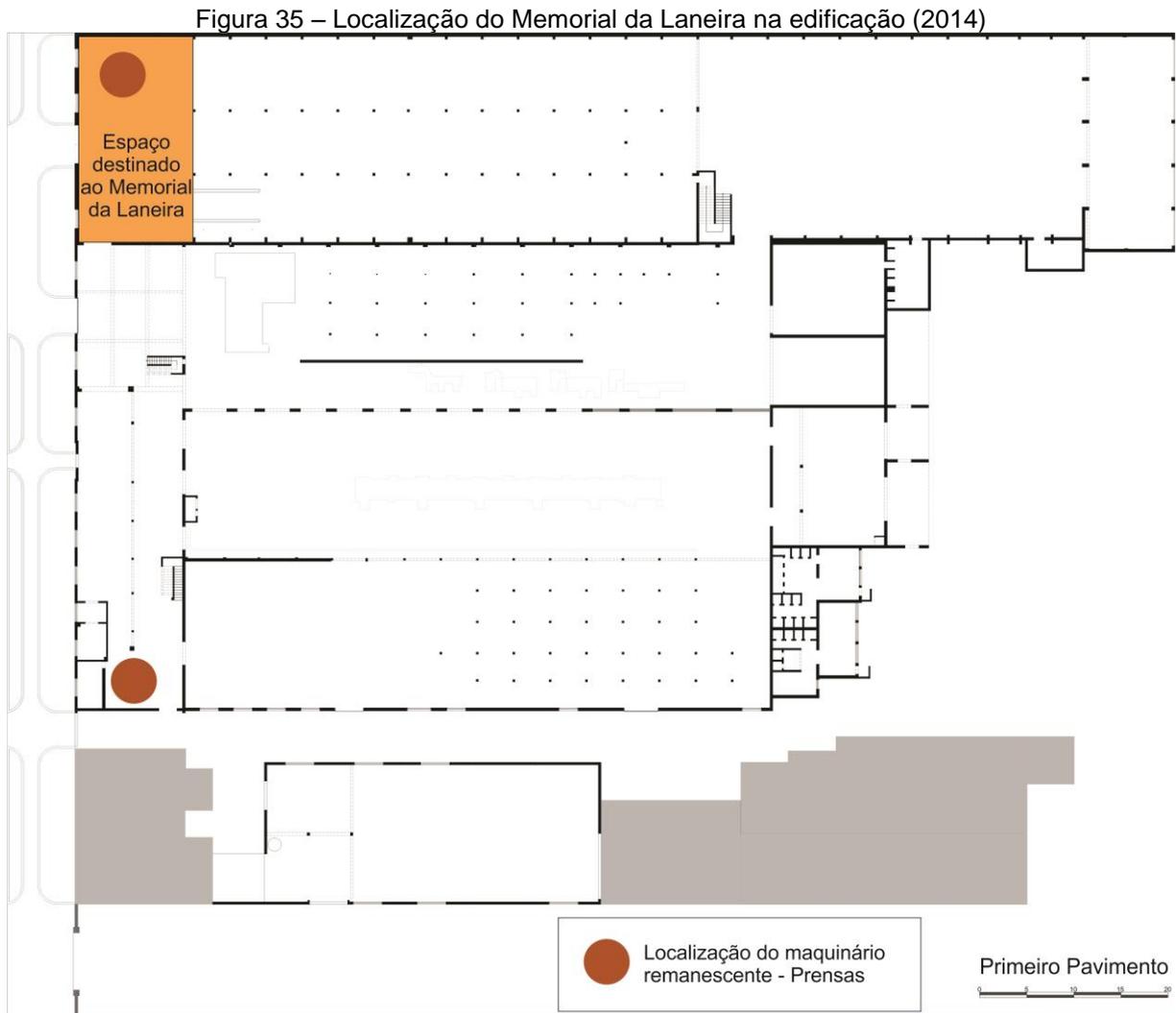
O inventário e participação da comunidade estão presentes em muitos documentos e pesquisas, como ações de suma importância para os mais diversos patrimônios, destacados em vários trechos desse texto, como a Carta de Nizhny Tagil (2003), sobre o patrimônio industrial, a qual atenta para essas ações. Assim como a Declaração de Quebec (2008), sobre a preservação do espírito dos lugares, mas sem deixar de citar a Carta de Bagé (2007), sobre a paisagem cultural, que indica que, entre outras, devem ser feitas essas ações de preservação.

Nesse sentido, a coleta de narrativas atende as indicações dos documentos citados acima, assim como a atividade de inventário nas escolas, pois envolve a comunidade. Além disso, ajuda na continuidade da identidade da Laneira, com a intenção de que esses dados coletados assim como os resultados⁵⁸ integrem o futuro Memorial da Laneira, o qual tem como missão registrar a trajetória dessa antiga indústria por meio da recuperação e preservação de vestígios materiais e memórias adjacentes, contribuindo para a história do Fragata, onde se encontra localizada.

O Memorial da Laneira, como já visto, é contemplado pelo projeto Laneira Casa dos Museus e sua localização (Figura 35), proposta por esse projeto deve ser salientada, pois está prevista para ser implementada junto à prensa de tops, exemplar das únicas duas máquinas que ainda permanecem no imóvel. Como as máquinas estão presentes nas narrativas dos antigos funcionários, acredita-se que a manutenção deste objeto seja fundamental. Assim, dispondo do Memorial para garantir a sua preservação física, mas principalmente a preservação das

⁵⁸ As entrevistas realizadas foram gravadas em formato mp3 e serão disponibilizadas nesse formato futuramente ao Memorial da Laneira

informações extrínsecas, as quais podem ser encontradas nas narrativas já coletadas. Assim prensa irá colaborar com a história da fábrica, como para a manutenção da identidade da Laneira.



Embora o Memorial esteja sendo projetado para um espaço restrito dentro da edificação, e todos os demais espaços da Laneira estejam destinados para os mais diversos usos, acredita-se que o Memorial também terá a função preservar a memória e os elementos restantes da edificação como um todo, garantindo a unidade deste imóvel como um patrimônio industrial. A referência dos ambientes fabris não pode ser perdida, pois é essencial para entender o percurso da matéria prima, a lã, e principalmente os grupos menores que eram formados dentro da Laneira.

Nas narrativas dos antigos funcionários, notou-se que era comum conhecer os diversos setores da Laneira, e trabalhar em mais de um setor ao longo da carreira. Tal fato mostra que todos os funcionários, mesmo que de forma superficial, conheciam todo o processo fabril, mas, obviamente que é sobre os setores que trabalharam mais tempo que surgem as memórias sobre trabalho e as de cunho mais técnico, sobre o funcionamento das máquinas. Inclusive pelo convívio diário os nomes de colegas que são citados, são sempre os que trabalhavam juntos. Essa proximidade também é notada nas fotografias do torneio de futebol durante a Semana de Prevenção de Acidentes do Trabalho (SPAT) de 1984, quando os times participantes eram formados por funcionários de cada setor, como o time da administração, como vimos na Figura 29, o time da prensa, e outros.

Nesse contexto, a manutenção do espaço é dito como um evocador de memórias, como já mencionado, é fundamental que esses espaços sejam preservados conforme a visão e o entendimento de seus agentes. Acredita-se que as narrativas dos agentes sejam fundamentais nesse sentido, para colaborar com o Memorial a fim de que tenha em seu discurso aquilo que as agentes mostram em suas narrativas o que para eles importa e faz sentido na antiga fábrica.

O Memorial também deverá ser um meio para colaborar com a valorização e o reconhecimento deste patrimônio industrial, atuando na comunidade com diferentes recursos para diferentes públicos. Espera-se que seja papel do Memorial contar a história da Laneira para aqueles que não a conheceram, de uma forma que os agentes desse bem se sintam representados e encontrem ali suas memórias, mas também ajude para que novas memórias sejam provocadas. Além da divulgação e da apropriação de outros agentes.

Assim, faz-se fundamental fomentar a valorização e a apropriação principalmente na geração que não conheceu a fábrica operante, usuários em potencial do novo uso da Laneira, a Casa dos Museus, pois nas atividades de Inventário do Patrimônio nas escolas, como já colocado, há um desconhecimento por grande parte desses jovens da atividade fabril desenvolvida no imóvel remanescente da Laneira. Provavelmente isso se deva ao fato de terem nascido na época de fechamento da fábrica e não a terem conhecido na época do seu funcionamento. Também há um silenciamento por parte dos agentes quanto à disseminação dos conhecimentos por acreditarem que não há valor em suas

memórias, além da edificação sem uso, que não colabora para a manutenção da memória.

Foi possível notar que, tanto através das narrativas quanto das atividades nas escolas, existe nessa comunidade um potencial de valorização desse bem. A percepção da Laneira foi muito além de apenas um prédio abandonado, mas foi instigada com essas ações como um patrimônio, as quais devem ser continuadas, pois a valorização e a apropriação são processos que não devem ser interrompidos, tanto para que não se tenha um retrocesso, quanto a essa manutenção, quanto para que o novo uso não seja desacreditado.

Refletindo sobre isso, crê-se que o próximo passo seria oferecer um meio de extroversão elaborado a partir do material coletado durante essa pesquisa, sendo também uma forma de divulgação do inventário de memórias, fortalecer o vínculo criado a partir dessas ações da universidade com a comunidade do Fragata, aumentando a rede de entrevistados em potencial.

O meio de extroversão proposta foi uma exposição, pois se imagina que seria a maneira mais adequada para o uso do material coletado, já considerando como uma ação do próprio Memorial e também um modo que permitiria a interação entre as gerações que participaram dessa pesquisa: os agentes da Laneira que a conhecem bem e os jovens que não a viram funcionando. Além de ser um meio com a intenção de alcançar um grande público, não apenas a comunidade da qual se está tratando, mas também diferentes pessoas, que tenham interesse em conhecer esse bem, potencializando, dessa forma, a valorização e a apropriação da Laneira enquanto patrimônio.

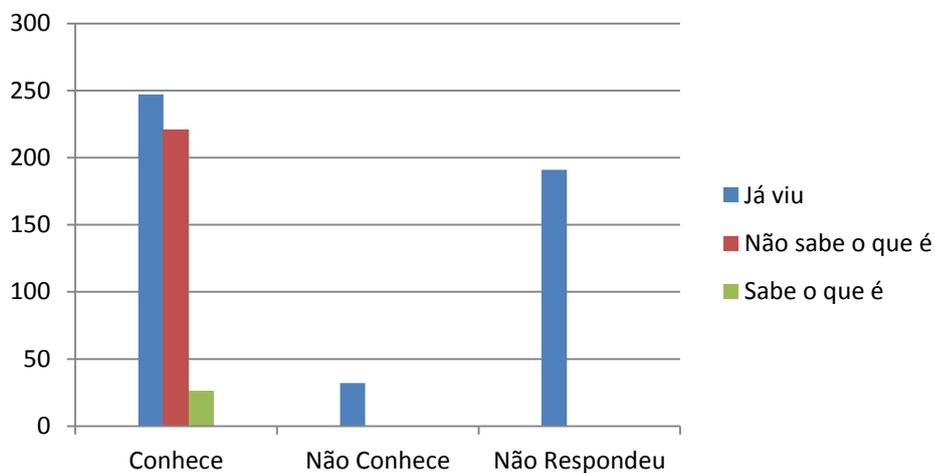
O local indicado para a realização dessa exposição foi na edificação da Laneira, pois se entendeu que, dessa forma, seriam localizadas no espaço as memórias que foram compartilhadas, e como o próprio imóvel é considerado um evocador de memórias, a exposição terá como um dos objetivos localizar novos entrevistados em potencial.

Também foi considerado que, durante a aplicação da atividade nas escolas, muitos jovens demonstraram interesse e curiosidade de conhecer a edificação, além de levar em consideração os dados obtidos nessas atividades⁵⁹. Primeiro dado é

⁵⁹ Todos os dados quantitativos sobre as atividades escolares são baseadas nas respostas escritas durante a atividade e que formam entregues à pesquisadora no seu término. E estão de acordo com a percepção da pesquisadora durante a atividade com a manifestação oral dos jovens. Deve se

que a grande maioria dos alunos participantes reconhece o prédio da antiga fábrica e consegue localizá-lo no Fragata, mas desconhece a sua antiga atividade⁶⁰ (Figura 36). Sendo assim, a exposição é uma maneira desses jovens conhecerem além da edificação e, de algum modo, já se sentirem como agentes desse bem, uma vez que possam ver que aquela atividade que participaram contribuir para a exposição. Para efetivar esta apropriação, almeja-se que haja o retorno nas escolas, principalmente nas turmas que participaram das atividades, para uma nova ação com foco na exposição, na qual além de uma divulgação, seja uma forma de mensurar como a atividade anterior contribui para o projeto da exposição.

Figura 36 – Resposta dos alunos para a pergunta se conhecem o prédio da Laneira, e no caso de resposta afirmativa, se sabem o que funcionava antigamente



Fonte: Autora, 2016.

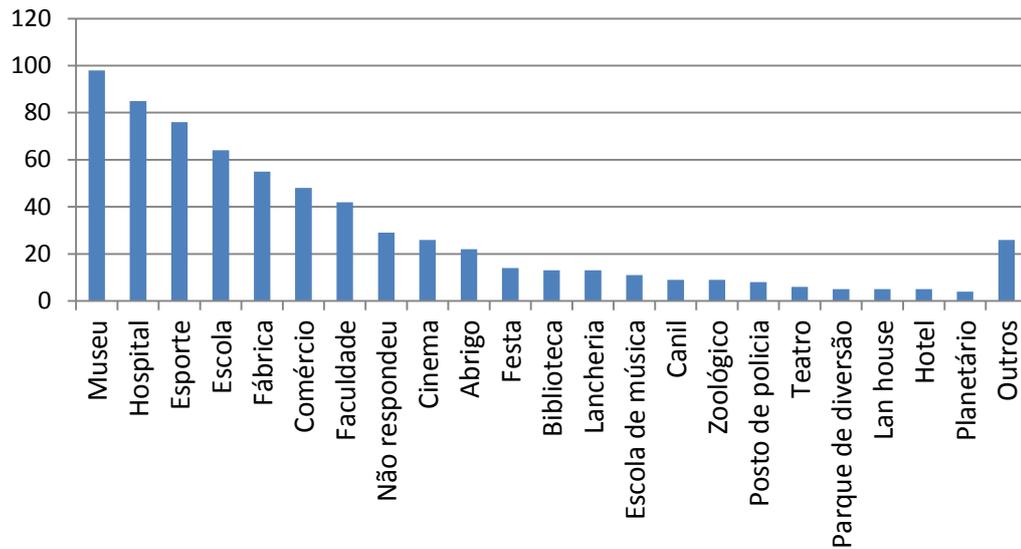
Outro dado considerado de grande relevância, devido ao contexto cultural no qual se está trabalhando: escolas públicas, foram os dados obtidos quando foi pedido aos os alunos sugestões de um novo uso para a edificação da antiga fábrica. Noventa e oito alunos, aproximadamente 20% do total, sugeriram que houvesse naquele espaço um museu⁶¹ (Figura 37), cabe salientar que nesse momento da atividade ainda não havia se contado sobre o projeto Laneira Casa dos Museus, sendo esse explicado apenas ao final de toda a atividade. Sendo assim, acredita-se que a exposição tem potencial para ser aceita por essa nova geração.

atentar que durante a atividade não houve a obrigatoriedade da escrita, os alunos foram apenas orientados que assim fizessem, dessa forma, na construção dos gráficos houve a necessidade de apontar a quantidade de alunos que não responderam de forma escrita.

⁶⁰ Dados obtidos na atividade escolar na pergunta número 2 do Roteiro da atividade escolar (Apêndice A).

⁶¹ Dados obtidos na atividade escolar na pergunta número 4 do Roteiro da atividade escolar (Apêndice A).

Figura 37 – Novos usos para a Laneira sugeridos pelos alunos durante a atividade escolar



Fonte: Autora, 2016.

A exposição foi pensada para que se identifique os espaços da fábrica, tanto os de trabalho como os de sociabilidade, destacando aqueles mais citados nas narrativas coletadas, a fim de que cada espaço tenha uma descrição breve da sua função, principalmente nos espaços de trabalho, para que qualquer leigo em lanifícios entenda as atividades descritas, as quais sejam acompanhadas das memórias dos entrevistados. Por exemplo, no setor de fiação, local, onde a entrevistada Mirian trabalhou, e contou que quando não havia serviço eram comuns as brincadeiras, pois os funcionários se escondiam entre as máquinas e diziam ser assombrações. Ou quando comentavam das máquinas do setor de penteagem (20 – Figura 23), as “penteadeiras”, onde ocorriam mais acidentes de trabalho.

Dessa forma, considerando que a edificação da Laneira possui grandes dimensões, e como já colocado nesse texto, atualmente encontra-se com uma área consideravelmente grande, a qual vem sofrendo as ações do não uso, logo se encontram em processo de deterioração, ficando, assim, impossibilitada a circulação de pessoas nesses espaços. A área delimitada para a realização da exposição será, como os antigos funcionários denominam, no pavilhão novo, local escolhido por apresentar condições de segurança e por estar junto á prensa de tops, local destinado para ser instalado o Memorial da Laneira. Sendo assim necessários recursos expográficos para a representação dos ambientes não acessíveis pelo público. Uma solução seria uma maquete da edificação com indicação dos setores e ambientes de sociabilidade, com indicação dos textos e/ou áudios explicativos e fotografias.

As narrativas trazem, também, importantes informações sobre a história da fábrica e das técnicas utilizadas, as quais são ricas em detalhes da vida social e de sensações que não estão presentes em outros documentos, apenas na história oral, como os cheiros e barulhos. Ponderando-se, sobre isso, e considerando que se deve expor o espírito do lugar, que - segundo a Declaração de Quebec (2008) - é a junção do tangível com o intangível, propõe-se um ambiente expositivo, o qual remeta aquelas sensações que os antigos funcionários narraram. Assim, que ele seja tomado por barulhos de máquinas, como aqueles que atrapalhavam a enfermeira para verificar a pressão, e pelo odor da soda, produto usado para a lavagem da lã ainda bruta, como contou Seu Marco Aurélio.

Também há narrativas bem lúdicas, como a da Adriana que utilizava a rampa da prensa como escorregador, e a da Mirian que brincava de esconder entre as máquinas com os colegas, memórias que fazem parte do espaço fabril, mas que por terem esse perfil, são histórias que podem ser utilizadas para a aproximação com o público mais jovem, como os alunos que participaram da atividade escolar. Diante disso, pensou-se que nesse ambiente cheio de sensações fabris poderia ter projeções dos desenhos realizados na atividade, a qual poderia ser alimentada com novos desenhos realizados por jovens durante a exposição, os quais serviriam de material para avaliação sobre a valorização durante esse processo de aprendizagem sobre um patrimônio industrial.

Além do objetivo de localizar possíveis entrevistados, a exposição também almeja a possibilidade de cadastrar objetos com potencial de acervo para o Memorial da Laneira. Durante as entrevistas, percebeu-se que estes objetos ainda resistem ao tempo e são salvaguardados por aqueles que trabalharam na fábrica, como as fotografias do Seu Gilberto e as da Família Basílio, a qual também guarda outros objetos como um termômetro, lãs e revistas com propagandas da fábrica (Figura 38). Diante disso, acredita-se que a exposição não só será um meio de extroversão, mas também uma primeira ação do Memorial, que, mesmo antes da sua existência, já vá fortalecendo o vínculo dos agentes da Laneira com o seu novo uso.

Figura 38 – Lãs e propaganda dos produtos da Laneira (1994)



Fonte: Acervo particular de Geni da Silva Basílio.

Nesse sentido, acredita-se que essa exposição pode ser viva, que ao longo da sua permanência ela vá sendo alimentada, tanto por desenhos, imagens, objetos e narrativas, como uma maneira de aproximação da proposta de novo uso com os seus agentes, a fim de que eles não se sintam apenas como espectadores de uma exposição, mas como participantes, o que realmente são desse patrimônio.

Neste tipo de expografia, recursos de projeção seriam próprios, uma vez que para haver o acréscimo ou, até mesmo, uma correção, de informações e imagens, é necessária apenas a atualização de um arquivo digital, não tendo custo e nem muito tempo, apenas a mão de obra.

Para a realização desta exposição, deve-se contar com apoio do projeto de extensão de Implantação do Museu de Arqueologia e Antropologia (MUARAN) da UFPel, que durante o ano de 2014 realizou atividades de arqueologia industrial na Laneira, Museu que atualmente não tem um espaço físico próprio, mas é contemplado com um espaço permanente no projeto de requalificação e reciclagem Laneira Casa dos Museus. Já foi feito um primeiro contato com o seu coordenador professor Pedro Luis Machado Sanches, que demonstrou interesse em participar dessa ação. Também haverá a participação do projeto de extensão, O tempo da fábrica: inventário das memórias da extinta Laneira Brasileira S.A., coordenado pela professora Carla Rodrigues Gastaud, projeto que tem por objetivo inventariar e

cartografar as memórias relacionadas da comunidade da Laneira e também do Fragata para observar os fenômenos que ocorrem na paisagem cultural da Laneira.

Para essa exposição, também foi planejado que a matéria prima dessa antiga fábrica, a lã, fosse um produto muito presente no ambiente, se possível em todas as suas formas, desde a lã bruta até o fio pronto para o consumo, como sendo uma maneira de afirmação daquele enquanto antigo lanifício, uma vez identificado o desconhecimento dos jovens do antigo uso da edificação.

Durante as entrevistas, percebeu-se que a palavra Laneira funcionava como um evocador de memórias, nomeação que antes indicava a fábrica e a sua atividade, agora indica a edificação, Laneira atualmente denomina aquele lugar independente de seu antigo uso. Lynch (1997, p.144) destaca a importância de conhecer os espaços por nomes, pois ajudam na organização simbólica do ambiente, que o tornam mais agradáveis com a sensação de familiaridade, e completa “o próprio ato de dar nome e diferenciar o ambiente concorre para torná-lo mais vivo e aumentar, assim, a profundidade e a poesia da experiência humana”.

Assim, fica clara a necessidade de manutenção dessa nomeação, uma vez que identifica esse lugar, remetendo à antiga função. Porém, compreendeu-se durante as atividades nas escolas que os jovens desconheciam o antigo uso da Laneira, como também não a identificavam por esse nome. Um dos motivos desse desconhecimento ficou nítido no desenho (Figura 39) que um aluno fez, quando se observou a fotografia da fachada usada na atividade, visto que não desenhou parte do nome, justamente a palavra mais significativa, pois o letreiro da fábrica está coberto por vegetação impedindo a leitura da palavra Laneira (Figuras 40 e 41).

Figura 39 – Folha preenchida por um aluno durante a atividade escolar



Fonte: autora, 2015.

Figura 40 – Vista parcial da fachada. Ano 1994



Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPel.

Figura 41 – Vista parcial da fachada. Ano 2015



Fonte: <https://www.google.com.br/maps?hl=pt-BR>

Em virtude disso, acredita-se que na exposição proposta seja necessário reforçar a questão da lã e do nome do lugar como uma forma de continuidade de uma identidade que foi construída durante o tempo da fábrica em funcionamento e que ainda é presente nas narrativas dos agentes da Laneira, sendo evocadores de memória, pois como visto, ao longo do texto, os jovens não a conhecem.

Para que a exposição tenha seus objetivos alcançados, é necessário ter cuidado com a sua divulgação, a qual deve ser intensa dentro da comunidade do Fragata, para que abranja o maior número de agentes da Laneira, levando em consideração que é uma exposição que estará em construção, é fundamental a presença deles. Além disso, a elaboração de ações educativas para receber os jovens, os quais irão individualmente ou com suas escolas convidadas para a visita, principalmente aquelas que já participaram da atividade do inventário, as quais devem receber um convite diferenciado das demais, uma vez que para essas será uma continuidade de uma ação.

Reiterando, a participação da comunidade é fundamental quando se trata de patrimônios culturais com valor social. Nesse sentido, surgiu a proposta de uma exposição sobre a Laneira com o envolvimento de seus agentes, pois como bem coloca Kühl,

A maior participação da comunidade – processo que deve provir ampla e fundamentada conscientização – é imperativa para que exista um efetivo reconhecimento desses bens e, por conseguinte, um controle social. As comunidades devem chamar a si parcela de responsabilidade, através da percepção desse patrimônio como parte integrante de sua herança cultural e de sua identidade, que constitui e que qualifica seu presente (e que fundamenta seu futuro), para que a questão não se limite a mais um procedimento burocrático-administrativo desprovido de legitimidade social. (KÜHL, 2008, p. 119 - 120)

Assim, essa exposição, além de ser uma forma de divulgação do inventário de memórias, realizado durante essa pesquisa, contribui com o Memorial, proporcionando interação entre agentes e os jovens. Além disso, visa buscar novos agentes, para que a identidade da Laneira venha a se fortalecer, formando novos agentes, proporcionando, dessa forma, movimento a um ambiente carregado de valor social, que se encontra fechado, inacessível aos seus agentes, com aspecto e sintomas de um imóvel abandonado. Feito isso, objetiva-se potencializar a valorização e apropriação da Laneira.

Considerações Finais

A Laneira, enquanto um patrimônio industrial, é um espaço evocador de memórias, que desperta lembranças e possui agentes, os quais participaram e influenciaram na sua trajetória (e ainda influenciam, mesmo que de forma tímida), ajudando a entender que é a partir das lembranças desses agentes que são potencializadas a valorização e apropriação do bem com a sociedade. Além disso, percebeu-se a possibilidade de que esse sentimento seja passado aos jovens, às gerações futuras a fim de incorporar esses novos agentes, a partir de suas memórias, pois os valorizando se está identificando e qualificando o valor extrínseco dos vestígios, dando a devida importância ao sentimento identitário que a Laneira causa na comunidade.

Essas afirmações são percepções apanhadas durante essa pesquisa, pois foi a partir delas que foi possível responder as indagações que a nortearam. Sobre como a Laneira alterou e ainda altera o seu entorno, compreendeu-se que há, na Laneira, uma indústria que durante o seu funcionamento causou muitas modificações no local onde foi instalada, desde a sua construção, com uma fachada que se destacava na paisagem tanto por suas dimensões, como por seu revestimento, que era uma inovação para a época, depois com suas ampliações que a reforçaram como um marco na paisagem. No entanto, não foi apenas pelo imóvel, mas também pelo fluxo de pessoal que gerou: seus funcionários, os quais também eram moradores do Fragata e trabalhavam em três ou quatro turnos, conforme a época, para que a fábrica não parasse de funcionar, como também o movimento de veículos, principalmente dos caminhões que descarregavam e carregavam mercadorias.

Atualmente, ela não tem mais essa capacidade de interação com seu entorno, já que não causa mais alterações, mas não perdeu o seu status de marco, visto que a Laneira continua a ser um ponto de referência, e também um sociotransmissor e um indicador de identidade (Candau, 2012), embora para apenas uma parcela da comunidade. Essa consideração ajudou a responder a pergunta sobre a relação da Laneira com o entorno e sua importância, pois há uma identidade a ela associada, que, como já visto, ainda é muito presente entre os agentes da

Laneira, os quais, na grande maioria, continuam moradores do Fragata, logo ainda fazem parte do seu entorno.

Quanto ao que deve ser preservado, destaca-se o seu valor social, que vai além da dimensão material do que restou da extinta fábrica: a sua edificação, mas é na imaterialidade que surge o seu real sentido, visto que foi nas diversas e múltiplas relações entre os agentes desse espaço e no sentido que estes depositaram neste bem, pois foi a Laneira o cenário de histórias de suas vidas, e ali estão ancoradas várias memórias de um grupo de indivíduos. Sabe-se que deve haver também a preservação da materialidade, pois estes são os evocadores dessa memória que aqui são destacados. Assim, o que se pretende que é seja preservado o que defendido durante o texto, ou seja, o espírito do lugar, que é a associação do tangível e do intangível, aquilo que possui significado, que identifica a identidade desses agentes, e ajude a manter esse espírito do lugar vivo e transmiti-lo aos agentes em potencial. No entanto, sabe-se que muito da materialidade foi perdida pelo fechamento do fábrica e por seu atual abandono, podendo com o novo uso perder mais referenciais, os quais devem ser resgatados por fotografias e pelas narrativas, sendo identificados como algo importante dentro da fábrica para a identidade dos agentes. Nesse sentido, destaca-se a importância do Memorial da Laneira para contribuir na realização dessa preservação.

A última pergunta norteadora, a qual questionava como destacar o patrimônio industrial, percebeu-se que só ocorre a partir do reconhecimento da comunidade, pois esse bem é parte da cultura, da história e, principalmente, formadora de uma identidade, a qual ainda se mostra muito presente nos agentes, mas com potencial de enfraquecimento devido à dispersão do grupo, porém, com potencial para essa valorização. Como já colocado, alguns entrevistados, que após as narrativas começaram a ter novo olhar sobre a Laneira, agora como algo a ser preservado.

Em virtude disso, defende-se que a preservação desse patrimônio industrial tem uma das razões justificadas nas relações que desenvolve com os seus agentes, o que o torna testemunha de biografias; criando, portanto, vínculos entre esses agentes e afirmando a identidade entre eles. Logo, o desaparecimento desse patrimônio colocaria em risco esses vínculos identitários e também o esquecimento de memórias que contam a história de uma fábrica, a qual ajudou no desenvolvimento do bairro e da cidade.

Pela análise das entrevistas, considera-se que a identidade da Laneira ainda se mostra forte em seus antigos funcionários, mesmo com o enfraquecimento do quadro social. Tal fato é atribuído à maioria, a qual trabalhou por períodos longos na fábrica, pois essa não adotava o regime de “safra” comum em outras fábricas, as quais contratava pessoal para poucos meses, quando o trabalho é maior. Na Laneira, era ao contrário, os funcionários eram permanentes, e, assim, situação que colaborava para criarem laços entre eles.

Ao preservar a Laneira, além de fortalecer a identidade do espaço, também se está colaborando para que as suas memórias continuem (e/ou venham) a ser compartilhadas, ou seja, que prossiga a atuar como um sociotransmissor. A partir do patrimônio tem-se uma representação do que sobrou do passado, com a qual os agentes compartilham, tendo, dessa forma, uma garantia de que a memória coletiva terá continuidade. Ainda sobre essa ideia, Candau afirma que “a patrimonialização desempenha um papel essencial para autenticar uma narrativa coletiva de um passado compartilhado” (CANDAU, 2009, p. 49).

Conforme visto, as atividades nas escolas mostraram o desconhecimento dos jovens sobre a Laneira, e o objetivo de localizar possíveis depoentes não foi concretizado. Entretanto, conseguiu-se alcançar outra meta, a de provocar nesses jovens a curiosidade e, principalmente, a percepção de um prédio, que, até então, mesmo sendo um marco na paisagem, era apenas um lugar abandonado, passando a ser visto, a partir de então, como um lugar a ser valorizado, cheio de história e importante para o território em que se encontra.

Esse processo foi acionado pela atividade proposta, contribuindo para a continuidade das memórias. Notou-se, dessa forma, que alguns jovens já se mostram sensíveis ao valor do espaço fabril. Pode-se citar o exemplo de um aluno que, durante a atividade, mostrou conhecer bem o local, onde a Laneira está inserida, mas desconhece o que funcionava ali, quando lhe foi relatada a história da fábrica e o valor a ela associado, o garoto contou que, em certo dia, jogou futebol na calçada em frente ao prédio, quebrando um vidro em virtude de uma forte bolada. Seu relato foi em um tom quase de confissão e completou a sua história, afirmando que, se ele soubesse o que a Laneira significava, teria tomado mais cuidado.

Ao preservar a história do local, tem-se a intenção de que se conheça esse espaço por meio de memórias, mostrando o valor documental, pois o patrimônio possui também o caráter informativo sobre todos os valores, assumindo o papel de

suporte de conhecimento, colaborando para a formação dos indivíduos, principalmente dos mais jovens, os quais desconhecem a história da Laneira. A arquiteta Kühl (2008), sobre o valor de documento de um bem, defende que

Preservar documentos históricos de modo extenso é ação inclusiva, que beneficia não apenas alguns setores do presente, mas a sociedade de um modo mais abrangente ao longo do tempo. Ou seja, permite que o presente e futuro entrem em contato com um universo mais variado, assegurando a diversidade (KÜHL, 2008, p. 214).

Para isso, tem-se, nas entrevistas, uma forte ferramenta, as quais mostram o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido, para quem realmente importa, no caso, a comunidade da Laneira, que, além de contribuir para a reconstituição da trajetória da fábrica, auxilia no seu reconhecimento e valorização. Todo esse conhecimento adquirido com alguns agentes - antigos trabalhadores e moradores do bairro - deve ser transmitido para os novos usuários e para suas gerações futuras, além de identificar as marcas e os vestígios que suportam essa memória.

A verificação do reconhecimento, da valorização e também da apropriação da Laneira era o objetivo geral desta pesquisa. Em virtude disso, a metodologia utilizada foi satisfatória quanto ao reconhecimento e valorização da Laneira enquanto patrimônio industrial. Durante a pesquisa foram apresentados exemplos de mudanças de olhares sob a edificação e a percepção de outros valores agregados a ela, mas essas ações não devem ser isoladas, pois deve haver uma continuidade de situações para que o reconhecimento e a valorização sejam definitivos. Assim, levando em consideração essa questão, propôs-se a exposição, para que haja a apropriação, pois foi identificado o potencial dos jovens pela curiosidade de querer conhecer o local e a vontade dos agentes de retornar aquela localidade.

Destaca-se, também, que a metodologia utilizada contribuiu para manter vivo o espírito do lugar, pois como sugere a Carta de Quebec (2008), é necessário ativá-lo constantemente, ou seja, que o trabalho de memória não venha ser interrompido, elemento fundamental para a sua preservação e valorização.

Quanto aos objetivos específicos, todos foram alcançados, visto que foram feitos o inventário de memórias da Laneira, a identificação dos espaços de trabalho e sociabilidade, a verificação do espaço fabril, como paisagem industrial, tanto pela percepção dos entrevistados, como pela legislação pelotense, a qual se mostra de acordo que a Laneira e seu entorno, seja considerada uma paisagem. Fica claro, dessa forma, que a contribuição do presente trabalho, sobre patrimônio industrial, foi

a metodologia desenvolvida e testada, visto que atendeu as expectativas desta pesquisa. Quanto à constituição de uma coleção de fragmentos da fábrica, apesar da importância, não foi concretizada, mas percebeu-se que esses objetos e documentos existem, pois seus donos demonstraram interesse na doação para o Memorial da fábrica.

Uma das hipóteses desta pesquisa era a Laneira ser considerada como paisagem cultural, como já visto, tanto nas entrevistas, na qual a edificação aparecia relacionada ao seu entorno, quanto nas atividades escolares, mesmo a Laneira não aparecendo nas respostas dos jovens. Notou-se, dessa forma, que ela não passa despercebida no seu contexto, sendo afirmada como um marco na paisagem.

Porém, quanto à questão do poder de evocação de memórias e função identitária, foi provado que apenas com uma parcela da comunidade, os agentes da Laneira - os antigos funcionários e quem a viu operando -, que a antiga fábrica funciona como evocador de memórias e possui sentimento identitário. Inclusive há exemplos de evocadores de memórias da fábrica salvaguardados na própria residência dos entrevistados, como uma maneira de preservar a Laneira. No entanto, essa premissa foi negada pelos jovens dessa comunidade, embora a fábrica tenha potencial de apropriação pelos jovens.

Em abril de 2016, a prefeitura de Pelotas iniciou as obras de requalificação da Avenida Duque de Caxias, cujo projeto prevê melhorias no mobiliário urbano, no paisagismo e na urbanização. Essa informação é relevante, pois qualifica a paisagem cultural identificada a qual colabora com a pesquisa, pois existe um potencial de maior valorização e apropriação do lugar e, posteriormente, do espaço fabril, quando estiver em seu novo uso.

Nesse contexto, todo o reconhecimento, valorização e apropriação de um patrimônio se devem a ações continuadas. No caso da Laneira, eles iniciaram com pesquisas anteriores e devem ser mantidos e intensificados, uma vez que seu abandono é perceptível, até que o espaço receba definitivamente o seu novo uso: a Laneira Casa dos Museus. Este trabalho contribuiu para esse processo, mas não o concluiu, tanto que foi sugerida uma exposição, por acreditar que, através dela, serão instigadas novas ações, além de provocar novos questionamentos e interpretações.

Todo o esforço de manter um patrimônio industrial e propor um novo uso qualificado, o qual contribua na valorização e apropriação da comunidade em geral,

mas principalmente da local, que ainda conta em seu entorno com famílias que têm membros de até duas gerações os quais trabalharam na fábrica e possuem apreço por tal espaço, é para proporcionar a essas pessoas e seus descendentes um local que respeite suas memórias. Além disso, para que outros indivíduos venham a utilizar e conviver, futuramente, com a Laneira Casa dos Museus e também a reconheça como patrimônio industrial, promovendo, assim, diálogos entre o passado e o presente desse espaço fabril.

Para encerrar, importante destacar a frase sobre as memórias de Seu Luís, com a narrativa: “Isso é uma coisa que vocês têm que colher, porque se vocês não colherem, no que passar a minha geração, ninguém mais vai saber” (OLIVEIRA, 2014).

Referências

ALBERTI, Verena. O lugar da história oral: o fascínio do vivido e as possibilidades de pesquisa. In: **Ouvir Contar: Textos em História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____. O que documenta a fonte oral: a ação da memória. In: **Ouvir Contar: Textos em História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ASSMANN, Aleida. Locais. In: **Espaços da recordação**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2011, p. 317-366.

BOBADILHO, Simone Sola; FERREIRA, Maria Leticia Mazzuchi. O Papel da História Oral na Reconstrução Da Memória Coletiva: Pano de Fundo a Fábrica Rheingantz. **XI Encontro Estadual de História**, 2012. Disponível em: http://www.eeh2012.anpuh-rs.org.br/resources/anais/18/1346381358_ARQUIVO_Simone.pdf. Acesso em: 03 fev. 2017

BRAGHIROLI, Ângelo. O Patrimônio Industrial e os Novos Paradigmas da Preservação. **Conselho em Revista / CREA-RS**, Porto Alegre, V.V., n. 57, 2009. Disponível em: <<http://www.crea-rs.org.br/site/arquivo/revistas/ed57.pdf>> Acesso em: 4 abril 2014.

BRASIL. **Portaria Nº 3.214**, de 08 de junho de 1978. Aprova as Normas Regulamentadoras–NR–do Capítulo V, Título II, da Consolidação das Leis do Trabalho, relativas a Segurança e Medicina do Trabalho. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/839945.pdf>. Acesso em: 7 dezembro 2016.

CANDAU, Joël. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. **Memória em Rede**. Pelotas, v.1, n.1, p. 43-58, 2009. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/ich/memoriaemrede/beta-02-01/index.php/memoriaemrede/article/view/54/53>. Acesso em: 2 jul. 2015.

_____. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CARTA de Bagé. Carta da paisagem cultural. Bagé, 2007.

Carta de Veneza. 1964. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=236>. Acesso em: 14 out. 2013.

CASTRIOTA, Leonardo. Paisagem cultural: novas perspectivas para o patrimônio. **Arquitextos**, São Paulo, ano 14, n. 162.02, Vitruvius, nov. 2013. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/14.162/4960>. Acesso em 12 jul. 2015.

COELHO, Jossana Peil. **Identificação de suportes de memória no prédio da extinta fábrica Laneira Brasileira S.A.** Monografia (Graduação) Curso de Bacharelado em Museologia. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, RS. 2014.

CORREA, Celina Maria Britto; MICHELON, Francisca. Expografia Acessível: Estudo de suporte expográfico com desenho universal. **Memória em Rede**, Pelotas, v. 3, n. 9, 2013. Disponível em: <<http://www.ufpel.edu.br/ich/memoriaemrede/beta-02-01/index.php/memoriaemrede>>. Acesso em: 9 out. 2013.

COSSONS, Neil. **Perspectivas, Percepções e o público**. Texto apresentado na Sessão plenária do TICCIH. Congress 2009 em 31 de agosto na cidade de Freiberg, Alemanha. Disponível em: <www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/download/989/715>. Acesso em: 21 abr. 2014.

COTRIM, Gilberto. **História Global: Brasil e Geral**. 6ª edição. São Paulo: Saraiva, 2002.

DEZEN-KEMPTER, Eloisa. O Lugar do patrimônio industrial. **Revista Labor & Engenho**, Campinas, v.5, n.1, p.107-125, 2011. Disponível em: <http://www.conpadre.org/L%26E/L%26E_v5_n1_2011/06_p107-125.pdf>. Acesso em: 25 maio 2014.

ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. **História da Educação**, Pelotas, v. 4, n. 8, p. 141-174, 2000. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30143/pdf>. Acesso em: 03 fev. 2017.

ESSINGER, Cíntia Vieira. **BICHO DA SEDA: o espaço dos operários das fábricas de fiação e tecelagem em Pelotas**. 2007. Disponível em: <http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh/IV%20Jornada%20GT%20Mundos%20do%20Trabalho/completos/Cintia_Essinger.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2014.

FERREIRA, Maria Leticia Mazzuchi. Patrimônio: as várias dimensões de um conceito. **História em Revista**, Pelotas, v. 10, p. 29-39, 2004. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/ich/ndh/hr/hr_10/historia_em_revista_10_maria_leticia.html>. Acesso em: 02 maio 2014.

_____. Patrimônio industrial: lugares de trabalho, lugares de memória. **Revista Museologia e Patrimônio**, v. 2, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus>>. Acesso em: 25 nov. 2013.

_____. Reflexões sobre reconhecimento e usos do patrimônio industrial. **Cultura Material e Patrimônio da Ciência e Tecnologia**. Rio de Janeiro: MAST, 2009. Disponível em: <http://www.mast.br/livros/cultura_material_e_patrimonio_da_ciencia_e_tecnologia.pdf>. Acesso em: 04 maio 2016.

FIGUEIREDO, Lauro César. Memória, cidade e documentação: transformação da paisagem cultural da cidade de Santa Maria a partir da fotografia. In: PIMENTA, Margareth de Castro Afeche; Figueiredo, César. **Lugares: Patrimônio, Memória e Paisagens**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

Fray Bentos Industrial Landscape. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/list/1464/#news>>. Acesso em: 28 maio 2016.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio histórico e cultural.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

ICOMOS. **Declaração de Québec sobre a preservação do Spiritu loci,** ICOMOS, 2008. Disponível em: <http://www.icomos.org/quebec2008/quebec_declaration/pdf/GA16_Quebec_Declaration_Final_PT.pdf>. Acesso em: 28 maio 2016.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br/>>. Acesso em: 7 maio 2014.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico (IPHAN). **Educação Patrimonial Histórico, conceitos e processos.** Brasília, DF: Iphan/DAF/Cogedip/Ceduc, 2014. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Educacao_Patrimonial.pdf. Acesso em: 20 abr. 2016.

_____. **Educação Patrimonial: Manual de Aplicação – Programa Mais Educação.** Brasília, DF: Iphan/DAF/Cogedip/Ceduc, 2013a. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16727&Itemid=1119. Acesso em: 16 jun. 2015.

_____. **Educação Patrimonial – Programa Mais Educação.** Brasília, DF: IPHAN, 2013b. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16727&Itemid=1119. Acesso em: 16 jun. 2015.

_____. **Patrimônio mundial: fundamentos para seu reconhecimento – A convenção sobre proteção do patrimônio mundial, cultural e natural, de 1972 : para saber o essencial.** Brasília, DF: IPHAN, 2008. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/files/Cartilha_do_Patrimonio_Mundial.pdf. Acesso em: 12 jul. 2015.

_____. **Portaria nº 127** de 30 de abril de 2009. Estabelece a chancela da Paisagem Cultural Brasileira. Disponível em: <https://iphanparana.files.wordpress.com/2012/09/portaria-iphan-chancela-da-paisagem-cultural.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2016.

IZQUIERDO, Ivan. Memórias. **Estudos históricos** [online]. vol.3, n.6, 1989. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141989000200006>. Acesso em: 16 mar. 2015

JOVJELOVITCH, Sandra e BAUER, Martin. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W., GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático.** Petrópolis: Vozes, 2008.

KOHLSDORF, Maria Elaine. A preservação da identidade dos lugares. **ARQADIA: revista eletrônica do curso de Arquitetura & Urbanismo**. Instituto de Ensino Superior Planalto – Faculdades Planalto. Departamento de Arquitetura & Urbanismo, v.1, n.1, Brasília: Editora, 2012. Disponível em: <http://issuu.com/iesplan/docs/revista_-_arqadia_-_revisada>. Acesso em: 08 fev 2014.

KÜHL, Beatriz Mugayar. Patrimônio industrial: algumas questões em aberto. **Revista Eletrônica de Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu**, n. 3, 2010. Disponível em: <http://www.usjt.br/arq.urb/numero_03/3arqurb3-beatriz.pdf>. Acesso em: 6 fev. 2014.

_____. **Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização: Problemas Teóricos de Restauro**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.

LEMOS, Carlos A. C. **O que é Patrimônio Histórico?** 5ª edição. Brasília: Brasiliense, 2006.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MELO, Chanaísa. **Fragmentos da Memória de uma Fábrica na Coleção Fotográfica Laneira Brasileira Sociedade Anônima**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2012.

MICHELON, Francisca Ferreira (org). **Patrimônio cultural edificado da Universidade Federal de Pelotas: primeiro estudo**. Pelotas: Editora da Universidade Federal de Pelotas, 2013.

MICHELON, Francisca Ferreira; LEAL, Noris Mara Pacheco Martins (org). **Os Museus do Conhecimento: catálogo dos museus da UFPel**. Bagé: Bühring, 2016.

MICHELON, Francisca Ferreira; RIBEIRO, Diego Lemos; COELHO, Jossana Peil. Memórias da fábrica: identificação de elementos para o projeto de reciclagem da extinta Laneira Brasileira S.A./ Pelotas – RS. **Museologia e Patrimônio**, v.8, n 1, 2015. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/392/373>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

MOURA, Rosa Maria Rolim de; SCHLEE, Andrey Rosenthal. **100 Imagens da Arquitetura Pelotense**. 2ª edição. Pelotas: Pallotti, 2002.

NERY, Olívia Silva; SCHNEID, Frantieska Huzsar; FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi; MICHELON, Francisca Ferreira. Caixas de memórias: a relação entre objetos, fotografias, memória e identidade ilustradas em cenas da ficção. **Ciências Sociais**. Unisinos, São Leopoldo, Vol.51, N.1, p.42-51, jan/abr 2015. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2015.51.1.05/4598>. Acesso em: 28 abr. 2016.

NORA, Pierre. Entre Memória e História – A problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC – SP**, n. 10, p. 7-28, 1993. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>>. Acesso em: 06 fev. 2014.

Núcleo de Patrimônio Cultural vai para a Extensão. Disponível em: <<http://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2014/01/24/nucleo-de-patrimonio-cultural-vai-para-extensao/>>. Acesso em: 8 fev. 2014.

Obras do Centro de Cuidados Paliativos têm início no dia 26. Disponível em: <<http://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2014/02/20/obras-centro-de-cuidados-paliativos-tem-inicio-dia-26/>> Acesso em: 01 maio de 2014.

Obras na Duque, JK e D. de Almeida começam semana que vem. Disponível em: <<http://ru.ucpel.edu.br/2016/04/obras-na-duque-jk-e-d-de-almeida-comecam-semana-que-vem/>>. Acesso em: 14 maio de 2016.

PELOTAS. **Decreto Nº 4.703**, de 21 de dezembro de 2004. Dispõe sobre os bens integrantes do Inventário do Patrimônio Cultural de Pelotas. Disponível em: http://www.pelotas.rs.gov.br/interesse_legislacao/decretos/2004/decreto_4703.pdf. Acesso em: 10 abr. de 2016.

PELOTAS. **Decreto nº 5.685**, de 08 de novembro de 2013. Dispõe sobre os bens integrantes do Inventário do Patrimônio Cultural de Pelotas, e dá outras providências. Disponível em: http://www.pelotas.rs.gov.br/interesse_legislacao/decretos/2013/DECRETO5685.pdf. Acesso em: 10 abr. de 2016.

PELOTAS. **Lei nº 5.490**, de 24 de julho de 2008. Dispõe sobre a delimitação dos Distritos do Município de Pelotas e das Regiões Administrativas do seu Distrito Sede (Zona Urbana), e dá outras providências. Disponível em: http://www.pelotas.rs.gov.br/interesse_legislacao/leis/2008/lei_5490.pdf. Acesso em: 10 abr. de 2016.

PELOTAS. **Lei Nº 4.568**, de 7 de julho de 2000. Declara áreas da cidade como zonas de preservação do patrimônio cultural de pelotas - zppcs - lista seus bens integrantes e dá outras providências. Disponível em: http://www.pelotas.rs.gov.br/interesse_legislacao/leis/2000/Lei_n_4568.pdf. Acesso em: 10 abr. de 2016.

PELOTAS. **Lei nº 5.502**, de 11 de setembro de 2008. Institui o Plano Diretor Municipal e estabelece as diretrizes e proposições de ordenamento e desenvolvimento territorial no Município de Pelotas, e dá outras providências. Disponível em: http://www.pelotas.rs.gov.br/interesse_legislacao/leis/2008/lei_5502.pdf. Acesso em: 10 abr. de 2016.

Reciclagem e requalificação de espaço industrial para implementação de Museus Inclusivos. Projeto de Ensino, Universidade Federal de Pelotas, 2014.

RIBEIRO, F. e VIEIRA, S.. O zoneamento urbano como estratégia de preservação da paisagem cultural do centro histórico de Pelotas, RS. **Revista de Geografia e ordenamento do Território (GOT)**, n.º 6 (dezembro). Disponível em: <http://cegot.org/ojs/index.php/GOT/article/view/2014.6.016>. Acesso em 07 dez. 2015.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem Cultural e Patrimônio**. RJ: IPHAN, 2007.

RUFINONI, Manoela Rossinetti. Valorização e musealização da paisagem industrial napolitana: o Parque Urbano de Bagnoli. **Arq. Urb Revista Eletrônica de Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu**, n. 3, 2010. Disponível em: http://www.usjt.br/arq.urb/numero_03/6arqurb3-manoela.pdf. Acesso em: 13 jul. 2014.

SCHIMIDT, Maria Luísa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: Memória Coletiva e Experiência. **Psicologia USP**. São Paulo, v. 4, n. 1/2, 1993. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/download/34481/37219>. Acesso em: 5 abr. 2015.

Secretário da Fazenda visita a Laneira Brasileira em Pelotas. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 25 jul. 1961, p. 02. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093726_04&PagFis=12284. Acesso em: 01 abr. 2016.

SILVA, Leonardo Mello e. Patrimônio industrial: passado e presente. **Revista Eletrônica do IPHAN**, v. 4, 2006. Disponível em: <http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=164>. Acesso em: 6 fev. 2014.

SILVA, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. 6 ed. 2 reimp. SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

TICCIH. **Carta de NizhnyTagil sobre o patrimônio industrial**, TICCIH, 2003. Disponível em: <http://www.mnactec.cat/ticcih/pdf/NTagilPortuguese.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2015.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias. **Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História e do Departamento de História**, v. 15, 1997, Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/11216/8224>. Acesso em: 25 mar. 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. **Fototeca Memória da UFPel**. Disponível em: <http://www.ufpel.edu.br/ich/arquivofotografico/>. Acesso em: 27 fev. 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. **Laneira Casa dos Museus**. Disponível em: <https://laneira.wordpress.com/>. Acesso em: 18 dez. 2016.

UFPel adquire imóvel da antiga Laneira Brasileira para a área da Saúde. Disponível em: <<http://ccs.ufpel.edu.br/wp/2010/02/22/ufpel-anuncia-compra-da-laneira/>>. Acesso em: 1 maio 2014.

VIANA, João Garibaldi Almeida. A ovinocultura na história: ascensão, declínio e recuperação na fronteira Brasil-Uruguaí. **Sociedade e Desenvolvimento Rural online.** v. 9, n. 1, jan/2015. Disponível em: <http://www.inagrodf.com.br/revista/index.php/SDR/article/viewFile/240/183>. Acesso em: 11 fev. 2016.

VIEIRA, Sidney Gonçalves. **Breves notas acerca da paisagem urbana.** (mimeo) Pelotas, 2003.

_____. A memória da cidade e do lugar. **II Seminário de estudos urbanos e regionais.** Pelotas, 2006.

WEISSHEIMER, Maria Regina. Paisagem cultural brasileira: do conceito à prática. **Fórum Patrimônio.** v. 5, n. 2, 2012. Disponível em: http://www.forumpatrimonio.com.br/seer/index.php/forum_patrimonio/article/view/11. Acesso em: 11 fev. 2016.

Fontes

AVILA, Lenir Moreira de. **Depoimento.** [Mar. 2016]. Entrevistadora: Jossana Peil Coelho. Pelotas, 2016.

BARBOSA, Gilberto Lopes. **Depoimento.** [Set. 2016]. Entrevistadora: Jossana Peil Coelho. Pelotas, 2016.

BASILIO, Adriana. **Depoimento.** [Set. 2015]. Entrevistadora: Jossana Peil Coelho. Pelotas, 2015.

BASILIO, Geni da Silva. **Depoimento.** [Set. 2015]. Entrevistadora: Jossana Peil Coelho. Pelotas, 2015.

BASILIO, Jacqueline. **Depoimento.** [Set. 2015]. Entrevistadora: Jossana Peil Coelho. Pelotas, 2015.

COSTA, Marco Aurélio. **Depoimento.** [Dez. 2016]. Entrevistadora: Jossana Peil Coelho. Pelotas, 2016.

FERNANDES, Miriam Helem Soares. **Depoimento.** [Maio. 2014]. Entrevistadora: Jossana Peil Coelho. Pelotas, 2014.

ISQUIERDO, Aurélio Helena Voloski. **Depoimento.** [Jun. 2014]. Entrevistadora: Jossana Peil Coelho. Pelotas, 2014.

LEAL, Nórís Mara Pacheco Martins. **Depoimento.** [Abr. 2014]. Entrevistadora: Jossana Peil Coelho. Pelotas, 2014.

MESQUITA, Aquilino da Porciuncula. **Depoimento**. [Ago. 2016]. Entrevistadora: Jossana Peil Coelho. Pelotas, 2016.

NETO, Roberto Levacov. **Mensagem Pessoal**. Mensagem recebida por rlevacov@terra.com.br em 28 mar. 2016

OLIVEIRA, Luiz Oscar Damaceno de. **Depoimento**. [Maio. 2014]. Entrevistadora: Jossana Peil Coelho. Pelotas, 2014.

PINTO, Ana Lúcia Silva. **Depoimento**. [Maio. 2014]. Entrevistadora: Jossana Peil Coelho. Pelotas, 2014.

PORTO, Marisa de Campos. **Depoimento**. [Nov. 2016]. Entrevistadora: Jossana Peil Coelho. Pelotas, 2016.

RIBEIRO, Antônio Carlos da Souza. **Depoimento**. [Ago. 2016]. Entrevistadora: Jossana Peil Coelho. Pelotas, 2016.

SILVA, Jorge Rodrigues da. **Depoimento**. [Out. 2015]. Entrevistadora: Jossana Peil Coelho. Pelotas, 2015.

SILVA, José Tadeu Rodrigues da. **Depoimento**. [Out. 2015]. Entrevistadora: Jossana Peil Coelho. Pelotas, 2015.

TRINDADE, Jacintho Chagas. **Depoimento**. [Nov. 2016]. Entrevistadora: Jossana Peil Coelho. Pelotas, 2016.

Apêndices

Apêndice A – Roteiro da atividade escolar

Roteiro da atividade escolar

1. Apresentação da pesquisadora, distribuição de folhas em branco, onde cada aluno colocará seu nome, idade e turma, será explicado o desenvolvimento da atividade, e se iniciará com as seguintes indagações, seguindo a ordem proposta:

- Quando eu falo Fragata, que lembram imediatamente?
- Pontos (locais / espaços) importantes que lembram no bairro Fragata (sensações e impressões)
- Qual a principal via do Fragata?
- Que tem de importante e/ou interessante nessa via?

2. Mostrar a foto impressa da Laneira e pedir que respondam, de forma escrita, para não influenciar os colegas, às seguintes perguntas:

- Vocês conhecem o prédio?
- Sabem onde fica?
- Qual o nome dele?
- Que funcionava anteriormente?

3. A partir das respostas anteriores, conversar sobre a Laneira, explicando o que foi, qual o seu nome e incentivar que:

- Desenhem a Laneira;
- Falem sobre o prédio: dimensões, materiais utilizados, por que tem esse nome, como veem o seu estado de conservação atual (fachada);

4. Por fim, será pedido que as crianças escrevam sugestões de novo uso, usando as informações dadas anteriormente, que usem a criatividade e que seja algo que elas utilizariam. Então, todos farão suas sugestões e a pesquisadora contará sobre o projeto Casa dos Museus.

Observação: As folhas preenchidas pelos alunos serão recolhidas ao fim das atividades para a obtenção de dados.

Apêndice B – Fichas das Escolas visitadas

Ficha da Escola

- Nome:
- Endereço:
- Telefone:
- Responsável, contatado para a visita:
- Ensino:
- Pertence a central de matrículas*?
- Número de turmas:
- Número de alunos:
- Número de professores:
- Turno de funcionamento:
- Procedência dos alunos:

* Central de Matrículas existe por meio de convênio entre a 5a CRE (Coordenadoria Regional de Educação) e SME (Secretaria Municipal da Educação) desde 2001, no qual foi adotado o sistema MEP (Matrícula na Escola Pública), que define a democratização da matrícula na rede estadual e municipal, mantendo assegurada a credibilidade de serviços públicos para a comunidade, garantindo por intermédio de atendimento informatizado a igualdade de condições para o acesso de sua permanência na escola e também a equidade entre candidatos pela definição clara de critérios do processo. Disponível em: <http://www.pelotas.rs.gov.br/educacao/centraldematriculas/>. Acesso em: 21 abr. 2016.

Apêndice C – Roteiro de entrevista – Modelo 1

Roteiro de Entrevistas

Entrevistado: Antigo funcionário

Tema da entrevista: Identificar elementos que são representativos para o entrevistado no prédio da Laneira S/A.

Perguntas: Foram pensadas perguntas-chave para introduzir os assuntos e dar liberdade ao entrevistado para falar do tema de maneira mais livre. As perguntas não têm uma ordem exata, podendo ser feitas conforme o andamento da conversa.

1. Nome:
2. Idade:
3. É (ou foi) morador do bairro Fragata? Se sim, enquanto trabalhava na Laneira? Qual local do Fragata?
4. O caminho para a Laneira era feito apenas quando ia trabalhar, ou era/é um local que costumava passar na frente?
5. Em qual época trabalhou na Laneira? (tempo de trabalho)
6. Era funcionário regular? Ou por safras?
7. Qual setor(es) trabalhou?
8. Qual atividade(s) desempenhou?
9. Como era a sua rotina de trabalho?
10. Conhecia os outros setores? Conhecia toda a fábrica e seus processos?
11. A fábrica tinha espaços de convivência? Eram espaços de lazer?
12. Que foi mais marcante durante o período em que esteve na Laneira?
13. Algum fato marcante?
14. Poderia escolher algum(ns) detalhe(s) que pode(m) representar a Laneira?
(Que não pode ser tirado/apagado do prédio, pois descaracterizaria a Laneira)

Apêndice D – Roteiro de entrevista – Modelo 2

Roteiro de Entrevistas

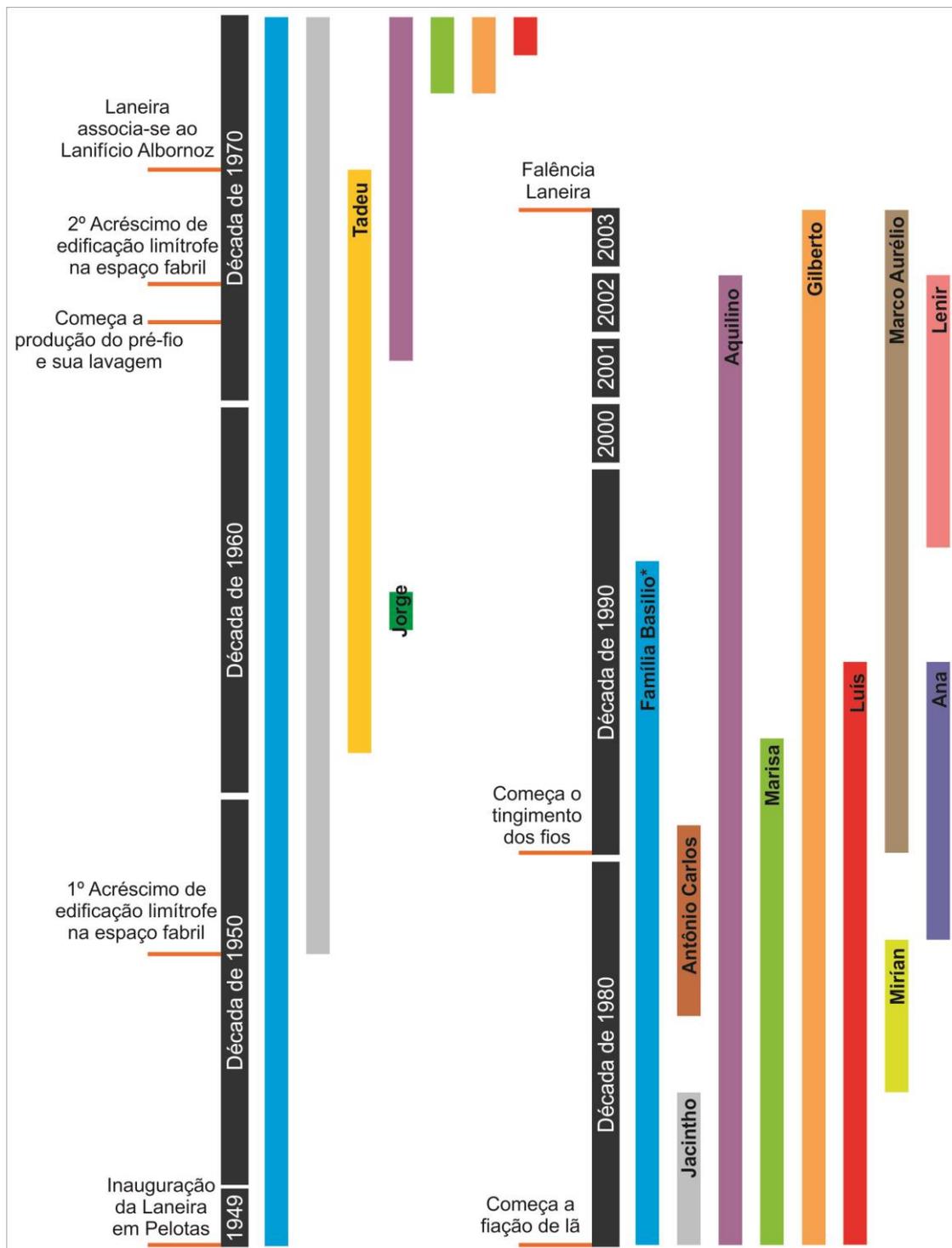
Entrevistado: Moradores do Bairro Fragata e frequentadores da Laneira

Tema da entrevista: Identificar elementos que são representativos no prédio da Laneira S/A para o entrevistado.

Perguntas: Foram pensadas perguntas-chave para introduzir os assuntos e dar liberdade ao entrevistado para falar do tema de maneira mais livre. As perguntas não têm uma ordem exata, podendo ser feitas conforme o andamento da conversa.

- 1- Nome:
- 2- Idade:
- 3- É (ou foi) morador do bairro Fragata? Qual local do Fragata?
- 4- A Laneira era/é um local que costumava passar pela frente?
- 5- Frequentava a Laneira? Por quê?
- 6- Em qual época? Com que frequência?
- 7- Conhecia a fábrica? Quais setores? Conhecia os seus processos?
- 8- Que foi mais marcante durante o período em que frequentava a Laneira?
- 9- Algum fato marcante?
- 10- Poderia escolher algum(ns) detalhe(s) que podem representar a Laneira?
(Que não pode ser tirado/apagado do prédio que descaracterize a Laneira?)

Apêndice E – Linha do tempo de funcionamento da Laneira Brasileira S.A. com tempo de serviço dos antigos funcionários entrevistados

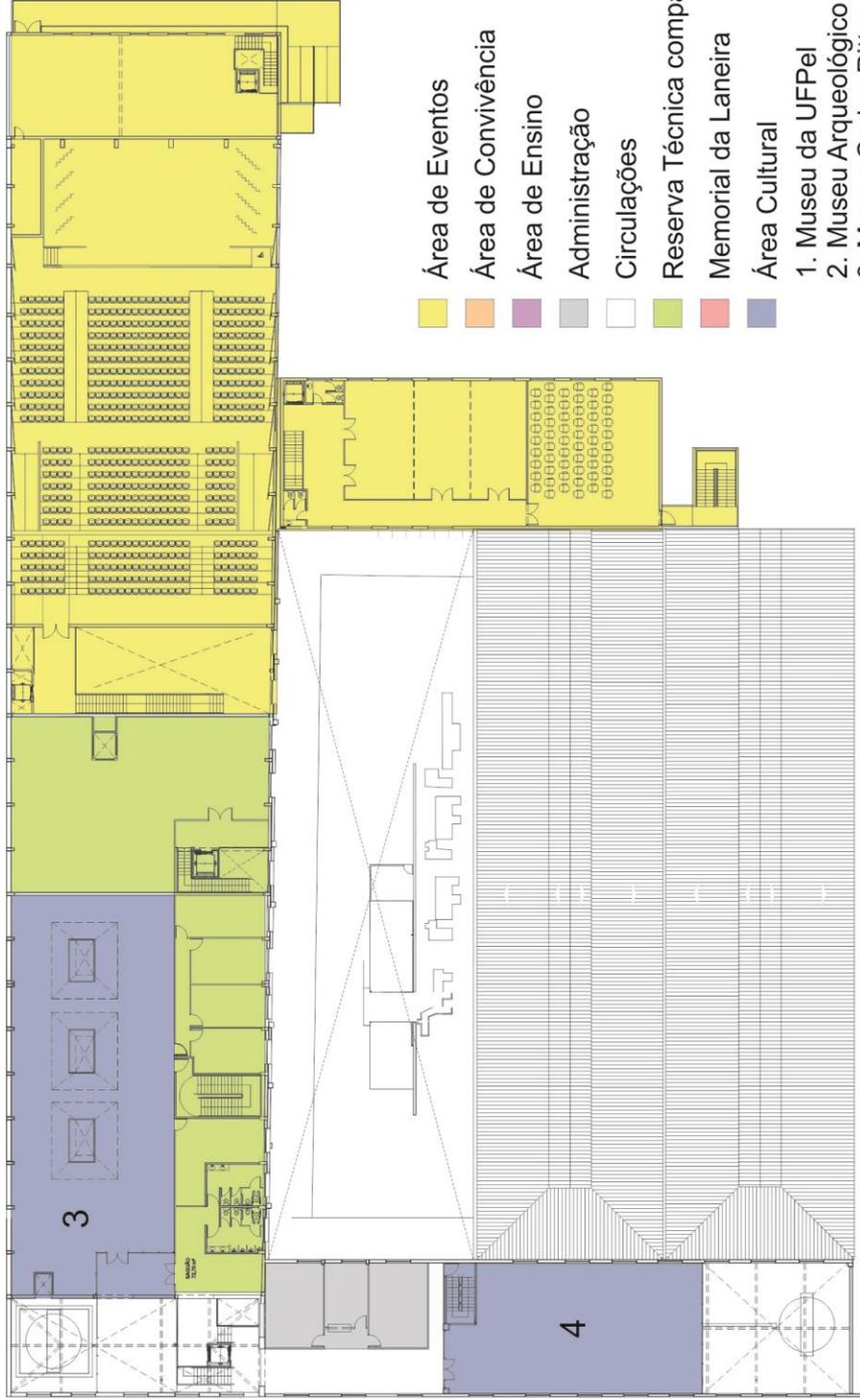


* A Família Basílio nessa linha do tempo é composta pela Dona Geni e duas filhas, Adriana e Jacqueline, entrevistadas nessa pesquisa. Embora nenhuma delas tenha trabalhado na Laneira, elas fazem parte desse esquema por terem grande conhecimento da fábrica. Dona Geni na sua infância morou nos fundos do espaço fabril, acompanhando sua construção, e casou com um antigo funcionário que iniciou seus trabalhos em 1951 ficando até se aposentar em 1997, e durante a sua época de trabalho na Laneira era comum levar as filhas até a fábrica.

Anexos

Anexo I – Setorização e Imagens do projeto arquitetônico de reciclagem e requalificação Laneira Casa dos Museus – Projeto de Ensino: Reciclagem e requalificação de espaço industrial para implementação de Museus Inclusivos/UFPeI, 2014.





Fachada



Fonte: Projeto de Ensino - Reciclagem e requalificação de espaço industrial para implementação de Museus Inclusivos/UFPeI, 2014.

Circulação – Acesso principal



Fonte: Projeto de Ensino - Reciclagem e requalificação de espaço industrial para implementação de Museus Inclusivos/UFPeI, 2014.

Área de Ensino



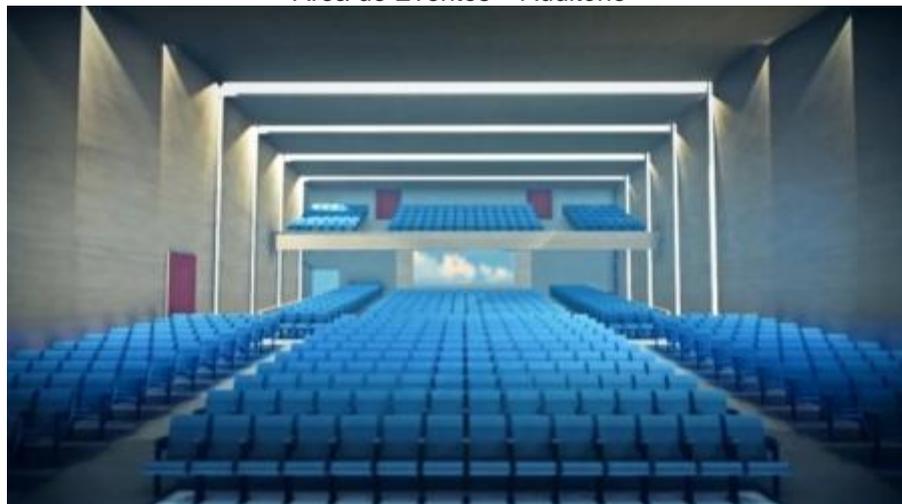
Fonte: Projeto de Ensino - Reciclagem e requalificação de espaço industrial para implementação de Museus Inclusivos/UFPeI, 2014.

Área de Convivência



Fonte: Projeto de Ensino - Reciclagem e requalificação de espaço industrial para implementação de Museus Inclusivos/UFPeI, 2014.

Área de Eventos – Auditório



Fonte: Projeto de Ensino - Reciclagem e requalificação de espaço industrial para implementação de Museus Inclusivos/UFPeI, 2014.

Área de Eventos – Cinema



Fonte: Projeto de Ensino - Reciclagem e requalificação de espaço industrial para implementação de Museus Inclusivos/UFPeI, 2014.

Anexo II – Ficha da Categoria Lugar do Manual de Aplicação: Programa Mais Educação

Lugares

Identificação

Nome

Escreva o nome mais comum e outros nomes pelos quais o lugar é conhecido.

Imagem

No quadro de imagem, insira fotos ou faça um desenho do lugar.

Que é

Conte de forma resumida que é o lugar.

Onde está

Procure descrever o lugar a partir das referências mais fáceis e conhecidas.

Períodos importantes

Descubra os momentos ou datas importantes associadas ao lugar.

História

Conte as diferentes versões sobre as origens e transformações do lugar ao longo do tempo.

Significados

Descubra que significados e funções o lugar tem para a comunidade.

Descrição

Pessoas envolvidas

Informe as principais pessoas envolvidas com o lugar.

Elementos naturais

Informe quais são os elementos presentes no ambiente natural.

Elementos construídos

Informe se há elementos construídos no lugar e quais são suas características.

Vestígios

Pesquise se o local possui vestígios de ocupações anteriores.

Materiais

Informar os principais materiais que constituem os elementos do lugar.

Técnicas ou modos de fazer

Pesquise sobre as técnicas utilizadas para a construção do lugar.

Medidas

Informe quais as medidas aproximadas: altura, largura, perímetro da área.

Atividades que acontecem no lugar

Informe as principais atividades realizadas no lugar por pessoas ou grupos.

Manutenção

Identifique os responsáveis e os cuidados necessários para manutenção do lugar.

Conservação

Informe se o lugar está bem ou mal cuidado.

Avaliação

Indique os principais pontos positivos e negativos para que o lugar continue sendo uma referência cultural.

Recomendações

Dê sugestões para a preservação do lugar, após fazer sua avaliação.